MOÇAMBIQUE PELO SEU POVO

EDIÇÃO DE JOSÉ CAPELA / PORTO 1971

MOÇAMBIQUE PELO SEU POVO

CARTAS À "VOZ AFRICANA"

selecção prefácio notas de: josé capela

afrontamento/porto

Os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título, são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam são enforcados, estes furtam e enforcam.

P.e António Vieira (**Sermão do Bom Ladrão**)

PREFÁCIO

O que se publica, a seguir, são cartas dirigidas pelos leitores ao jornal «Voz Africana».

Iniciei a publicação semanal de «Voz Africana» em 2 de Junho de 1962. Este título é pertença do Centro Africano de Manica e Sofala, Beira, que, na altura, e desde há muito, não dispunha de meios para o editar. Entramos num acordo, segundo o qual, o Centro Social, Lda.[1] *(que publicava, então, o «Diário de Moçambique» e que viria a publicar, mais tarde, outro semanário, «Voz da Zambézia», e a revista mensal «Em Economia de Moçambique) passaria a editar, de sua inteira responsabilidade, «Voz Africana».*

[1] Sociedade por quotas mais tarde transformada em sociedade anónima sob a designação de Companhia Editora de Moçambique S. A. R. L., em cujo capital ficou largamente maioritária a Diocese da Beira. A posição da Diocese nesta Companhia foi vendida em 1 de Setembro de 1970 a um grupo de que apareceu como único executivo o engenheiro Jorge Jardim, então o personagem principal dos grandes interesses que o grupo Champalimaud detém em Moçambique (Exclusivo dos cimentos, aço, indústria química, Banca — Pinto e Sotto Mayor, seguros — Mundial de Moçambique, produtos alimentares — Mobeira, imprensa, etc.) e de outros empreendimentos empresariais tais como a Lusalite de Moçambique. Isto depois de ter passado por diferentes grupos de alto poder económico (Sonap e Sonarep, Bank of Lisbon and South Africa).

É ainda o executor de uma política de «convivência» com os países vizinhos, sendo o cônsul honorário do Malawi na Beira e mantendo larga interferência na vida política e económica daquele país (extensão das empresas em que prepondera àquele território, etc.).

Na redacção do «Diário de Moçambique» tínhamos chegado à conclusão da impossibilidade de fazer deste um jornal africano. O atraso da escolarização junto dos indígenas, nomeadamente na zona de maior influência do diário, os interesses altamente diferenciados de europeus para africanos, a viver, cada das raças, numa separação que atingia todos os níveis, a censura prévia à imprensa eram alguns dos motivos que nos levavam a tal convicção. Por outro lado, admitíamos que o «Diário de Moçambique» não deixava de ter um lugar próprio naquele momento histórico do país, interessando, embora, primàriamente, a europeus, por quem, aliás, era quase exclusivamente sustentado[2].

Foi assim que vi, como do maior interesse e alguma viabilidade, um jornal que se voltasse para a realidade africana de Moçambique tal como se nos apresentava: um povo constituído de algumas camadas subproletarizadas nos serviços públicos, nas poucas indústrias, nas plantações e a grande massa dos abandonados à sua sorte de manterem uma economia de subsistência nos quadros tribais em decomposição.

Mas, para que a imprensa periódica viva, necessário se torna que haja quem a compre e a leia. E os moçambicanos vieram a tirar aos salários misérrimos os tostões necessários para a aquisição do jornal — o que provou corresponder «Voz Africana» a alguma carência. Punha-se, porém, o problema da comunicação verbal. Em Moçambique, e ao contrário do que faziam os ingleses nas suas colónias, não se ensinam as línguas nativas. Os alunos das escolas são introduzidos, desde logo, no aprendizado do português, com todos os problemas que isso mesmo cria.

[2] A história do «Diário de Moçambique», jornal que acabou por adquirir, no consenso da população, o estatuto moral de uma verdadeira instituição nacional, está, evidentemente, repleta de equívocos. São estes e outros aspectos que procuraremos relevar na publicação que, a propósito da sua extinção, já preparamos.

Restava-nos, pois, o português como comunicação possível. E aí estava «Voz Africana» limitada ao número reduzido dos que podiam ler aquela língua.

A receptividade intensiva ao jornal, porém, e apesar disso, pode avaliar-se pela colaboração espontânea dos leitores que chegavam a preencher a quase totalidade de muitas edições. As cartas choviam sobre a redacção em número tal que, publicando-se embora duas páginas de formato «tabloid», em cada número, nem com esse espaço se conseguia satisfazer totalmente à solicitação dos correspondentes.

Nas cartas, de que a publicação presente pretende ser uma amostra, trata-se uma enorme gama de assuntos da vida africana, numa fase que, fluida em si mesma, històricamente está bem precisada: o estádio que é o da destribalização a operar-se num conflito de culturas, de civilizações, de raças, de interesses e de pessoas. É esse, quanto a mim, o aspecto mais comum ao conjunto de toda a documentação. São pessoas em conflitos permanentes e totais: com as estruturas e com os indivíduos.

Depois, a expressão que é original não sòmente a partir do tratamento de uma nova língua por assimilar e já em reformulação, com toda a juventude e alegria que aí palpita, como da transparência de estados de espírito feitos de coordenadas de todo alheias aos nossos esquemas acabados, de ocidentais, lógicos e dedutivos.

Assim sendo, como se me afigura, pareceu-me dispor de uma documentação única pelo volume e inteiramente original pelo teor, capaz, por si só, de fornecer elementos para o estudo de um povo em áreas que vão desde o sociológico ao linguístico, ao sócio-económico, político, psicológico, etc.

A abordagem científica da totalidade da documentação, procurando extrair-lhe toda a riqueza que encerra, só pode ser feita por especialistas e com meios que não estão ao alcance de qualquer. Na impossibilidade averiguada de sujeitar, imediatamente, esse material a um tratamento tal, decidi-me por publicar a amostragem constante deste volume, na convicção de que a parte exígua da humanidade cujos elementos

subscrevem as cartas, tem o direito de fazer ouvir a sua voz. Uma voz que, para mais, e na sua espontaneidade, soa, quase sempre, trágica e denunciadora.

Para uma leitura mais fácil, pareceu-me útil agrupar os documentos publicados sob sete capítulos a cujo título atribuí uma redacção relevante do acento tónico em cada conjunto e onde deixo o enunciado de síntese disso que desenha a situação perplexa de um povo a quem foram desportiva e displicentemente destruir todos os esquemas de vida sem a retribuição (dando de barato a legitimidade do processo hipotético) de quaisquer outros, capacitados para funcionar em vez.

O apoio retirado da entreajuda comunitária já não é possível, pois o sistema da sociedade tribal não suporta, por incompatibilidade, a justaposição duma civilização tecnològicamente mais avançada. E os problemas levantados aos que, acabados de sair duma economia de subsistência, se vêem enredados numa economia de mercado e numa sociedade de consumo e de lucro, sem para isso estarem mìnimamente preparados, nem mental nem tècnicamente, vão condicionar todos os passos das suas vidas. Entretanto, permanecem laços totémicos, remanesce todo um estrato cultural a tornar ininteligíveis os novos critérios e comportamentos com que se deparam.

As cartas publicadas não podem ser lidas, portanto, como redacções escolares de aprendizes de português em que o pitoresco e o picaresco se sobreponham a todo esse background *criado por duas civilizações que se chocam.*

Pela primeira vez, em Moçambique, os naturais dispuseram e utilizaram um periódico onde se sentiam à vontade para discutir pùblicamente as questões do seu dia a dia. Com toda a simplicidade e até com alguma ingenuidade. Daí, um infantilismo aparente, aquilo que levou muito bom colonialista bem pensante a designar os pretos de «crianças grandes». Mas isso mesmo deixa na documentação presente um valor testemunhal de quem se julgou inteiramente livre para transmitir a outrem o que era mais premente na sua reflexão íntima.

Também, e ainda pela mesma razão, não se poder estranhar toda a descontracção posta nas polémicas que se levantaram e que se prolongavam por números e números do semanário e das quais se publicam apenas uma ou outra carta, aliás incluídas nas rubricas que as agrupam a partir do assunto específico tratado. Acrescentarei, apenas, que essas polémicas, a céu aberto, em letra de forma, atacaram assuntos que envolviam, indiferentemente, pessoas e tribus e raças e terras. Nas raças, são especialmente visados os «mistos», os «sem bandeira». Os africanos, ao desprezo a que é votada a negritude por parte de quantos se lhes consideram superiores, respondem com o orgulho da raça . A este fenómeno acresce a retaliação a que sujeitam os «mistos», dado o desprezo por estes em geral manifestado para com a sua ascendência negra.

O maior número de cartas agrupadas sob um mesmo título refere a opressão e a exploração de uma classe que coincide com uma raça humana e com uma cor de pele. É impressionante a insistência das acusações aos que, sendo da mesma extracção dos acusadores, são apontados como cúmplices na execução das arbitrariedades, injustiças e barbaridades sociais. Nada tendo històricamente de novo, não deixa, nem por isso, este mesmo fenómeno, de ser chocante, numa situação como a que aparece desenhada.

Não será, ainda, de estranhar a ausência do objecto político especìficamente tratado, dado mesmo o facto de a redacção das cartas se ter processado nos anos 60 e dado o alto grau de politização que se sente aflorar nos africanos quando, atentos à sua vida e à sua idiossincrasia, conseguimos passar a barreira dum mutismo consciente. Se soubermos como a repressão está patente a todos os momentos da existência de um preto, então, compreenderemos, fàcilmente, como reagirá este em conformidade, bastando, para tanto, lembrar a mesa do café, onde olhamos à volta antes de segredar umas tantas coisas da vida pública aos amigos mais fiéis...

Finalmente, é de relevar que toda esta gente não está a escrever pela primeira vez nas suas vidas. Está a escrever pela primeira vez, sim, na sua história. Não tem, como se sabe, uma tradição de escrita que ignorou completamente. E tem, portanto, uma grande e rica e global tradição oral. A este dado, da importância que se mede, não é certamente estranho o tom coloquial das cartas a emprestar-lhes vivacidade e frescura que não são dos seus atractivos menores.

Eis aí, pois, à consideração e à sensibilidade dos leitores, documentos vivos arrancados do sofrimento de pessoas humanas que, com o serem, e especialmente dotadas de cultura, bonomia e hospitalidade próprias, bem mereciam um respeito que ainda lhes não foi outorgado.

JOSÉ CAPELA

*

Na publicação das cartas respeitaram-se, com exactidão total, a ortografia, a sintaxe e a pontuação originais.

1 Das relações clânicas para a amizade individual

2 Um mundo afectivo diferente

3 De uma moral tribal para uma outra moral

4 O clã não acabou mas já aí está a família

5 De uma sociedade comunitária para as empresas de finalidade lucrativa

6 Em pátria ocupada

7 A vida na tragédia do dia a dia

1

DAS RELAÇÕES CLÂNICAS PARA A AMIZADE INDIVIDUAL

Lamento de meu amigo F. Costa condutor auto da Cooperativa Agricola do Limpopo-Aldeia do Lionde. Eu quando estive trabalhar junto com ele na mesma firma éramos amigos inseparáveis e quando passamos um dia sem nos vermos era motivo para não comermos. Mas hoje, que estou cá em Vila Cabral, admiro muito este meu amigo porque já se passaram meses e meses, sem que o meu amigo Frederico Cossa me mande pelo menos uma carta. Será que está zangado comigo? Sabes muito bem que cá, onde estou, um homem que não recebe cartas de família ou de amigos é como se não fosse conhecido do mundo. Amigo, se pensas que te ofendi, peço desculpas, porque fiz tudo por sentir dor, por tu não me escreveres. Para hoje termino a minha carta, envio muitos cumprimeitos a minha mulher Lidia Jamini, meu filho Mario Zulo Moiane, Delfina Marivatani, Manuel Zefanas, Mário de Assunção, Tina Augusto Maione, Muteto Boene, Veregina Boene e o sr. Director da V.A. e os queridos leitores.

Valentim Cassimo Laissa, 19 anos, natural de Maúa, aluno da escola de Nipuamua.

O caso é o seguinte:

Vou contar uma história; a minha mãe faleceu no ano passado mês de Abril e fiquei sòzinho como orfão da mãe. Então pensei de ir ter com Professor Luciano Napassa para que eu fosse matriculado na pré-primária e ele aceitou o meu pedido, no de Maio comecei estudar. No mês de Julho fiz exames e passei para 1.ª classe. Outra coisa: antes de ir para escola, um dia veio o meu amigo Paulo que me disse ó amigo Valentim não queres ir para escola? Eu disse-lhe não, então ele disse-me tu és burro; não sabes que a escola é coisa boa? eu fui ter com meu cunhado Alberto Maita se era verdade aquilo que o rapaz disse e ele respondeu-se sim senhor.

Mais outra coisa; antes de entrar escola tive uma mulher e com ela tive uma filha, depois quis abandonar ir para escola. Deixei a mulher para se eu posso arranjar a minha vida e familia, porque o homem não pode agarrar duas coisas apesar de ter duas mãos.

Alberto Zinhamuaca Chicamisse Tivana, residente na Beira.

Como sou um rapaz indigente, houve um dia que necessitei de ir ao Búzi, com o fim de dar uns passeozinhos. Impossibilitando-se a viagem, por motivo de não possuir um meio de transporte que pudesse me agir noutra margem, tencionei-me de suplicar um rapaz meu amigo chamado Albino Macanguisse Companhia, para que me emprestasse a sua bicêcleta. O tal amigo; deu-me uma resposta afirmativa deixando-me a levar, mas sim compensava-a num estado indisponível. Ele faltava duma câmara-de-ar e corrente. Arranjei meios possíveis de

comprar as respectivas peças, que foi um grande dispêndio para minha vida e assim parti-me.

Na ocorrência da viagem, surgiu-se na Vila do Búzi de ser-me exigido por um polícia de trânsitos, averiguando-me os documentos de velocípede (Recibo) e o cartão. Impacientemente não trazia comigo nem sequer o recibo dele. A polícia autou-na e obrigando-me para que fosse ter com o dono num pulo e que trouxesse o recibo competente. Sem lentidão, fui às cegas para Beira, elucidando o meu amigo Macanguisse o episódio acontecido. O dono mal que o contei do rapto ficou enèrgicamente enfurecido e nem sequer me retorquiu afectamente. Prometi que ia entregá-lo uns 190 paus, que eram para passagem, multa e alimentécias, nem com isso aceitou-me. Interroguei-o qual é a sua decisão? Por dessidência replicou-me de que precisava duma nova bicicleta! Foi uma resposta indespensável! Um paupérrimo como eu, onde é que vou arranjar umas massas para esse fim?

Srs. Leitores, sabem qual será o meu êxito? É de lhe entregar a minha vida espiritual. Por ser assim, o meu amiguinho Albino Macanguisse Companhia, deu-me uma descrição e será anedota para minha vida futura.

Em virtude da resposta do Sr. J. dos S. O. passo-lhe responder o mesmo, e rogo V. Excia, que me perdoe sobre as palavras que vou narrando porque são as maiores necessidades que me atacou o coração.

Este homem conheço-lhe toda a vida dele cá em Marromeu, e no Luabo onde saiu. Foi nascido em Mulivala e mudaram para Luabo, onde abriu os olhos e veio trabalhar cá em Marromeu. Com graça dele chegou de ganhar o bom vencimento, e tornou-se compor no nível a vida dele. Era no momento que eu ganhava pouco menos do que ele. E assim com tempo, conforme o serviço que desempenho, cheguei de lhe ultrapassar

o vencimento que el ganhava. E assim como éramos vizinho das palhotas, já se igualava conforme a vivência de nós os dois.

E o homem vendo isso, como não sou um desses que gosto lidar com muito amigos, não passava-lhe cartão. Com isso andava a falar com aqueles com que se andava de que Fernando é muito agarrado. E o gajo vendo que a temperatura dele já era baixa, não alcançava a minha tinha que mentir de tinha os 4 000$00 a economizar nos correios, enquanto nem tinha $50. E quando entrou de licença foi dar voltas no Luabo no acampamentos Nhatere onde se encontra os de Mutivalas igual, e veio-nos dizer de que saí de Quelimane por avião.

Nipa[1] que ele diz de que estou a beber, bedo nas casas das famílias dele que é para depois vir-me servir do padrasto dele. E ele vendo isto, julga que bebo (nipa e matocosso) assim mesmo. Bebo para depois ele chamar-me padrasto e sustentar familia dele que passa toda vida a fabricar nipa para arranjar homens. uma coisa sr. director. Os pais quando chegaram do Luabo saida do Mulivala conhecia o que era vinho ou cerveja? Eu bebo nipa sim; eles comiam lá em Mulivala a cobra chamada jiboia afinal quem é civilizado?

Sr. Driector. Este homem é um igual a mim se ele estiver ofendido não preciso escrever no jornal um nome que não é dele. Assim não se chama um homem com a energia de gente só do animal. Para bem dizer eu sou o padrasto dele mas o amizade saiu de eu ter bebido nipa junto a mãe dele. Por isso ele não podia abusar (nipa e matocosso) porque sem isso não terá ele os padrasto para sustentar a mãe dele.

Por aqui rogo muito ao sr. director de tudo o que escrevi porque este homem ofendeu como se fosse o criado dele na casa escrevendo uma carta anónima com o nome que não é dele para não ser descoberto. Como já lhe conheço desde muito tempo que andava a odear-me já tomei o conhecimento que era ele. Agradeço de publicar como escrevi, e se estiver-me errado rogo que me curija faz favor. Bem ofendido se ele

[1] Bebida fermentada, feita de cereais.

estiver é que pergunta cara e cara, que será o bem para mim, que logo ajusto as contas em murro.

F. A. Pita, 27 anos, natural de Vila Fontes, residente na Beira.

um dia eu tive meu amigo chamado Alexandre andrande cúambuca agora eu vou faral sobre do meu amigo mal que ele me fez eu Tinha aminha gorinha Preta esta gorinha estávam tiral ovó naminha casa um dia deste chuva quando choveu ovó estava malhar eu tireim os ovós pus na outra lugal a garinha desqueceu caminho da casa assim foi posal ovó na casa de meu amigo homem quando viu galinha levou-sem meteu-se numa coichote fechou-sem caichote eu adavam sepre pergutal os um vezinho niguim-me lespodinham — um dia deste aminha esposa vinha da munhova quando chegou na casa do homem vio a garinha aminha esposa levou-sem garinha para nossa casa homem quando apaleceu do serviço foi ver asua garinha aja desapareceu asim chegou casa do amingo Fernando fazer balulho então Fernando Antonio Pita zagausem queria dar purrada esta homem Alexandre asim foi logo participal na policia na malacuave portador desta garinha sr. Fernando António Pita — está homem qui Alechandre trabalha na casa S pauo

Benedito Juna Quitude, 19 anos, natural de Mocimboa da Praia e residente em Nampula.

Os Melhorés comprimentos para os leitorés, por seguinte que eu uma vez encontrei um Rapaz da Minha Terra chamado

Joõa Jamadar Maié de Natural de Mocimboa da Praia Residente em Nampula, que saíu na sua terra com um grande destino ir Nampula, é no fim de lá ir trabalhar, e quando la chegou conforme que Rapaz teve sorte encontrou cheia da famílias, no primeira dia as famlias receberam Muito bém como se deve receber a sua famílias que vêm de Muito longe, e a primeira semana trataram Muito bém também como deve ser. e a seguir a semana da família deseguentaram Mandaram se embora, Há — 3.º dia o gajo andou a rasca a Minha procura e eu nesse Momento vinha do servéço ia me para casa, encontro na estrada, o Homem não tinha serviço Nem nada a fazer, e eu sobmetendo Bóm pessoa Levei Ate lá onde eu vivia, Nessa altura em não éra Bebado Nem Nada, mais quando encontrei como ele fui um grande Bebado, e eu estando convencido que estamos a gazar por enquanto não, o meu amigo queria que eu ficasse desgraçado como ele mas comforme que eu sou um gajo de sorte logo desisti Brincar com ele completamente, e completamente agora estou bóm Sém vício Nenhum, e ele que queria que eu ficasse desgraçado a gora e grande cozinheiro do seu cunhada, e com uma vida desgraçado, e eu então fiquei sempre com meu sorte e aminha veda tão boa para sempre,

Formiga Pedro, 20 anos, natural de Nacala Porto, soldado.

O caso que me leva a escrever é o seguinte:
Senhor Director, esta carta especialmente escrevo para um amigo de nome Teixeira Rachide, natural de Alua. Era para enviar pelos C.TT. Mas pensei e finalmente resolvi mandar para aí a fim de V. Ex.ª mandar de novo imprimir. Sinto muito porque, esse amigo leva-me ao mal, chamando-me por um soberbo a causa de eu recusar servir o banquete dele, no dia em que fazia anos. Não puder servir por motivo de aquela manjar não

ter comido na minha vida. O meu pensar não julgava que ofendia amizade, mas sim cuidava da minha saúde.

Aqui pergunto os meus caros Leitores, fiz mal de negar servir? Quer dizer, servia sabendo de que, mais tarde vinha me suceder mal? Eu por, minha brutalidade, julgo que ele é que fez mal.

O que devia fazer, era antes de mandar para a mesa perguntar se usava aquilo ou não. Essa é a civilização de um cidadão, de levar mal a seu camarada sem tirar prova primeiro? Pergunto porque, mal que ouvi andei muito a consultar aos amigos para tirar conclusão. Todos dizem que eu tenho razão.

Além disso ele seria uma pessoa de compreensão porque ele é educado e encontra a trabalhar no Banco como servente.

Sinto muita pena delel Convida um multidão para ir comer farinha de mandioca?

Nunca vi na vidal Até aqui julgo me que ninguém fez e há-de fazer o mesmo. Porque é uma vergonha.

Amigo Teixeira, se tu nunca convidaste a malta para sua casa a fim de passar uma festa não vale apena emitar.

Porque a vergonha não só a ti que sentes mas também a família, tua que se encontra em seu aredor. Se tu interessares de festejar, primeiro é andar pedir informações e depois efectuar. Se não tens onde pedir, esperes por mim, que convidarei no dia em que eu fizer também anos. Uma, que te peço, não estou a ofender-te, mas são os conselhos que te dou. Ao terminar envio os meus respeitosos cumprimentos aos leitores e a ti amigo.

Luciano Alves dos Santos Benjamim Gaspar, natural e residente na Missão de Unango.

Venho pela segunda vez pedir a publicação também desta no jornal Voz Africana, a qual tem como fim responder as

cençuras feitas a nós por um individuo de V cabral. chamado Rafael Ali Maunde.

Ó rapaz! veja lá se es capaz de pensar mais um pouco antes de de dizer coisas sem pes nem cabeça. Disseste no jornal do dia 1-4-67 que, lendo a minha carta viste nomes desconhecidos. Tenho pena, digo francamente de estar a quase discutir contigo até porque a tua declaração é insignificativa.

Nomes desconhecidos disseste. Sabes dizer-me o que é um nome desconhecido? Se tu me conheceste lendo a minha carta e porque viste o meu nome. Teria necessidade de esconder o meu nome quando queria comunicar aos meus parentes o que por meio daquela carta comuniquei? Disseste ainda que eu estava a esconder o meu nome e que tu foste logo um Vasco da Gama. Não esperas ser conhecido na historia nem de Portugal, nem na história da tua terra por por um descobridor. Estás muito enganado rapaz. Descobridor? tu? sabes o que descobriste? foi a tua ignorância.

Não digas o mal dos outros «diz um ditado português» sem olhares para ti primeiro. Tu assinaste. Rafael Ancanjo Ali. E Maunde? Rafael e o teu nome baptismal; e Arcanjol? alguem da tua família se chamou arcanjo? é certamente um nome que apanhaste pelo caminho pois quando cá estiveste e foste baptizado não te chamavas Rafael Arcanjo Ali mas sim Rafael Maunde Ali. Tenhas paciencia tu tambem de usar os teus nomes apesar de feios.

Queria e podia dizer muito de ti; mas tenho muito pena. Só quando me obrigares, então direi.

Hermínio Nogueira Selimane, 16 anos, solteiro, natural de Moma e residente em António Enes, desempregado.

A coisa que me levou a escrever pela quinta vez é o seguinte: Venho responder a carta do sr. Pedro Alindo Bacar

que diz que o menino Hermínio Nogueira é um rapaz mentiroso e sem cabeça pelo seu semelhante. Sr. Pedro, peço-lhe o vocabulário da palavra avariado. Sr. Director, eu se fosse como um desses que possuem vintés alugava a carreira da D.E.T.A. para a V. Excia poder vir conhecer Sangage e Moma. Esse meu amigo diz que não é natural de A. Enes, uma parte onde há regedor, o Administrador estando a 10 Km uma pessoa poderá dizer que não é natural daí? Eu sou avariado porque envenenaste-me e mandaram-me fora do serviço? Aldrabão és tu, sabes? Aldrabaste ao Governo dizendo que tens 14 anos sendo um velho, assim é justo? Você, se não fossem remédios, quem serias no emprego? Pessoas de Sangage, Mogingual, Boila e Namaponda são venenosas mais mais que a cobra-venenosa, eu se fosse venenoso já seria gente grande como dizes mas também não preciso, sobre a classe eu tenho classe-nada. Acadeia quem me tinha salvado foi o senhor Mussena Tanacal e estou-lhe muito grato. No sr. Correia há dois trabalhadores mas um deles é tão venenoso que nem sei o que ele pensa, mas vocês venenosos sabem, ou pensam que Deus é um? Quero que não me torne a chamar em senhor, O.K.? Dou conhecimento ao José Domingos que o dinheiro que me deve não preciso mais.

Antóno Vasco Mendes Bacião, natural de Maganja da Costa e residente em Quelimane, solteiro, 19 anos.

Sendo residente desta cidade de Quelimane, tambem residem tantos amigos da minha terra que mesmo acabei de dizer agora. E esses amigos de que estou dizendo não são de longa distancia da minha casa. Quase somos da mesma familia isto é primos. A razao que eu lhes escrevo esta carta é para eles ficarem sabendo de que teem um uso muito mal na vida deles.

O uso é esse: Quando lhes aparece uma miuda que lhes dá um pouco a confiansa pronto querem se casarem com ela. Mas não a chatice é de que não podem só ficarem com uma única nada hão-dem ser duas ou trés a namorar ao mesmo tempo. Eles como homens são demonios muita grande desculpas empregar essa palavra mas não é por mal que eu disse mas sim para ver se pelo menos se emendam. Mtas isso finalmente se faz? E ainda uma coisa: esses amigos mal ganham para eles, que farão com duas mulheres e ainda tão novos? Na realidade isso se faz? Esses amigos mais tarde não chorarão encostados numa árvore das ruas sem saberem que fazer? Sres!. Leitores isso não brincar com a vida segundo como dizem?

Fiz uma pergunta a dias pedindo uns conselhos a um superior e ele disse que era tarde po-los na linha porque ja em o sangue a lhes ferver nas veias como lavas ardentes. Julgo eu que os culpados disso tão são os proprios pais. Se lhes digo um conselho é porque os conhesso porque é que não hão-dem se emendar? Não é a primeira vez que lhes falo. E as vezes julgam que eu os envejo, mas eu sei de que descubrirarão tarde quando não há ninguem que os ampare. Não só aos meus primos que devem guardar esse conselho mas sim como todos aqueles que usam esse feio custume. Para ainda pessoa nova pio é podem ter a plena sertesa.

De momento, pesso desculpas aos meus caros leitores que perderam o seu rico tempo em ler esses erros todos e pedindo que me respondam se fiz mal ou não, em escrever esta carta que quase ia servindo de muletas para nos conduzir.

2

UM MUNDO AFECTIVO DIFERENTE

Selemane Magude Timóteo, 16 anos, natural de Vila Nova de Mocuba e residente no Búzi.

Vou contar uma história que passa na minha Terra — Búzi. Eu admiro para ver as meninas do Búzi, Jinga que Jinga sem saber elas não quer nomorar com os rapazes que trabalha no quintal quer aqueles que trabalha no Escritório aqueles que trabalha no Escritório só fica com elas durante do um mês já não gosta da menina depois as meninas começa andar nos campamentos dos Moçambicano[1] a procura do homens. Eu tinha uma menina que-me nomorei aqui na Macobo. Eu fazia todos despesas para ela. Guando eu fui corrido do serviço ela começou a fugir da minha vista ela gostava quanto eu estive trabalhar quando fui passear voltei a minha mulher já não estava eu perguntei a mãe dela respondeu eu não sou guarda da sua mulher. Eu fiquei Muito chateado por causa do pensamento do dinheiro que gastei 2.000$00 ou 250$00 e a mãe

[1] Os homens do Norte de Moçambique que vão trabalhar para a Companhia do Búzi (açucareira), ao sul da Beira, são designados por **Moçambiques** ou **parapatos** (aqui **Moçambicano**). Moçambiques, do nome da cidade e ilha do mesmo nome.

gostava de mim quando estava gastar o meu dinheiro até hoje estou chorar por causa do meu dinheiro Sr. Director acho que em Bom isto ou não Eu demiro por causo das meninas da agora com 8 ou 9 anos de idade já tem mama querem casar também com 9 anos e andam mais arachica dos meninos eu admiro por isso.

C. G. Jemuce, solteiro, 19 anos, natural de Chemba e residente na Beira.

Transmito todas as palavras ao Sr. Director para saber que o homem na verdade está muito zangado, sob a tristeza que tenho do caso seguinte.

Na residência onde me encontro, há duas meninas que frequentam nos liceus, mas são muito malcriadas. Desde do pequenino nunca vi meninas como estas. Uma vez o meu primo que se chama Roberto José Ussenes Isaiais, pegou no papelinho e caneta para escrever um bilhetinho para uma dessas meninas pedir-a namoro. Mas quando a menina recebeu o bilhetinho acabou ler muito bem, e não disse a ninguém a não ser a amiga dela. Nesse dia a tarde, o homenzinho Roberto foi na paragem a parte das 7,30 horas para ouvir a resposta da carta dele que escreveu. Como elas são alunas vem de machimbombo [1], no entanto o primo Roberto aproveitou a oportunidade de ir na paragem esperá-las quando elas vinham da escola. Quando as gajas desceram do Auto-carro mal que viram o tal homem Roberto, logo começaram a insultá-lo sob da carta que andou a escrever. Disseram de que ele não tinha direito de escrever a carta a aquela menina. Logo insultos.

[1] Autocarro.

Então tu não sabes que a categoria que tens é diferente com a da minha? Não sabes que eu ando no liceu, no 1.º ano? E tu tens em habilitação oficial só a 4.ª classe, como é que podes namorar uma menina que aprendeu muito? Tudo dizia para o Roberto. Mas de qual razão Sr. Director que o rapaz de 4.ª classe não pode namorar e casar com uma menina que tem 1.º ou 2.º ano etc. E utambém tenho 4.ª classe, mas quero escrever também a outra se ela fará também o mesmo como amiga dela fez, se não há-de levar porada comigo! Ao ultimar com estas palavras, agradeço bastante a Senhora D. Maria de Fátima Marques Fontinha que me ensinou muito bem, até, eu conseguir vencer a 4. classe complementar do ensino primário. E como li a carta do meu irmão Anastácio António Gomes Jemuce que ele tirou no jornal Voz Africana, tudo o que dizia era verdadeiramente. Para namorar uma menina, primeiro precurar a situação dela como vive na sua casa, não só andar a atrapalhar-se, quando ver a gaja andar na rua bem asseada, nada disso é grande puta. Como a menina Maria Cândida Manuel que frequentava comigo na escola de Santo António em Altos da Manga, grande puta. Um dia o mesmo Rapaz, Roberto, falava com ela de a namorasse mas negou, porque habituou fazer vida putaria. Para casar e ter também a sua casa custa muito para ela.

Ricardo Francisco, 20 anos, natural de Nanela, Alto Molócué, residente em Vila Junqueiro.

Pela curiosidade que me levou pegar na caneta a pintar este papel, é o seguinte.

Aqui em Vila Junqueiro, há tantas mulheres velhas que querem casar com os rapazes de 18 a 20 anos de idade. Mas porquê? Elas não ficam sadisfeias quando tem homem da

sua idade. Dizem queremos nova mocidade. Eu assim não fico sadisfeito ao ouvir o que elas metem na cabeça.

Principalmente dizem que, os rapazes de Nauela são mais bonitos parecem ser da mesma familia. Mesmo não falando com elas, os maridos dessas mulheres ficam aborrecidos com pobres rapazes. Até conseguem dizer que vocês vieram da vossa terra a fim de ocupar os nossos serviços, e aldrabar as nossas mulheres para vossa terra de Nanela, eu penso como há-de ser uma mulher de 30 a 39 anos de idade, vir casar com rapaz de 18 a 20 anos de idade. Assim não é grande diferença? Olhai meus amigos, esse caso acondeceu comigo há poucos dias, somos mal falados, devemos deixar de falar com as velhas deles.

Mesmo com as provocações delas não devèis ouvi-las. Porque só assim deixará de haver entendidos. Não adianta nada zangar com eles ou alguns; este é o conselho que me lerem esta carta.

cumprimento a todos Directores e leitores

Termino por aqui com este papel cheio de erros, não tenho classe só apenas 3.a elementar.

D. Saide, 19 anos, natural de Nampula e residente em Moçambique.

O que me levou a escrever e o seguinte: um aluno E de Artes e Oficios, escreveu para uma menina da mesma cor, a fim de mandá-la a namorá-la.

A resposta da menina em vez de dizer que não precisa do rapaz recomentou ao portador da carta que fosse dizer ao preto que me escreveu para não tornar a escrever mais para ela, porque ela não espera ser casada com um *preto*.

Quando eu ouvi aquelas palavras da tal menina Fiquei com a cabeça no ar, por causa daquelas nefandas dela. Esta menina

abusa o seu semelhante por se julgar mista, e com babilitações inválidas perante o Estudo, quero dizer 4.ª classe não oficial, ao posso que o tal rapaz ofendido frequenta agora o 3.º Ano.

Qual é a categoria dela? É de ter cabelos misturados?

Senhor leitores, julgam que isto está justo de que fazem aos «sobrinhos», de ofenderem aos seus «tios»? Bem sei que não é ela só, mas sim toda aquela raça que se chama Mistal.

Um natural de Charre.

Senr Director Vou contar a história do 3.º escriturário ou Intérprete, do Posto de Charre.

Em 1956 casou-se com uma menina africana da Inhangôma. em 1960 viu os seus companheiros todos tinham umas senhoras mistas porém ele foi pedir natmoros em casa do Senhor Rahia pessoa muito sério e conhecido sobretudo na sede do Distrito da Zambézia.

E ele recusou-se e o tal Intérprete andava todas semanas durante dum período de dois anos.

Como a menina amava-o por fim o seu pai aceitou de se casar em Civilmente, passado três meses o Intérprete convidou a menina na sua casa. E fez-lha ficar defenitivamente nem pensou mais de se casar, hoje viu que ela esta decidida está-lha vingar como se fosse uma escrava.

Se a esposa fôr na loja se vier bate-na e se fôr no hospital demorando por atrazo do senr Emfermeiro se vier fecha dentro da casa e começa a bater fortemente parece uma criada.

Senhor Director isto não é uma vergonha um um senhor vingar a sua senhora parece uma escrava? Cara sem vergonha.

J. Raposo Chivale, solteiro, 20 anos, natural de Vilanculos e residente na Beira.

Hoje tenho muitas felicidades para conversar um pouco da minha terra. Na minha terra é uma das terras que pouco compreendem pela vida da civilização, tem uma escola onde frequenta dezenas de rapazes e raparigas. Mas o que hoje me levou a efeito de vir conversar na nossa redenção da Voz-Africana é para dizer que os pais das alunas ainda faltam da instrução junto com as suas filhas. Foi uma vez quando o meu colega desejava de namorar, acabou de namorar uma da escola, depois de alguns dias preparou para ir lobolar[1] quando lá chegou encontrou outro sujeito que vinha a lobolar a mesma menina, ali havia um problema inresoável, dois rapazes concorer uma menina. Quando apresentamos os dois, o pai já sabia tudo, o que se passava na sua filha. Chamou-nos os dois, o pai da rapariga para dentro da casa, começou a perguntar a sua filha entre estes dois rapazes que apresentam aqui, de qual gostas mais? A menina respondeu: gosto mais de todos. E o pai disse já tem visto uma mulher com dois maridos? E mesma assim os pais é que tem culpa de não saber educar bem as suas filhas. Porque quando os dois rapazes apresentaram foram primeiro ter com o pai da menina e o pai da menina aceitou 2.º marca o dia de lobolo, mas como é que aceitou paradois rapazes? Uma vaga a não ser de concurso não pode admitir dois serventes.

[1] **Lobolar:** De **Lobolo. Lobolo** diz-se do dote com que se «compra» a noiva. No esquema tribal, como o interesse comunitário do clã se sobrepõe aos interesses individuais, as raparigas são consideradas uma riqueza comum, como geradoras de filhos. Quando uma dessas raparigas é, pelo casamento, subtraída ao «património» do seu clã, este deve ser compensado. O **Lobolo** (expresso em dinheiro, gado, bens de consumo) permite, teòricamente, essa compensação. É evidente que as novas gerações, a sofrer os efeitos da destribalização, se estão a revelar críticas a este e a outros aspectos do sistema que tendia à manutenção dum equilíbrio, duma «ordem» própria.

A. Hale, casado, 30 anos, natural de Mutarara e residente em Inhangoma.

O motivo que me leva escrever é seguinte.

Senhor Director, estou muito melancolica dum par de bota que me faz a minha sogra, é uma velha muito organizária, ela reside na Ilha de Inhangôma, essa velha chama-se nome de bhaçoça Gonçalves, Tendo ela tem 3 filhas as duas foram namoradas pelos outros rapazes, e esta terceira a mãe dela, obrigava para que casasse comigo, a gaja chamava-se nome de Páscua. No dia seguinte, fui em casa dos pais dela a fim de entregar, lupato e abre-boca, quer dizer mofunucula mulomo como se diz em cafrial, que a gaja tinha-me pedido 75:00. junto os cinco litros de vinho, a mãe ficou muito contente com estas coisas que eu entreguei. Pois um dia, quando o meu pai amanheceu para a casa da minha sogra, para ir entregar dinheiro de lobolo encontrou-lhe um rapaz a namorar também na mesma gaja, quer dizer a gaja gostava de mim, a mãe dela que era burra demais, foi ela própria que enganava a filha, enquanto tinha já recebida o meu dinheiro. Mas a mãe dela gostava desse rapaz que veio depois de mim que trabalhava como pastor e trazia sempre leite para minha sogra, com isso a sogra ficou muito contente com leite, e esqueceu de mim, que terei dinheiro. O meu pai resolveu outra vez a ir buscar, o meu dinheiro e meu garrafão de vinho. sr. director é justo assim mandar a filha? A filha gosta de outro rapaz, e a mãe também pode gostar do outro?

Ernesto Sande, natural de Mavita e residente na Machipanda.

O assunto que me levou a escrever esta carta, é o seguinte: Li uma carta publica no jornal Voz Africana do dia

18-3-67, escrita por um estudante da Escola Roberto Ivens de Nampula; dizia ele na sua carta, que nunca pode ser e nem será que um rapaz da 4.ª cltasse casar-se com uma menina licear; amigo tú quando escreveste a sua carta pensaste bem? Pois se tivesse pensado bem, antes de escrever, não escrevias desta maneira; e eu digo-te meu amigo que conheço muitos homens europeus que são casados comas Mulheres doutoras, professoras, directoras, guarda livros, etc., etc. Que tenham 5.º, 6.º o 7.º anos dos liceus, mas os maridos são apenas da 4.ª classe.

E tú meu amigo, escreveste essas palavras, sim, sabemos que tú tens muita razão porque nós os pretos, não somos civilizados e nem seremos; visto que um preto estudando mais de 4.ª classe, já estranha dos outros que não tenham os mesmos estudos; mas eles que nos trouxeram a civilização cá em África, não fazem nada disso; amigo estudante: É pena não conhecer o teu nome, mas mesmo assim, digo-te mais uma coisa: Tú tens muitos estudos? Pois visto que tú fostes num bar, e compraste um refresco, e pediste copos mas os serventes do bar, trouxeram-te copos partidos, por quê? É por que viram que tú não merecias bons copos; portanto ficas a saber meu amigo que uma rapariga pode ter muitos estudos, do que o rapaz, mas se o rapaz tiver meressimentos de casar-se com ela, casam-se sem dúvidas; isto é sendo um rapaz aceado, educado e que saiba respeitar os outros. Visto que a sua carta indica que os pretos são estranhosos. É por isso lhe digo que quando escreveste a sua carta não pensaste bém por que se tivesse pensado, consertesa não escrevias essas palavras.

Queridos leitores, temos que pensarmos bém antes de escrevermos as nossas cartas, para pudermos conselhar os outros; como já disse que os proprietários da civilização, não estranham de uns aos outros; mas como nós os pretos recebemos a civilização, e não compriendemos o que é a civilização, civilizamos muito ao contrário.

É por isso que as raparigas africanas ou pretas, com essas manias de querer escolher os doutores, os engenheiros, governadores, Administradores, acabam de serem bandidas; Eu ainda vejo que os europeus, nos tratam bém do que entre nós.

Armando Rocha, 24 anos, natural de Vila Fontes e residente em Vila Pery.

«Conheço um homem que é natural de Vila Pery, Carpinteiro tem 4 (quatro) filhas, 2 (duas) casadas e 2 (duas) solteiras, ambas se encontram a frequentar as aulas do ensino Licetal, a mais velha em 16 anos de idade.

Eu quando vi-a gostei e procurei saber a situação dela, disseram-me que a tal moça não tinha noivo e que se encontrava a frequentar as aulas no Liceu.

Tentei fazer uma pequena missiva para ela e passado uma quinzena depois a moça respondeu-me:

Que estou de acordo com a tua carta que me escreveste e que não quero de gozos e se tu vens por uma brincadeira não admito.

Eu como sou um rapaz sério não quiz afrouxar mandei uma resposta urgente a solicitar a própria menina, se podia oficializar do assunto, esta demorou responder-me. Consentimentos que possuia por ela fiquei tão entusiasmado. Como eu conhecia a casa dela, dirigi-me sem nenhuma hesitação a casa dos pais dela, lá encontrei o pai.

Cumprimentámo-nos e mandou vir uma cadeira, sentei-me. Passado algum tempo perguntou-me:

O Senhor donde é? Eu respondi que sou de Vila Fontes. E perguntou-me qual é a necessidade que levou-lhe a chegar aqui em minha casa? Eu fiquei vergonhoso calei-me, tornou a fazer a mesma pergunta eu respondi, que vinha com destino a esta casa a ver se dava-me sorte.

O pai disse que sorte? Eu respondi que pretendia namorar com a sua filha Maria, e que estamos de acordo entre nós.

O pai manda entrar dentro de casa e exige-me profissão, habilitações literárias, retorqui que sou dactilógrafo e tenho habilitações de 4. classe e admissão ao liceu. O pai disse que hoje um dactilógrafo não vale nada porque custa muito encontrar este emprego. E ainda o Senhor não é conhecido nesta área.

E por isso não posso autorizar namorar com a minha filha, um homem como você ainda um dactilógrafo. Quando ele me disse que era desconhecido fiquei muito triste porque hoje o namoro não se interessa de que és desconhecido basta ser cidadão Português e a menina cidadã Portuguesa é o que interessa.

Hoje, o pai duma moça quer exigir, profissão, habilitações literárias e se és de longe, diz que é desconhecido. Isto tudo que exige, não é ser pessoa civilizada, hoje agente quer estudar para chegar até além, pelo contrário recuamos atrás. Estou muito aborrecido com este homem, Houve interrupção do namoro por motivo dele, nada posso fazer. Mas com esta carta se ele fôr um homem que medite e que tem consciência, tomará conhecimento de que sim sou incompreensível.

Amados jovens, eu venho «A Voz Africana» participando este motivo aos meus camaradas e não camaradas que leiam e que compreendam o que este indivíduo teve que proceder-me.

Os pais das garotas tem vindo a dificultar com os noivos, por suas filhas possuirem habilitações literárias do ensino Liceal e os rapazes que pretendem namorar com elas, tendo as mínimas habilitações literárias do ensino Primário com isto tudo, que os pais dificultam, chega a dar uma resolução indicente, encontrar-se uma moça com grávida dum moleque ou um servente o que lhes calham para o péssimo. Já estou desistido com a tal moça porque nada o que possa-me render desde momento os pais desautorizaram o namoro. Mas a miuda chora da minha pessoa. Termino por aqui e desejo a todos os jovens que respondem o que se lhes oferecem sobre este assunto.

Pedro Abudo Bacar, colteiro, 16 anos, natural de Sangage, residente na Vila de António Enes.

Eu Pedro Abudo Bacar, deste que nasci em minha terra que é Sangage, nunca fiz altravisse com a ninguém, mas hoje há uma senhora que se chama D. Nacorrita, uma senhora que costume dança de «musope», digo que ela é uma associação de «musope» *Aquixancale*, desta localidade de António Enes. Esta senhora fez me grande de altravissa, num dia desse havia «musope» no subúrbio de Mururua, depois ao fim de terminar, deslocamos ambos com altravissa.. até a casa dela, começou-me a vingar como costume dela, fiquei-me vingantíssimo como ela tinha a lingua afiada. Até noutro dia fui a casa dela, quando cheguei começou-me a dizer as palavras de namouro. Num certo dia petiu-me umas roupas que se chama «napirlinto» comprei 3 quissambos a 105$00, quando dei acabou-se de amisade comigo, todos os dias andava da sua atrás, mas nada feito até três meses que eu andava atrás dela, mas nada feito. Num certo dia mandei-lhe uma carta a fazer petição das minhas coisas que lhe dei, nem sequer de responder. Ficando uma semana fui eu pessoalmente quando encontrei disse que mandava mais ainda não tinha tempo. Eu concordei que não tinha tempo, ao fim de três dias quando mandei um amigo meu disse que vais dizer o Pedro que não pagava se quiser var dar queixa, porque não tem a razão. Os meus caros leitores, pergunto-vos, como é que eu não tenho a razão? Muitas vezes ela dizia que eu aparecesse a casa dela nem sequer endender-me, e num certo dia disse me para que faltasse ao serviço, eu como sou barvo faltei ao serviço, mas nada feito, mas ela hoje disse que eu não tenho a razão, como é que não tenho a razão? Além disse ela disse que não pagava sem trazer o cipai, como é que eu posso trazer cipai, uma pessoa come as coisas de dono sem trabalhar? eu nunca vi, ganhar sem trabalhar.

Chamo a atenção que D. «Nacorrita» que trazem as minhas coisas, porque eu não sou o seu irmão, nem a parte de seu tio não sou. Se Você tens a vergonha agradeço-lhe que traz esta semana, o meu dinheiro 115$00, se quiser. Se não quiser

trazer o meu dinheiro fala-me nesta vez para eu agradecer da V. Ex. Porque eu sei que você é uma senhora que gosta as coisas do dono sem trabalhar.

Se tu tivesse a vergonha não podia comer as minhas coisas sem trabalhar, porque tu não tens casa, se tu tens jeito podias trabalhar para a acabar a sua casa. Mas eu se fosse um branco podia vir a arrancar os seus paus ir construir a minha casa. sem comprar, porque você levou-me o meu dinheiro sem trabalhar, também fazia esta maneira, vêr se você gostaria. Os meus caros leitores agradecia-lhes se alguem que conhece esta anónima Nacorrita para explicar esta significação, porque ela é uma senhora que não tem cabeça nenhuma, parece um animal de mato vá-la animal de mato quando vê perigo fogem não é preciso de dizer que está aí o perigo.

Ela parece que é uma anónima de qualquer raça de mato, assim eu nunca vi.

Por terminar esta minha carta, mando muitos cumprimentos a todos os leitores espalhados e esta altravissa e anónima de mato que não pensa de nada, só pensa de roubar aos homens.

Descupa senhor Director de encomodar o seu tempo, chamo a atenção ao menino HERMINIO NOGUEIRA, natural de Moma, o que me fez.

António Jorge Cafrinho, 15 anos, natural de Mazoão e residente em Macuse.

Lamento bastante por meus colegas da mesma povoação. O que fez escrever-lhe o seguinte, caso. Eu sou aluno da escola Rudimentar[1] de Macuse, mas o que faz aborrecer é do

[1] **Escola Rudimentar** — O ensino primário elementar era precedido do ensino rudimentar, ministrado nas escolas das missões e destinado a indígenas.

meu amigo chamado Lima Andrade Cassamo. Quando estive deférias, preparei-me a uma rapariga chamada Fátima, para se meter os meus namoros, crendo mandar os meus pedidos, logo o lusfre Lima com os olhos muito ardentes para que puxasse a rapariga sobre o seu lado; mas com muita força a rapariga caio sobre o lado de Lima. E quando mandei os meus pedidos na casa dos pais a rapariga com grande engano que a tinha o rapaz, não quis dos meus pedidos. Passando alguns dias a rapariga verificando a minha posição ficou apaixonada pensando que voltar sobre mim.

Mais tarde os tempos precoriam mas com grande imensa que ela tinha passava dia e noite pensando-me do amor que eu lhe fazia Uma vez pensei de ir a feira garrafa de Mazoão, tomei banho, pentiei, calcei e levi a minha boina pusci-me do caminho a feira garrafa, logo a rapariga viu-me e começou a contar-me as cantigas de tal tentador Lima. De maneira que ele andava passava tudo dia pendurado no árvore do coqueiro a beber as suas lanhas. Ele só sabe enganar mas é um dos primeiro busal, desde nasciência nunca sabe usar calção nem camisa nem calçado só veste capulana[2] e cobortor dele é pele de cabrito como vive nas cavernas.

Mas o nosso amor tornará a segunda parte.

Aproveto a oportinidade de grande agradecimento a todos os meus companheiros que-me ajudaram.

Calchane Bapém Gessanque, solteiro, 18 anos, natural da Beira.

Venho vos contar uma história. Quando eu ausentei da: Beira, para a Macuse, tinha-me deixado a minha namorada de

[2] **Capulana:** Pano com que as mulheres envolvem o corpo e que substitui o vestido que não usam.

nome Chibebe Teresa Gimo. de 10 anos de idade e em Macuse acabei apenas 8 meses. E a miuda mal pensou-se abandonou da minha pessoa, e ficou em companhia do outro;
chamado, Gonçalves ficou com ela alguns dias. Depois apareceu o outro rápaz de nome Castigo Sebastião a pretendêla e ela então abandonou do meu amigo Gonçalves. E o Gonçalves da maneira que ele gostou muito; Resolveu-se e pediu aquilo o que tinha gastado. Perguntou a rapariga. Então como tu trataste desta maneira ter dois noivos? Ora bem, como que não quero levar mal ao outro, só quero. o que é meu. Quando eu voltei do Macuse, quis então continuar namorar com ela, e ela foge de mim. Eu não sabia que os meus dois amigos pretendiam da minha namorada. isto é, quer dizer cortavam-me casaco. Quando vi aquilo o que ela andava a fazer, resolvi também pedir o que é o meu. Porque eu antes de ir em Macuse comprava-lhe tudo o que ela desejava. Agora como eu sou fraco, não gosto de lutar com alguém, peço que me retrubo o que é meu.

Senhores e senhoras educar bem as suas filhas para que sejam as boas donas de casa. Nunca tenho Visto uma miuda de 10 anos a namorar com três rapazes. Como que podem namorar esses três rapazes? Peço favor aos caros leitores que-me dê a resposta.

Bonifácio Carlos Joneiro, 22 anos, natural de Nametil e residente em Nampula.

O caso que recordou me hoje escrever esta carta para o nosso jornal a Voz Africana, é o seguinte, li há dias uma carta do meu caro amigo senhor Francisco Nivila de 22 anos de idade natural de Povoação do chefe Nhuluvala e residente no Bairro de Patúla.

Amigo senhor Francisco Nivila, estás dormir levanta-te e abre os teus olhos e limpa os teus ouvidos, vês as coisas que se passam e ouves as coisas que se falam nas outras pessoas instruidas, que sabem a vida moderna: ouve amigo eu vou te explicar a vida moderna do Mundo que se fazem agora os juventudes.

Uma pessoa não ter classe não se distrai a vida de ninguém, amigo nunca viste um Criado que não sabe nada amar-se com uma senhora civilizada? Que temtudo em casa, e por fim ela vai gastar muito por aquele rapaz pobre o que vive agora é amor, se uma menina do 5.º ano do liceu ter amor com um rapaz de 1.ª classe pode namorar a vontade basta ter a vida que chega para sustentar a miuda ou senhora, ter emprego bom e ganhar bem andar limpo vestir bem pode namorar com qualquer femenino que esteja muito instruida: caro amigo o que casa agora é dinheiro, o dinheiro tem grande puder de toda coisa no Mundo.

Eu tenho o meu irmão na terra mais velho de mim, ele é capataz geral do I.A.M. tem 6 anos do mesmo serviço, ganha 800$00 por mês sabes com quem casou agora? Casou com D.ª Feliciana Jorge Amade, enfermeira prateira do Posto Calipo a miuda é de A. Enes, ela estudou lá e tirou curso de enfermeira em L. Marques e veio para Nampula prestar serviço mesmo em 2 anos e foi transferida para Nametil, e de lá encontrou-se com o meu irmão, começaram apaixonaram-se até ligarem o telefone sem fio e casaram-se até o Administrador do Nametil estava a admirar ver a miuda casar com meu irmão, foi perguntada a cunhada com senhor Administrador, então feliciana porque gostaste Valentim? Se chegaste em L.M. e em Nampula onde há instruidos na classe? O Administrador sabia que a miuda gostou do rapaz por ter muita coisa que pode chegar sustentar a vida deles.

Já o meu irmão é registado e tem Bilhete de: Identidade, ele sabe ler por a cunhada ensinar de noite quando casavam o meu irmão não sabia nada de ler só falava português: ainda está com ela.

Amigos, civilizar é ter dinheiro e saber utilizar bem aquele dinheiro: e também amor do Mundo é uma doença incurável quando o rapaz apaixonar com a miuda custa muito largar, principalmente o rapaz pensa muito, pior no dormitório todo sonho é daquela miuda às vezes não aparece sono.

Amigo estás muito atrazado na vida, é melhor entrar no comboio perseguir as pessoas que sabem a vida moderna.

Termino enviando muitos cumprimentos todos leitores e Perdoam-me por levar tanto tempo ler esta carta.

Ernesto Missasse Chifungo, 17 anos, natural e residente em Inhaminga.

O caso que me obrigou a chorar nesta carta é o seguinte: Aqui na Inhaminga, tenho uma amiga de nome Luisa Domingas. Um dia, eu estive com ela a conversar, até às 6.30 h quer dizer, seis horas e trinta minutos. E depois ela deu-me três maçarocas. Como eu naquele dia não gostava de maçarocas neguei de as comer. No dia seguinte, mandei uma carta para ela, porque antigamente ela andava na escola, como aluna da 1.ª classe sabe ler, escreve e contar.

A minha primeira carta que eu mandei dizia assim:

Querida menina Luisa Domingas.

Em primeira lugar desejo de saber a sua rica saúde e saudade pela a graça à Deus.

Esta é a primeira vez que eu mando esta carta, a fim de comunicar-nos se estás de boa saúde e gozas com amor de me Ernesto.

Ouça lá menina, eu o teu rapaz conhecido nesta nossa Província de Moçambique, estive arrasca das meninas não as encontrei.

Agora mais tardinha encontrei com uma menina amada Luisa Domingas, nome de boa fê, que sabe aqui na Inhaminga eu rapaz que se chamo Ernesto Missasse.

Faça o favor querida de me bordar um lenço bordado no meio do lenço escreva:

Luisa e Ernesto portanto somos uma carne.

Amigos leitores e leitoras até qualquer dia se Deus queiser.

Agostinho João Madina. 18 anos, natural de Inhamita e residente na Estaquinha.

O que me levou a escrever esta carta é o seguinte:

Na minha terra Estaquinha há muitos rapazes vadios que não querem trabalhar e só pensam em namorar, quando eles nem dinheiro têm para comer. Andam sempre metidos nas lojas a gingar e nos bailes até altas horas da noite.

Agora vou contar um caso que se passou com um meu amigo.

O ano passado este meu amigo comprou uma mulher por 600$00, mas como ele não tinha dinheiro para pagar tudo de uma vez foi para o Búzi trabalhar para arranjar dinheiro para acabar de pagar o que faltava. E agora caros leitores sabem o que é que o pai dela fez?

Foi buscá-la para o pé dele e tornou-a a vender a um magaissa[1] que vinha da Rodésia. Agora o homem esta muito aborrecido e com razão. Assim e justo Senhor Director.

Agora o que eu lhe peço mais é que publique esta minha carta para ver se os rapazes da Estaquinha ganham juizo.

[1] **Magaissa** — Por **Magaiça** ou **magaiza**, o moçambicano que regressa da África do Sul ou da Rodésia, onde esteve a trabalhar.

José Francisco Paula Santos, solteiro, 21 anos, natural e residente na Chemba.

Senhor Director: é para comunicar que eu agora trabalho na Delegacia de Saúde da Chemba, como praticante de enfermagem: tinhámos um médico que foi transferido á pouco tempo para Delegacia de Saúde de Ibo Porta Amélia. Este médico era muito bom para com todos e agora aqui ficamos sem médico.

Também é para dizer que eu namorava com uma menina chamada Rosa João Baptista, esta trabalha também nesta Delegacia. Uma desgraça que tive na minha vida, é esta: estraguei perto de 2.000$00 Escudos para esta menina e agora ela meteu-se com outros homens e eu fiquei a perder de tudo. O pior é que quando começo a perguntar ela, ela responde me por malcriado dizendo que eu não tenho nada que aver com a vida dela: assim é bom Senhor Director? O homem não é culpado: culpado é a mulher porque assim ela quiz: se ela não quizesse o homem não lhe faria nada. Mas eu quero ver isso como é que vai terminar: ou por mal ou então por bem; se ela não fosse malcriada eu pacientava mais com isso e pior.

Quando eu vi esta propaganda que fazia a minha Noiva, fui a Mutarara e consegui arranjar lá uma boa amiga: chamada sempre Filipa Mirione, natural de Chavundira e povoação Muanda Circunscrição Mutarara: colaborava muito bem com ela e era muito respeitosa de todas as mulheres que vi desde da minha nascência, mais oisso dizer agora que a miúda abandonou da casa e fugiu para qualquer lado. E, como não despediu comigo, sinto bastante por toda amizade que tive com ela e pensei hoje de escrever no Jornal Voz africana para ela ler a notícia publicada e pensar que o meu amigo José ainda ama. Para hoje não tenho mais a contar estou avizando aos meus caros Leitores que tenhais muita atenção nas miúdas, porque as miúdas só querem chupar o nosso dinheiro e depois fazerem o que lhas entederem na cabeça.

Carlos Mussa Amade, natural de Nacala-a-Velha e residente em Mecuco-Netia.

O motivo que me levou escrever esta carta é seguinte: O que muito me aborrece é que pedi a namorar uma irmã dum carpinteiro não digo o nome e na altura estava bem o assunto armado. Mas afinal de contas eu é que não sabia que ele já tinha outro seu cunhado carpinteiro também. Acho pena de mim!

A miúda já estava atraente querendo se unir comigo, todavia o tal cunhado vendo que a sua irmã estava atraida comigo o que se resolveram; levar a irmã ir fazer entregue ao seu colega alegando que eu não tenho vencimento suficiente, porque o outro carpinteiro tem mensalmente 1.500$00. Quer dizer que nós que temos menor vencimento não temos obrigatoriamente em ter famílias em casa? Para terminar aproveito dar conhecimento ao meu grande amigo o snr. Afito Gulamo deste facto, enviando os meus melhores cumprimentos.

Francisco Chicuate Manhique, solteiro, 20 anos, natural de Massinga e residente na Beira.

O caso que me puxou a escrever nesta minha caríssima carta é do seguinte.

Venho revelar pouca História, que é sobre as raparigas da nossa Escola de Nhaloio em Balane: É, porque, não regulem as cabeças estarem em condição. Eu que escrevo aqui neste famoso de jornal «Voz Africana», namorei uma menina de nome chamada Marilha Uaguisso Guambe, e esta rapariga, amava-me muito bem; Sòmente, quando chegou na altura, de lha despedir para vir cá na Beira, éla ficou-se chatiada e azangar-se. No momento que cheguei cá em Beira, mandei cartas e cartas para ela,

e ela respondia também sempre, eu mandava as dispezas conforme que ela-me pedia; de hoje em dia, ouço a minha mamá e papá que, a tua menina namorada, tem agrávida dos outros rapazes; e eu gastei muitas minhas dispezas para ela, e, por isso, pergunto ao Senhor Director, que assim é bom?

Manuel Vinha, solteiro, 20 anos, natural da Gorongosa e residente na Beira.

O assunto que me obrigou a escrever é o seguinte Eu estive a namorar com uma menina de nome Emilia Machado mas foi impossivel de casar com ela sobre da mãe que andava a fazer leirão a filha e com aquilo a miuda disse-me que já não me queria e com aquilo eu não disse nada. Senhor Director uma coisa que me aborreceu, é do meu dinheiro porque eu tinha já gastado a volta de 800$00 e só derram-me 400$00 e o resto disseram que havia de pagar mas até aqui ainda não recebi o resto do dinheiro quando eu pergunto o meu dinheiro a mãe responde-me sempre mal quando queres o seu dinheiro vais queixar porque você quando vinha cá namorar a minha filha você comia a minha comida e as minhas galinhas e ás minhas patas mas com isto não te dou o resto do dinheiro Senhor director acha que isto é razão, se desde que a menina disse-me que já não te quero portanto eu tive que pedir os meus escudos só se fosse eu disse que já não queria a menina não ia chatear, por cá termino as minhas palavras meus e senhores leitores faça o favor de me responder essas palavras,

O motivo que me leva a escrever é o seguinte: Venho relatar a minha triste vida que me aconteceu em meados do ano de 1963 por causa de uma menina chamada Amélia Maria Lina que morava numa localidade denominada «Ka Nhombana», a qual conheci por intermédio de meu amigo Martins Henriques. É uma menina muito activa, possuindo boa apresentação perante as outras meninas daquela área. Comecei a espiar a vida dela afim de namorar com ela para casarmos, vi que era boa, comecei a tentar e, graças a Deus, a minha tentativa resultou o que queria. Namoramos durante toda a metade daquele ano e de vez em quando oferecia tudo o que era possível, quando chegaram as festas de Natal e Ano Novo de 1963 convidei as respectivas festas para que ela fosse passar todas na minha casa, mas ela não aceitou o meu convite e tudo passou sem qualquer ameaça ao nosso amor. Num dia já em Maio de 1964 tive a noção de que já as coisas não eram as mesmas porque quando prometia algum encontro no sítio combinado eu ia e lá não encontrava.

Fiquei admirado porque dantes quando passavam cinco ou três dias sem vermos ela obrigava-me ir na minha casa afim de saber o motivo porque passaram aqueles dias sem vermos. Mas hoje em dia foi atraida por um rapaz que tinha um radiogramofone o qual dizia ser grande possuidor de muitas cantinas e casas de aluguer. A menina pensando naquelas coisas foi convencida e ficou a posse daquele homem que hoje se encontra numa grande pobreza e já não tem interesse de nada quando ver Maria Lina.

Mas hoje em dia aquela Maria arrependeu que quando encontrar com alguma pessoa da minha família chora por ter me perdido. Eu ao ouvir essa noticia fiquei muito assombrado porquanto ainda amava muito aquele homem que se julgava rico andava contar às amigas dela de que eu tenho bom rapaz rico, deixei Miguel que não tem nada.

Publico porque já não quero mais falar com ela e quero que ao ver estas palavras no jornal tornar-se mais arrependida e mando cumprimentos para ela Maria Lina, Cristina, Celeste,

Carmina, Gonçalves irmãos dela, e para Martins Henriques meu amigo. Boa saude e felicidades para todos, se Deus quizer estarei convosco nos fins de Agosto. Mais cumprimentos para os meus pais Armando Chavana, Alice magaia, irmão, Cândido Chavana, Nicolau Chbana Xaveir e Arminda Chavana.

Eu sou um órfão, o meu pai faleceu em 1966 no mês de Agosto, apenas deixou-me sem casar, além disso tenho as minhas irmãs mais novas eu é que fiquei o pai das familias.

O mesmo assim Não tenho problema de resolver essas coisa, desde da minha infância nunca vim massada essa. Além disso antes do meu pai quando estava vivo eu namorei uma menina de nome Lúcia Florença Chale Ventura, eu não sabia que a menina era bandida, até o nosso professor obrigou-nos para seres cristão até fomos baptizado junto com ela no dia 25 de Dezembro de 1962, na Missão de S. Francisco de Assis Luabo.

Durante de alguns meses eu sei que a menina desgostava de mim, porque ela tinha combinado com o sujeito vindo da Beira quando a menina viu o rapaz andava diariamente com as calças de terilene e sempre gravatada e logo fomos desligado.

Até agora estou assim não arranjei outra menina. Aqui termino os meus erros, mando cumprimentos para todos os leitores.

3

DE UMA MORAL TRIBAL PARA UMA OUTRA MORAL

A. V. J. Nipuenha, solteiro, 32 anos, natural de Alto Molócué e residente em Pebane.

Sou auxiliar de recrutamento[1] da Sociedade Mineira de Marropino, Ltd.ª

Senhor Director, peço poucas linhas para escrever poucas palavras. Eu sei que são palavras que pouca gente vai gostar, mas enfim vou escrever. Admiro muito como Senhores, sem habilitações e sem curso alguma, chegam a enganar um amigo ou umas amigas; só por ele saber vestir bem e ter muito dinheiro passa a enganar os outros: porquê? Eu fui sempre atrevido de ir nos danços chamado tarúa e muitalábua muitos abusos têm saído nestes danços. Nestes danços muita gente chega a enganar mulheres dos outros dizendo que deixe seu marido, porque ele é uma pessoa sem serviço, ao passo que

[1] Auxiliar de recrutamento: As grandes empresas coloniais dispunham de **recrutadores** que eram funcionários encarregados de «angariar» trabalhadores, especialmente junto das autoridades administrativas.

eu tenho muito dinheiro e quero casar contigo. Muitas vezes estes Senhores trazem nos bolsos das camisas três canetas ou mais quando não sabem ler nem escrever até nem contar até 5. Sim; quem não sabe ler e escrever a caneta serve-lhe de chibante[2].

Afinal uma pessoa pode ir na caça com uma arma quando não sabe atirar? Amigos e Senhores tenhais respeito com as mulheres dos outros mesmo que os maridos delas sejam pobres; deixai estar com pobreza dele e a mulher dele.

Desculpem-se Senhores, sim? Vou terminar porque se continuar a escrever vou ofender-vos.

Eu admiro por essas mulheres da Beira que andam fazerem a conta própria, uma vez eu combinei com uma gaja de nome Florinda Primeiro, para que fazermos a companhia na vivença, e neste caso eu é que corria com as despesas da gaja, pagar a renda da casa onde ela morava, E chegou a certa altura que eu pensei ir a terra visitar a família, e a irmã mais velha resolveu dizer a gaja para que me fugisse, e logo que eu vi me mostrar a cara feia eu notei já; e levei o caso perguntar a irmã mais velha; e aí não me respondeu de bom é logo à purrada, é a irmã da gaja e o cunhado dela, todos os três contra mim.

Senhores leitores isto é, acham que é bom? O que eu pretendia era me deixar ir a terra e ela então ficava tratar da vida dela; por isso que os nossos antepassados dizia que se criar um ladrão corta-lhe a orelha para dar sinal.

Senhores leitores, não podemos entregar toda a nossa vida numa puta, porque quando logo ela vier que já estás cheias de desgraças começa virar a página nem se importa mais de

[2] Chibante: Enfeite. Quando adjectivo: Bonito.

ti como gente; quando estamos na cidade não podemos esquecer das nossas mulheres da terra, porque essas coisas das putas é tal como dum filme do cinema porque quando passou passou mesmo. Visto que eu vou a terra com desgraças, e ela cheia de vistamento que eu fazia para ela; e hoje nem bons dias quando encontrar com ela.

Senhores leitores, essas frases que me levou a escrever não é para infigir aos senhores leitores não. É para nós termos cuidado com esses luzes da cidade, senão ficaremos sem vista.

Quando eu andava na escola tinha 17 anos, ficava com atenção para ouvir explicação do meu professor, Almeida Gabriel. Acerca da religião Catolica, dizia que quando uma pessoa que é Cristão não pode casar pagã nem fora da igreja.

Ficava contente já agora sou cristão, depois fui noivar quando tinha 20 anos, era pagã rapariga, a minha vida corria mal. Os meus pais, me perguntaram-me quando voce andava na escola o seu professor não dizia que não pode casar pagã? Fiquei já vergonhado, e já estive cansado o mesmo tempo.

Respondei desculpai os meus pais, já vou deixar com muito jeitinho para não arranjar milandos[1] com a rapariga.

Fui comprar duas saias e um pano entreguei arapariga ficou contente o mesmo tempo chamei os pais dela para espedir, agora não preciso da sua filha, começou já a chorar a rapariga com tanta alegria que ela tinha, os pais dela ficaram admirados. Não sancaram comigo, nem arranjar milandos ficaram livrimente: até hoje em dia.

Quando terem a noiva e não gostar não podemos deixar qualquer maneira se não os pais sancam. Muito obrigado Sr. Director.

[1] Milando: Questão.

J. A. Pascual, solteiro, 21 anos, natural de Vilanculos, residente na Beira.

Sou um daqueles que luta por uma vida séria; Mas porque é que nas terras administrativas ou Circunscrições de Vilanculos Massinga Morrembene etc. no distrito de Inhambane admitem as mulheres devorciar com os maridos dar autorização de de ir em qualquer cidade trabalhar a conta própria? Estrovam os homens fazer despezas para as suas famílias e pagar os imposto.

Além disso volta na terra da sua natural, envolver o dinheiro dos maridos que tinha casados com elas muito tempo. As outras são meninas que ainda merecem ser namoradas pelos homens! É que a culpa é da autoridade, porque averba uma mulher que não tenha profissão?

1.º Quando o marido conselhar a mulher fala assim: não me chateia que vou trabalhar o teu dinheiro ti envolver, porque ela sabe que hei-de autorização de ir em qualquer parte!

2.º Onde é que a mulher vai com a caderneta dada pela autoridade se todas as mulheres merem ser domésticas?

3.º Para que administração deixam as mulheres divorciadas irem para em qualquer cidade se ela pode tiver o 2.º marido?

4.º Autoridade: pensa que uma mulher pode trabalhar com o contrato dum patrão sem ela saber alguma coisa do serviço?!

Se for Enfermeira Parteira criada está bem. Mas todas as mulheres quando sairem em qualquer adminisração; dizem que vou trabalhar como criada, para enganar autoridade e autoridade nem prova se ela sabe falar ou qualquer coisa do serviço mas como ela vai trabalhar sem saber falar Português?

5.º o que preocupa uma mulher deixar estar em casa do seu marido se ela não paga imposto? Então se for assim as mulheres que estão devem pagar o imposto porque elas são os homens.

6.º Partindo uma mulher da sua Circunscrição, trabalhar a conta própria só estar numa casinha só para chateir a XIPARA

vender por se que é uma grande vergonha ver uma pessoa sentado a espera dos homens para poupar dinheiro. Devem pagar imposto porque de 2 a 3 meses tem mais de 2.000$00 ou 4.000$00.

Assim poço jurar que no povo africano dentro de 2 anos se isto não tiver cura de autoridade encontraram todo o Moçambique sem casados. Mas porque autoridade deixa de exegir cadernetas nas mulheres que fica todo o dia XIPANGARA NHADIMA MANA et. esperar poupar dinheiro nos homens que trabalham?

E ainda Alfândega deixa de exegir quando chegar uma gasolina.

J. M. D. Jongué, solteiro, 24 anos, natural de Machanga e residente na Beira.

O que me fez roubar o tempo de escrever esta carta é o seguinte. Há certos pessoas da minha raça africana que não sabem o que fazem. Alguns saíram de muito longe deixando suas famlias para vir cá trabalhar a fim de ganhar o dinheiro, e com o dinheiro que necessário, vão gastar nos bares a beber vinho, sem pensar na família que estão a sofrer na terra.

Alguns são casados com filhos; e nem sequer quando receber entrar numa loja para comprar vestuário para os filhos; sòmente mal que recebe, toma a liberdade de procurar um bar para beber o vinho, depois de beber estende no chão com grossura sem pensar no futuro. O pior é que quando recebem, não pensam voltar mais ao serviço antes de ter gastado todo o dinheiro; só voltam quando ficar sem quinhenta [1]. Irmãos não

[1] **Quinhenta:** Cinquenta centavos. **Duxenta:** dez centavos.

é justo fazer as coisas sem pensar. Estamos cá longe da nossa terra. Sempre temos que fazer as coisas a jeito com o nosso dinheiro. Metade gastar e outro metade guardar, porque é capaz de nos acontecer uma desgraça e não podemos fazer nada sem dinheiro. Muitas vezes sucede com as pessoas que gostam de faltar ao serviço com grossura. Quando acabam de gastar todo o dinheiro, chega certos dias que os patrões cansam com paciência e despedem-nos de serviço por falta de comprotamento sério no momento que já têm todo o dinheiro nas bebidas. Sabeis donde saem os bandidos que andam a bater as pessoas de noite? São essas pessoas que não tem meio para a vida e para regressar á terra. Não conseguem pagar transporte e assim têm de ficar nas escuridões da noite á espera que alguem que passa para bater e revistar se tem dinheiro. Irmãos, amigos, isto não está justo. Nós temos que pensar no futuro. Além disso nós sofremos trinta dias para ganhar o dinheiro e está justo gastá-lo por dois ou três dias?

C. Zeca Missias, 19 anos de idade provável, natural de Maganja da Costa e residente em Quelimane.

O que venho anarar. E o seguinte. Eu tenho meu tio cujo o nome Américo castigo que tinha uma mulher muito honesta trabalhosa e tudo. É que ela tinha um hábito muito feio. só ela ficava contente quando o tio vinha do serviço. Passado alguns enstante, o marido pedio autorização a fim de ir ao serviço. E quando lá foi, a mulher aproveitou oportunidade de fazer vadiagem. Eu acho que é um caso muito rediculoso sr. Director. E que convém o sr. Director dignar-se mandar públicar para os meus queridos moçambicanos evitarem os abusos das mulheres honestas e lindas. De anos após anos, o tio ficou cansadissimo com actividade que tinha e resolveu voltar á casa.

Quando chegou a casa descobriu tudo no que fazia a mulher em casa. Dali foi acusar ao chefe de nante. A mulher quando ouvio de que foi acusado ao chefe, foiu amada até que por fim desatou-se achorar. Porém, quando chegou o dia em que ia-se resolver a questão, o tio tinha que ir a casa dos pais chama-la. Quando chegaram a preseça do chefe, e que ela tambêm tinha uma criança o chefe teve com paixão com a criança disse para o marido. Voltem á casa: e se lá chegarem, guarde bem a sua mulher. E como o meu tio é um homem já de pensamentos bons, acatou as ordens do chefe e sairam dali num enstante, guardando o concelho do chefe. Passado alguns meses o tio voltou ao serviço. A mulher quando ficou a casa resolveu em ir a Mocuba a fim de fazer, o seu serviço de vadiagem. Será que assim é bom senhor Director? Ao terminar esta, peço vos desculpas Sr. Director pelo tempo que vos roubei e pelos erros que estão nessa carta; é claro não tenho classe nenhuma senão a 2.ª classe.

Fortuna Amade, 23 anos, natural da ilha de Juze, residente em Pebane.

Nós cá os mahometanos andamos em desacordo por causa do Nosso amigo Alfredo Ali também conhecido por Entete desde a muito tempo que andava a procura de cargo de Alifa quer dizer Padre monhé[1] e conseguiu por intermédio de meia dúzia de pessoas vizinhas e parentes nomearam.

os restos mahometanos não gostaram porque esse Homem não é cinsero para tal cargo ele é mentirozo, bebe cerveja

[1] Monhé: designação corrente (com carga depreciativa) de maometano.

invejoso é barbeiro ambulante não paga licença de barbeiro quando os outros não quiseram associarem com ele na mesma mesquita foi se Queixar dizendo que os outros eram Estrangeiros afinal de contas ele trata as pessoas de outra circunscrição como estranha isto está certo?

Ele não ganhou razão com os seus companheiros Voltou cheio de vergonha.

G. A. dos S. Ramos Munava, natural e residente em Munhamade.

O motivo que me levou a escrever esta carta é o seguinte: Munhamede, é pior!... Munhamade é tão pior que outros Postos ou circunscrições que se encontram em tudo Moçambique.

Senhor director, e amigos leitores, este costume tem em toda parte? Mas aqui é tão pior. Nesta região não se encontra uma menina de 4, 5, 6 anos de idade não têm o seu marido; senhor Director, isto está justo? O pior os homens que as ocupam, são aqueles cadetes, isto é, de 59, 70 anos de idade.

Senhor director, despajando água no 5 l. pode acabar numa garrafa toda a água? Porquê que não acabe toda? Não é da medida que não é a mesma? Eu pergunto um desses homens a razão que casam-se com uma meúda tão pequenita assim, sabe a resposta que ele me dá? E esta: éh pá, quero gozar mundo. Não sabes isto? E torno-lhe a perguntar outra vez quando que há-de crescer e anos que com ela tirarás filhos? Sem vergonha aquele homem analhafeto, me responde: Ah! não sabes que uma menina quando dorme com um homem cresce depressa? Portanto, eu faço crescer essa minha menina. Senhor director, um homem pode fazer crescer a outro? Senão, conheço Deus é que pode fazer tudo e fazer crescer coisas criadas. Nesse caso os culpados são os pais das jovens que os autorizam casá-las.

Fonseca Dias, 17 anos, natural de Sofala e residente em Danga.

Eu venho só falar sobre os rapazes, de Sofala.
Os rapazes de Sofala, não gostam de trabalhar, e nem estudar, e até são passados pelas meninas.

E eles não pensam nada de trabalhar, só dorme a pensar que amanhã vou tirar os cocos, do coqueiros, para vir vender nas lojas, e o dinheiro, que trazem dos cocos, só pensam gastar comprar doces, para as meninas, e as meninas, não gostam também desses rapazes, por serem burros, são conciderados como vadios, e são mesmo vadios. E quando esses rapazes, vêem uns rapazes, da Beira, ou de outras Terras, estrangeiras, começam a falar mal dos rapazes, que estão assim bem vestidos é para vir mostrar e andar a jingar.
E as meninas amam mais pessoas, de fora, do que da mesma locaridade; pois sim. Meus amigos, não me levam a mal; dou vos alguns concelhos, sim, são os seguintes; que, assim não podemos viver assim no Mundo, desta maneira, no momento quando ainda somos menor, com pouco mais ou menos, com a idade, dos 7 anos, para diante que podemos começar com os estudos. E pelo menos tirar a 4.ª classe, porque já com 4.ª classe, facilita-se alguma coisa, e podemos tirar a carta de condução, e podemos trabalhar, livre vontade, e os que quiserem podem estudar, mais, até quinto, ou sétimo ano, conforme, vontade de uma pessoa.
Que terão uma boa fortuna para a vossa vida.
E trabalhem amigos, para amanhã serem homem.
Porque tuando não trabalhem, as meninas não podem vos gostar, por que elas, peçam vocés alguma coisas para comprar, e vocés não têm dinheiro não podem fazer nada.
E as vezes vocés pensam roubar, mais neste caso se forem ao roubar, é aprendido; e de tudo não terá nenhuma coisa ao vosso lugar. Eu tenho a 4.ª classe, e trabalho, e ganho pouco mas sempre tenho dinheiro, para aguentar com as dificuldades da minha vida.

Bem amigos, procurem serviço, para trabalhar e deixem de andar atráz das miúdas, porque elas não vos pedem arranjar dinheiro, e não poderão gostar de vocés se não trabalharem. Não acha razões SR. Director.

Gabriel Manuel Cantadelo, Guarda auxiliar, natural de Namacurra, residente na Beira.

O que levo hoje dia de escrever esta carta, è o seguinte, um dia, sai fui atè no bar Pariso, e naquele bar encontrou um amigo, com duas mulheres que vieram cà estragar esta cidade, a beber essas mulher são de Inhabane, esse dia na mesa era cheio de cerveja, e vinho Matateu, nesse dia esse amigo ja tinha recebido o vencimento que era para sustentar a sua familias, mas o mal que ele recebeu dezimportou de ir a casa correu logo para bar, nesse dia em casa nem tinha comida as criaças todos a chorar sobre de fome, e dai algum tempo apareceu o pai com a cara grosso, sem pão nem sardinha e mal que ele entrou dentro de casa começou pedir a sua mulher a comida e falando que não tinha comida foi logo a porrada, e a mulher fugiu logo para casa da famila dele junto as crianças; e quando o homem ficou tornou voltar para bar ali bebeu, e dançou e aquelas mulheres quando viram no gajo que não tinha mais dinheiro forram com homem que tinha dinheiro, e o tal amigo ficou sem elas, e foi logo par sua casa abriu a sua porta dormiu e quando manheceu apareceu a sua pròpria mulher levando a sua bagagem dizendo que não preciso mais do homem mas caros amigos não acha que a mulher tem a razão? Meus amigos vamos termos atenção com essas mulheres que vieram nos abandonar as nossas cabeças.

Mas sim nòs querendo andar com essas muheres da vida primeiro è deixar despeza para a sua mulher as suas crianças não è assim qui deve fazer homem casado?

Tudo Augusto Tougunena, casado, 36 anos, natural de Vilanculos e residente na Beira.

O caso que me levou a escrever esta ousadia carta é de grande interesse sobre as mulheres Africanas que têm cognomes de Putas. Vejais a nossa cidade está cheia dos vadios ou bandidos, por causa das mulheres Putas, que iludam os homens.

Meus Senhores, eu conheço muitos homens da minha terra lá em Vilanculos que não lembram das suas mulheres e filhos por meio das Putas.

Coisa que faz-me aborrecer muito é que os outros homens são a cidadãos portugueses, mas não cumpram as leis dos a cidadãos, por serem enganados pelas Putas.

Eu chamo esses meus Senhores bandidos, porque nem pagam impostos os outros têm 3 ou 4 anos sem pagar, enquanto uma pessoa trabalha só é para dar as Putas.

Mas essa é boa vida?

Eu acho que não, está bom um homem ser enganado com as Putas.

Um dia fui passear lá para Chiparanga, quando lá cheguei fiquei muito vergonhado por ver uns miúdos de de 12 a 14 anos, enquanto estão de bicha na casa duma Puta, cada-qual trazia na mão aos 20$00 escudos. Aquela puta que só interessava do dinheiro não dizia aos miúdos que vão se embora sois pequenos nada levava um a um para dentro, e eu senti grande pena e fui embora depressa.

Por isso eu pedia a V. Exa. aos Senhores Autoridades, para que mandem embora todas as mulheres Putas para as terras delas, como nos anos passados que prendiam muito a qualidade dessas mulheres, agora não sei porque!

A maior número das mulheres Putas são do Sul são essas que estragam a nossa cidade. Meus amigos não podemos costumar muito as Putas que estão ruinar a nossa vida.

Peço grande desculpa aos mulheres naturais que não estou dizer elas só as estrangeiras as que não são nativas daqui.

Augusto Vasco Mutezeio, 19 anos, natural de Mossurize.

Eu comecei andar na escola em 1956 na Missão de S. Leonardo de Mossuriga, a ideia que me levou para a escola era de saber falar português quando consegui tirar 3.ª classe é que comecei saber o valor dos estudos. Hoje encontro-me na Vila Pery na M.C.T. enfim cá na Vila Pery até na Barragem de Chicamba passando um pouco mais de cinco quilómetros encontram mulheres com rancho de filhos sem marido, como é que essas mulheres chegaram de dar os filhos sem nemorado? Acho que a terra já é mais velha porque sendo os pais ninguém poibem as filhas. Deixam-as fazer vontade e eles gostam de comer as coisas que a filha traga no mato sem interrogar nenhuma palavra. e as filhas continuam com está má vida porque os pais não querem passar nenhum dia sem beber um copo de vinho. Por isso a nossa civilização nunca jamais avança. Porque os filhos que não têm os pais acabem de vadiar nas cidades e nas Vilas porque ninguémsustenta nem sequer estudar porque ninguém conselha. Desculpa caros leitores pela minha ignorância que venho sujar nas páginas

Luís Jorge Bicudo, solteiro, 24 anos, natural de Zalada e residente em Marromeu.

Não imagina quanto me custa vim importuná-lo dando-lhe a maçada de se dignar na página escrevem os leitores. Hoje rogo ao Sr. Director que sendo a segundo vez que o faço, V. Excia me admite escrever o seguinte. Agradeço que me publique esta minha carta numa das colunas, escrevem os leitores deste jornal. Vou contar a história que se passa comigo quando foi-me prestar o serviço Militar em 1967 no Regimento de Infantoria da Beira depois do meu recruta estive como 1.º cabo e condutor-auto e depois mandei a carta para os meus pais era sobre do nomoro doma menina do nome Cristina Muzaico era uma menina que eu tive amor com ela,, mais os meus pais não emtenderão falar com aquela menina onde eles precurarão oura que eu não queria onde o meu pai pagou os dinheiro aquantia de 600$00 no pai da menina. Depois onde o meu pai escreveu-me a rosposta para me responder dissime que a menina quo vosse falaste já esta na sua espera enquando não era essa que eu queria quando passei-me disponobridade, emgoutrei, uma menina que eu não queria depois obedese o meu pai fiquei com a menina durante três anos depois separamos com ela por que o coração não cobinava, lutovamos sempre. Depois comisei nomorar outra que eu queria ela e Jacinta Mutoliano como os meus pais não quer daquela menina já os meus pais comisou inimizar comigo até a gora o meu pai quer que me matar sobre essa mulher que eu tenho agora ate tenho uma filha com ela. Eu então fui para Marromeu em fim de trabalhar como tractorista, para preparar o meu casamento catolico. Hoje meus irmão já não estamos nesses tempos, e a mulher deve escolher o seu marido assim como o marido deve esculher a sua mulher. Snr. Director: desculpe por estas a ir muito longe, mas ainda não escrevi tudo o que tenho-me consedido com os meus pais, mas se for autorizado á tal novamente falarei em outro assuntos deste natureza não reparem nos meus erros.

Antoninho Armando, 14 anos, natural de Malei e residente em Namacurra.

O caso que me levou a pegar na caneta para escrever é o seguinte:

Cá onde eu resido há uma menina de nome Isabel Maria essa menina um dia um menino entrou na casa de banho ao fazer necessidade menor ela começou a espertar e eu falei a ela menina, porque estás a espretar o menino enquanto esta na casa de banho? Ela disse olha o preto já quer meter connosco será que é mal um gajo quando dizer isso é mal Senhor Director?

Ela é uma menina que estuda no Colégio Nuno Alvares de Quelimane será que aprende isso de espretar rapazes quando esta na casa de banho?

A mim na minha consciência penso que não porque ela é uma bruta ainda uma gaja de 2.º ano dos Liceus pode fazer isso? Não será que não estudou mais que uma menina de 4.ª Classe?

E uma menina de 4.ª Classe que tem respeito com os outros e ela não podia ter também?

Ela goza mais, mas para mim o nosso pai é um só que é o Nosso Senhor para ela não. E ainda todos os dias chama-me preto animal.

Desculpe por tudo e peço que me emendem os meus erros porque sou da 3.ª Classe.

Admiro-me bastantemente com as mulheres da povoação chamada Napiz, elas não querem ser casadas, só elas pensam de andarem com a vida de puteagem.

Mas senhores leitores assim acham que é justo?

Uma mulher que chega de ter 18 a 22 anos sem ser casada assim não é ser vadia? E até os próprios rapazes chegam de casarem com duas ou três mulheres. Um garoto que chega de ter 16 a 17 anos pode casarem com duas ou três mulheres? A culpa é por falta de não haver pessoas civilizadas.

Do banho diário não digo quanto a lavagem da roupa está pior.

Na nossa povoação temos duas religiões Cristã e Maomete e essa gentinha desde muito tempo não escolhem uma das delas que gostam. Só o senhor Jaime Minhal é que se comporta com a civilização dentro desta povoação.

No final envio cumprimentos ao João Filipinho, Armindo Celestino, Bartolomeu João, professor Francisco Ramposo, catequista Leonardo Mazunde, Luis Muibo, Rafael Gulamucene, Carlos Silva Vilija, Domingos André, Isaac Manuel, Risco Viano, Bernardo Celestino, Raul Pequenino, Augusto Esteu e Luís Branquinho Madal.

E um abraços forte para todas raparigas da povoação Fonseca, Baixa Namuagor.

4

O CLÃ NÃO ACABOU MAS JÁ AÍ ESTÁ A FAMÍLIA

Bernardo Joaquim Constantino Júnior, natural da Murraça e residente na Beira.

Snr. Director vou falando sobre como eu comecei a estudar. Em 1954 estive como guarda da nossa casa, quando os meus pais com trabalha na machamba na margem do rio Zambeze eu ficava sempre casa sózinho quardar a nossa casa, porque na havia pessoa para ficar comigo, todos os meus irmãos adultos faleceram, por isso eu estive ficar sózinho, os meus pais costuma sair em casa às 6 horas só damos em encontro às 17 horas

O meu relógio era um pássaro quando começa cantar eu já sabia logo que já é meio dia, levava as minhas merendas e comia, um dia os meus pais atrazaram a chegar por causa de tempestade, neste dia, chegaram 22 horas, em casa eu estive muito com medo, fui dormir debaixo da cama, porque não havia pessoa para ficar comigo, ja era escuro. Todos os meus irmãos Velhos faleceram, por isso eu estive sózinho, meu pai veido aquilo do meu sofrimento foi ter com irmão dele mais velho para que emprestar o filho dele para ficar comigo, porque o meu filho está sofrer, não há pessoa para consolar, levou

o filho de irmão dele, e entregou-me disse assim olha meu filho fica com teu primo masna faça barulho, ficais ambos dois para não ter medo, a partir neste dia ficamos ambos dois, sem fazer barulho

Em 1955 o meu pai comprou um livro chamado João de Deus, e assim começamos estudar junto com o meu primo, o nosso professor é ele mesmo meu pai, depois de regressar ao machamba, dava nós pouco ensinamento, outro dia levei o livro rasguei; o meu pai quando voltou da machamba perguntou-nos onde está o livro e respondi perdi o meu primo disse que rasgou neste dia o meu pai zangou muito comigo.

O profissão do meu pai é o ourive, agora deixou, está com serviço de rede, almodia[1] de transporte de Murraça para Chindio

Em 1956 o meu pai continuou comprar outro livro como da primeira, por meio das obrigaçõe consegui estudar bem, sem fazer malandriça em 1959 fiz rudimental[2] e fui aprovado, o meu pai ficou muito contente, o mesmo ano fui Baptizado com os meus amigos: António Alberto, Félix Gadága, Alberto Nota os outro não me lembro, em 1962 fiz exame 4.ª classe, ai meu pai ficou muitissimo contente; Até agora tenho vocação de continuar os estudos. Os meus irmãos são esses: Vitorino, Domingos Francisco Dias e Quisito; — Rosalina, Isabel, Ana, Anita, Maria Rosa e Maria Jesus

Entre nos africano para crescer custa muito do que um filho do europeu.

um filho de africano com 10 anos não é dado sempre é criança, mas entres os europeus uma criança com 10 já é homem grande

Agora eu encontro nesta cidade da Beira

Na minha chega fui em casa do menino Carlos Franco ai fui bem recebido, do que os outros amigo, embora que não seja

[1] **Almodia:** Por **almadia.** Barco escavado em tronco de árvore.
[2] **Rudimental:** Por **rudimentar,** isto é, o exame do ensino primário rudimentar.

da minha raça, mas sim recebeu-me muito bem com toda vontade como se fosse minha familia Eu nunca vi o menino com este de bom coração e amor;

Entres nós africanos estranha ou abuza muito os professores porques?

Nós nãopodemos despresar os professores porque são eles que nos abriram os olhos, ensinar-nos, e hão-de ensinar os nos filhos para futuro, Eu não vou despresar os mestres e mestras, porque são eles que me ensinaram, amar a Deus, estudar para ser homem, desta maneira não vou esquencer, quando eu ouvi que na nossa Missão de Nossa Senhora Fátima está construir um colégio fiquei muito contente.

A. C. Aboro, natural de Namacurra e residente em Mocuba.

Não se preocupe com os meus erros, porque sou pessoa de pouco estudo.

O caso que me lovou a escrever esta carta é o seguinte:

Realizei o meu casamento em 25 de Setembro de 1966, com D. Sáfe Muchidão da regedoria M'boi concelho de Namacurra. E com auxilio do «Nosso Senhor», a Senhora gravidou-se no mês de Janeiro do ano seguinte. Como eu sou catiquista de Maumetanos, fui na vila de Mocuba onde encontra empregado na Mesquita dessa vila.

Passando uns dias, da minha dislocação de Namacurra para a Mocuba a minha esposa deu luz, uma criança de sexo masculino; e no dia 22 de Junho de 1967 com os dores da bariga que sentia, às 22 horas faleceu junto a criança. E no dia seguinte às 8 horas recebi telefone que dizia a sua mulher deu luz. Passando uns momentos depois faleceu e a criança. Eu a ouvir aquilo fiquei 3 horas do tempo, completamente na

aparencia de um maluco, porque não tinha o que faser e nem chorar. Porque era uma coisa que eu não esperava agora.

E no dia seguinte num sabado temei comboio para a minha tera encontrei o cadáver supultado. Depois de 3 dias segui para ao trabalho, foi uma disgraça imensa porque encontra-me com uma vida viúva.

De um sapateiro, 38 anos, casado, natural de Namacata e residente em Quelimane.

Eu conto que os meus amigos chamo-lhe que o Bernardo em um gajo bébénhoco que não regula a cabeça. Mas si eu sou sapateiro, a 25$00 por dia recebo em semanal, em todos sabados chego em casa muito bebado (sempre) mas sou casado na Igreja catolica tenho um filho mas a minha mulher viste bem comé bem tanto o meu filho, e eu também tenho uma casa boa mesas, e cadeiras, gramafóne, e ferros de engomar, e os meus amigos que falam que o Bernando em bebenhoco não teram, vem a minha casa verem o músico do meu gramafone, e emprestar o meu ferro de engomar, mas eles não tem vergonha. Digam o snr. Director a essas problemas fim

A outras coisas sobre da D. Marta

Então D. Marta as suas filhas não queres casado o homém incivil sado si como voce é civilisada não é, mas eu não sou civilsado mas tenho uma mulher civilsado tu D. Marta a sua civilsação vale por ti e o seu marido e suas filhas fim

Outras coisas da D. Maria da Lurdes

Não queres dar a mão no Bar mas tu sabia que no Bar em para todas pessoas, por quem andam fazer no Bar não é para isso? Olha desejo falar contiga espero a falar por travez.

J. dos S. Mucajo, 21 anos, solteiro, natural de Chiúre, circunscrição de Mecúfi, residente em Nampula.

Senhor Director

Peço desculpas senr. Director pelos meus erros, porque sou um rapaz de poucos estudos. O motivo que me levou a pegar na caneta e escrever esta carta venho contar aos meus queridos amigos e irmãos sobre a minha vida como correu cá em Nampula. Quando cá cheguei empreguei-me no escritório do Instituto do Algodão de Moçambique, como servente. Mas um dia apareceu um homem chamado Caita, recrutador gente para Beira. O homem disse-me que eu fosse casar a irmã dele que nunca tem sido casada. Enquanto não. Eu fui, casei, dormi dois dias, e no terceiro dia levi a rapariga para minha casa. Quando lá a rapariga chegou nem queria fazer nada, falava mal de mim, quando eu dizer como se pode tratar a casa, ela ía à casa de seus pais a dizer que o homem lá começou a rafilar-me. Os pais mandavam sentar e não mandava voltar. Depois os pais vieram a dizer-me para eu tirar dinheiro batucarem na rapariga porque era criança por isso que não sabia viver com o homem. Eu recusei porque bem sabia que a rapariga não queria de mim, só era obrigada casar-se comigo para eu auxilá-los os seus batuques de (Emuali), depois disso mandarem-me embora. Pediram-me favores que eu não fizesse nisso. Como eu queria arranjar familia aceitei. Fizeram os batuques e acabou. Levi a rapariga outra vez para minha casa, e fugia-me três vezes, eu indo busca-la, a quarta vez eperou-me ir ao serviço limpou todos os pratos e panelas e fugiu para a casa de seus pais.

Quando fui perguntar porque ela foge-me se os batuques já acabou, o meu cunhado convitou os homens que ele recruta para me bater, bateram-me até queria morrer, e ainda o meu cunhado levava a faca para espetar-me e eu fugi perseguiam-me chamando o nome de ladrão, e assim separei com a irmã dele.

Dois dias a rapariga já estava casada. Assim não deve ser que o homem estava guardado? A rapariga chama-se Iclemele, mora em Carrupeia. Este homem tem o mau hábito de arranjar homens para casar suas irmãs quando ver que são pobres, arranja qualquer partida e manda-os embora. Ele julgou que eu fosse rico.

A. Montxene, casado, 24 anos, natural do Gilé e residente na povoação de Tucumela.

Começo por contar o que me passou no mês de Novembro. Em 14-11-1964, começou adoecer a minha mulher a «qual fez-me perder os meus pensamentos.

Sai da localidade onde estou fui a correr de bicicleta até na povoação do Napula, ida a volta a qual dista 55 Kms. fui dizer as famílias da minha mulher, e elas negaram dizendo que eu fazia um mau trato a ela.

Depois da minha volta minha mulher deu luz uma criança do sexo feminino; até agaro a criança está continuamente doente Por isso continuo a sofrer com a doença da criança; sofrí com a doença da mãe e nenhuma família da minha mulher me ajuda.

Vedes amigos e senhores Leitores que o bom trato da família é boa coisa; se eu não fosse um esperto, minha mulher morria; mas pela graças a Deus não morreu assim como as famílias queriam.

Os meus cunhados são maus visto que eles não querem-me ajudar quando-me acontece alguma coisa. Amigos Leitores vós não confiam nos vossos cunhados? Mas eu não os confio certamente.

L. Abacar Ornar Tamia, 26 anos, casado, natural e residente em Bajone.

Que-me leva escrever é o seguinte. Em 1964 A minha senhora deu luz uma criança, de sexo Femenina no dia 11 de Julho do corrente ano, na vila meneia. Comforme estou sempre a trabalhar longe da minha terra, numa certa altura, recebi telefone saindo na minha terra, a contar que cá na terra, temos uma criança sua... Meus caros leitores, mas logo todo o meu coração parece-me voltei a dizer pá-pá. Cheia de alegria, a minha filha a qual dei o nome de Ajuma Amina Luis A. O. Foi nascida na sexta--feira pelas 3 horas de matrogada e deí este nome. No momento mandei vir a minha mulher cá no serviço junto com a criança nesse dia nenhum alegria que não tenha. A penssar de ser pobre. Mas graças a Deus quando ela for grande que será uma menina da minha vista.
Senhor Director, com a quela alegriamento da minha filha. Ajuma Amina L. A. O.

F. D. Sauana, solteiro, 23 anos, natural de Marromeu, régulo Bauaze e residente na Beira.

Amigos leitores, à tristes notícias que eu vou comunicar peço que um dos leitores me responda no próximo número.
Em minha terra Bauaze gente de lá são muitos males não gostam os estrangeiros lá viver bem, isto já aconteceu sobre nós muito tempos vivemos na Ilha de Muananhoca de Regedoria Gorra, lá onde que nós todos nascemos somos 5 três sexo masculino e dois feminino de cujos nomes Juliana Nicolaú Bastiana Emiliano e eu Francisco só a minha mana Juliana já é casada todos nós agora encontramos em Bauaze, agentes não queriamos lá viver na parte da Regedoria Bauaze e agora

estamos lá viver sempre com mal vivença só por motivo do meu pai que tinha casado na Beira 6 anos sem ir na terra com esta causa a mãe estava sofrer muito quando chover porque não tinha nanda ninguém para cobrir a palhota que andava sempre cobrir a palhota era o meu tio mais velho de cuja nome Sardinha Sauaua é mais velho do que o meu pai e agora ele já faleceu no ano passado no mês de Agosto nós todos estamos muito triste com o meu tio tão bondoso e agora nós estamos diminuidos das familiares por ter falecido o meu tio muito bondoso! e agora desde de 1955 encontramos no Região do Régulo Bauaze lá ondem encontramos todos asar minha irmã tinha duas filhas todas faleceram e eu quando aranjar bom emprego sempre mandando embora com o patrão assim é bom pode o homem viver bem desta maneira! Não! Sempre fico mal estado, ainda aranjo uma menina chama-se Nhale Bulande Ntope mal ela em gentia eu sou Baptizado não valia pena.

Zeferino Bernardo Costa Massua, 21 anos, casado, natural e residente em Monapo.

Porque quero contar um assunto mais interesse. Eu tenho o meu irmão de nome Henriques Constantino Massana, é um carpinteiro da Missão de Carapira Monapo. Ele começou há muito tempo a trabalhar quando eu era criança. Depois de pouca idade eu também comecei a trabalhar na mesma Missão de Carapira Monapo. Pouco a pouco comecei ganhar também. Depois o meu irmão logo que viu que eu ja tenho pouca idade comecou-me desprezar, não falar comigo nem importar-me. Mandei uma carta na Voz Africana publicar o mesmo assunto, mas ele teve pena comprou uma bicicleta nova e a velha que ele tinha pençou venderme por 250$00. Agora ele tem uma bicicleta tem cravador tem uma casa muito linda. Mas agora

não fala comigo, não sei porque. Um irmão com seu irmaozinho não importar não e grande maravilha? Mas o mau pensamento que tenho penso que ele é por causa das coisas que ele possue. Portanto é para eu não acostumar e não merexer naquelas coisas. Mas assim também não acuento por que ele é o meu próprio- irmão. Mais senhores e senhoras é favor que-me desculpem para-me aconselharem como é que posso fazer com este meu irmão. E também venho vos perguntar se nas vossas terras fezem assim mesmo como-me faz este o meu irmão. Se fazem assim é favor que me respondem não tenham medo. E não reparem dos meus erros é porque não tenho nenhuma classe.

Alberto Ossofo Sumail, casado, 37 anos, natural e residente em Mecufi.

Eu Admiro muito uma coisa que me faz admirar em o seguite quando eu casar, uma mulher, toda gente gosta da quela mulher. Casei com quatro mulheres, toda essas mulher, foi todo cabaçodas[1] com migo nõo arrancar, os meus amigos falei primeiro os pais e casei. Quando são solteiras ninguém gostava, basta casar, Já abri o caminho para o povo. Agora canssei-me porque não foi só uma vez, Já a quatro vezes, da 1.ª fui arrancado por um amigo, e a 2.ª foi o mesmo da 3.ª mema coisa, 4.ª foi o mesmo; Assim é justo? Se eu fosse um leproso, esse gente podiom gostar de Arrancar a si mesmo para eles ficar leprosos, querido Sr. faça o favor, de respeitar a mulher do outro; a quêm esta casado com leproso deixa, ficar com a lepra dele a quê casau com a boa; Vida deixa ficar com a sua

[1] Por **cabaçadas**, em vez de **descabaçadas**, desfloradas

boa Vida dele foi Deus. é que lhe deu ser pobre ser rico todo foi Deus.

Senhor Director, Aqui no meu localidade de Mecufi. Estamos muitos empregados, cada qual trabalha e, ganha o seu pão,

Mas eu no dia que arranjo 1 ou 2 Kg, de Peixe toda gente me trato ser amigo começam amirmurar, me assim é bom Senhor Director?

Ernesto Binamo, casado, 24 anos, natural e residente em Maúa.

O caso que me levou a escrever esta carta é o seguinte: Eu tenho grande apena com os meus tios. Envenha e o Halua, o Halua era um homem muito conhecido quando estava casado no chefe Mucaua, e faleceu a mulher tendo deixado a 2 filhos. E foi casar no chefe Mora e lá onde o homem sofre conseguencias contra a familia da mulher, e apena o tio trabalha muito e não goza visto que não se entende com a familia, é gente muito incopreensível. E o tio Envenha tinha casado no chefe Mpilua e no chefe Nipuamua. E por sua vez a mulher do chefe Nipuamua como era a mais velha resolveu mandar embora, e ficando com a mulher de Mpilua. Com ela, viveu só apenas com 2 anos e faleceu a mulher tendo deixado 3 filhos, saiu foi casar no chefe Nanticua com uma mulher de 5 filhos, e o quinto é um rapaz de 15 anos de idade, e uma rapariga de 13 anos, estes dois filhos, é que faz a sofrer o homem. E os sofrimentos que eles fazem são: de roubar o machado, facas, as agulhas que ele custuma a frurar os cestos, o rapé mais outras coisas. Estas coisas que eu contei, eles roubam só para deitar no mato só para fazer sofrer o tio que é o patrasto deles. Além de isso e roubam o dinheiro sabendo que, ele que nos arranja roupas para nós.

Aissim é bom Senhor Director? assim não é fazer a sofrer o patrasto deles?

Agora pergunto todos queridos amigos leitores, estas coisas que fazem estes rapazes são boas?

Celestino José Albino Mbofana, 15 anos, natural de Chiugoze e residente em Moatize.

Eu estou na Missão de S. João Baptista em Moatize Chiugoze. Eu apenas tenho a 3.ª classe.
Envio os meus cumprimeitos para os meus sobrinhos Domingos Macajo Horácio Ferrão Honório Francisco Luis Charles, que se encontram no chiugoze.
São alunos de escola de Inhamacasa.

Na Missão de S. João Baptista, há 14 internos. Sabino José Dinis D. Dzimba Damasco, Atanásio, Roberto, Desdério, Agostinho, Celestino, Júlio, Emilio, Tito, Mário, Inácio, Gabriel.
O meu pai tem nove filhos, Mário é um alfaiate, Celestino Adelino António Nicolão Vicente Maluvida Honório e Tendo, todos estão estudar.
Minha mãe nasceu em Inhamacasa, chamada Fatiota Crantaza, minha mãe fica sempre sempre doente, dor de coração.
Há meu avô chamado Macajo Caphonte tem 66 anos, mas não é velho.
O meu pai tem 9 vacas comprou agora mesmo lá em Cassumbadeza.
Os meus estudo vão sempre pouco pouco.
o meu pai nasceu em 1905, e minha mãe nasceu e 1925.
Eu comecei estudar e no dia 14 de Setembro de 1963.
Escrevi voz Africana no dia 12 de Março de 1967.
Lá na minha terra há um ponte de Gabriel, no rio de rovubue.
Eu termino dirigindo cumprimentos ao Sr. Padre, ao senhor

Director da Beira e a todos os jogador do Grupo Clube Ferroviário de Moçambique de Moatize, pela brilhante carreira que este ano estão livando na Beira.

Francisco Megue, residente em Malema.

Como é de conhecimento de V. Ex.ª que o signatário Francisco Megue é o comprador do jornal Vóz Africana, tenho a honra de responder e agradecer ao mesmo tempo aos amigos que estão em Nova-Freixo os quais os seus nomes passo a descriminar: João Moisés e Jorge A. Ramos, em respostas às carta que me escreveram. O primeiro queé o João Moisés dirigiu nestes termos. Nunca vi pessoa incorrecta como o Jorge e o Jorge disse nunca vi pessoa distraido e incorrecto como o João. Como me escreveram todos duma vez, o problema ficou difícil de resolver. Vou contar uma pequena história de um homem casado com duas mulheres cuja profissão é caçador.

A primeira disse ao marido. Papá hoje quando fores à caça e encontrarem qualquer coisa tens que primeiro chegares cá na sua primeira casa e o resto levares a sua segunda esposa. E, quando o homem ia despedir a mais nova disse, mesma coisa que falou a primeira se gostas de mim. As duas mulheres o que traziam era seúme. O caçador aquilo percebeu e regressou no mato. O homem foi-se embora sem dar ou seja mostrar estranho de desgosto e recusos. A caça toda foi fácil. O primeiro animal que matou foi o porco o homem de focinho cumprito. E, como tinha ouvido tudo aquilo que se passou disse de si para si. Agra já sei. A carne dividiu em duas partes iguais e além dessa divissão feita lembrou de embrulhar capins que era para evitar a complicação. O homem começou a caminhada. Quanto aproximava a casa da primeira esconteu o

embrulho que trazia a carne, levando sómente um e outro de capim. Quanto chegou naquela 1.ª mulher disse está aqui a carne o resto levo a tua amiga; despediu e foi-se embora. Pelo caminho, levou o outro embrulho de carne que tinha escondido junto com o dos capins ficando dois. E quanto chegou na última mulher disse está tqui o resto levo a tua amiga a mais velha. O homem aprovou assim o seu esforço na vida das 2 mulher. Assim o homem não inimizou todas ficaram contentes não souberam que foi a 1.ª a ser entregue.

Paulo dos Santos Jaime Mbuima, residente em Nova Freixo.

O motivo que me atingiu a dirigir-me esta carta é este: — Meus caros leitores ficam sabendo que as moças de hoje não gostam os homens pelo amor, mas sim por causa do dinheiro. Cá em Nova Freixo é de mais. Sucedeu que eu e meu primo nesta Vila, tinhamos arranjado mulheres para o fim de matrimoniarmos com elas. A minha intensão parece que sonhava de não vivermos com elas toda a vida. Eu logo disse a meu primo: primeiro casamos assim mesmo e depois casamos.

O que sucede, a família do meu primo com os homens de terilenes aos lados dela conseguiu fugir dentro do lar sem motivo justificado. O meu primo silencioso, sem motivos começam a fazer pouco dizendo que não consegue de arranjar outra mulher, apenas está a minha espera doutra vez porque tenho uma face bonita. Muitas vezes a falar as mesmas gineiras.

O rapaz aborrecido obriga-se de arranjar outra mulher para manter-se com ela. A antiga mulher, quando soube que já estava casado decidiu de ir fazer ciumes com a nova mulher.

Eu e ele fomos estudar o assunto, mas não pode, porque a mulher antiga gosta de quem tem dinheiro, apesar que deixou uma filha com ela não se interesse. Eu também que escrevo

esta carta sucedeu-me a mesma coisa. A que era minha mulher gostava-me naqueles tempos quando batia muita fome. Agora anda levada dum lado para outro.

Meus queridos leitores, mulheres de Nova Freixo amam a quem tem dinheiro. Tenham muita antenção com essas aldrabões meus caros do género masculino. Sobre tudo estou a justificar a carta do Senhor António Francisco Namurá, natural de Nanela e residente em Vila Junqueiro. Meus caros leitores vejam se fizessemos casamentos toda a vida não ficariamos divorciados, como não se pode casar enquanto outra mulher vive. Agora eu o meu pensar é ficar toda a vida solteiro, porque quando é solteiro ninguém chateia.

Pedro Saeze, 25 anos, casado, natural de Mutarara e residente na Beira.

Venho escrever por a minha vida como estou andar, ando muito mau, tempo que eu estou sorteiro estivem adimerar por os homem que tem 2 ou 3 mulher, mas eu ja sabem como é. Eu casou 1961 atem agora ainda não tenho filhos, os meus companheiro que eu casou junto ja tenho filhos que sabe falar Pai é Mãe é avó.

Mais eu ainda não tenho nada, este ano vou ter 2 mulher para eu aver minha vida como esta andar, por ele ter a gravida de 2 ou 3 mês já comessa morder cobra de barigos ja faz 5 ou 8 na mesma modo eu agora estou muito chateado por isso, mas minha mulher antiga não manda Bora não fica tudo os dois.

Meus Senhor vida de homem não bricadeira.

Venho a testemunhar o artigo que já se publicou muitas vezes neste jornal que é a: Moralidade do Lobolo.

Este caso corre principalmente no Búzi, e os seus Postos, Chibabava, Machaze, até Mussorize. Onde pais vendem as nossas noivas por 2.500$00 até agora estão aumentar aos 3.000$00. O pior é que eles dizem que são civilizados, mas, essa civilização que eu não vejo, porque um civilizado não venderia a sua filha como um objecto. Acontece principalmente ao aqueles que dizem que são civilizados, são eles próprios os autores da venda das filhas.

No ano passado fui a Chibabava gozar as minhas férias.

Numa tarde resolvi ir ao Posto onde há lojas e quartel e aí encontrei uma multidão das moças a passearem outras reunidas juntas com os soldados a dançar. Eu mormurei sózinho! O que vale a pena os pais dessas moças deixarem essas filhas a casar com os seus próprios noivos do que deixarem as almas abandonar sobre o dinheiro! Nesta viagem admirei bastante. Vendo-as a dizer que somos brancas e muzungas [1]. Por que andam a dançar com brancos. O Pior é que elas não atingirão essa brancura. Porque, uma branca nunca é vendinda como elas.

Por aqui termino apresentando a todos os leitores de de Chibabava os meus cumprimentos, espero que esses problemas da venda das nossas noivas e dos bailes em Mangunde sejam resolvidos por a que tem direito.

O leitor que ficar ofendido por esta carta pode responder.

De um assinante assíduo da «Voz Africana», residente no Chiúre.

Sendo eu filho de Mecupa e de Nohuvelane estou muito aborrecido e triste com o procedimento do meu primo «Nupue-

[1] Muzunga: Branco, de raça europeia.

leque Mecupa», que se encontra afastado da família há mais de 20 anos. A minha mãe e a deste foram irmãs. Tendo facelida a tia os filhos foram entregue à minha mãe. A tia teve três filhos: «Uamuanera, Zahaia e o primo», não contando os que já passaram para outra vida. Este, depois de ter atingido aos 15 ou 16 anos começou a trabalhar com os funcionários das obras públicas. No princípio ficava perto de nós e nós visitávamo-lo e outras vezes ele visitava-nos. No dia da saída daquela localidade toda a família assistiu a sua partida onde fez as suas promessas dizendo que mandaria cartas semanalmente, não esqueceria a família e que quando chegar a idade enviaria algum dinheirão para o imposto. Mas qual foi o enganol Quando ausentou nem mandou pelo menos uma carta. Isto não foi o pior; é que quando chegou a idade passou nos recessos e foi registar e a pobre família só recebeu uma nota que pedia o seu imposto. Era pena e muito triste ao ver essa gente que desde naquele dia até em 1961 sofria pela cobrança do imposto. E ele que trabalha e recebe alguma coisa nem tem piedade dessa gente que só esperava a colheita do algodão que era feita de ano para ano. Foi até em 1961 por intermédio de alguns que dissera ma meu pai de que o seu padrasto não existia. Foi assim que o pai foi ter com o Snr. Chefe do Posto transferido que é o Snr. administrador do Posto contando-lhe o sucedido.

E assim foi eliminado.

Porém foi uma mentira, pois chegamos a concluir que ainda era vivo. É pelo nosso régulo que nós conhecemos, durante a sua viagem de Nampula contando-nos que falou com ele, está em Nampula a trabalhar, tem duas filhas e levou outro nome «Arímnihoca». Por conseguinte o meu primo encontra-se nos arredores de Nampula. Este é natural do Posto administrativo de Ocúa, regedoria Fuelia, cabo da povoação Messine, chefado Mecupa.

Creio que ele não conheça-me que escrevo esta carta e tem argumentos para isso, porque deixou-me pequeno e hoje sou um homme de 21 anos. Peço favores aos leitores que se encontram espalhados por todo o mundo moçambicano, especialmente os de Nampula que se poderem avistar-se com ele que façam o acto de caridade de o aconselhar para que tome outro rumo ou que me diga que local se encontra.

Pergunto ao Snr. Director e aos leitores, se é justo o procedimento deste meu primo.

Jorge Manuel Ataíde, 17 anos, natural de Marromeu e residente em Nicoadala.

Somos quatro orfãos de pai e mãe, e ficamos com uma só tia que é a D.ª Madalena J. Pinto Morais. E venho esclarecer as infelicidades das minhas três irmãs o seguinte: A primeira é a Madalena Ataíde, que tinha-se casado com um chouffer chamado Rafael João Morais, e que já se devorciou há dois anos por lha ter sido vingada de mais, e esta tem quatro filhos com este sujeito tão crúel. A segunda é a Adélia Ataíde e que encontra-se também em estado viúva em virtude de ter falecido o marido sem adoecer. E a terceira é a Inês Ataíde. Esta encontra-se na cidade da Beira há 6 anos, em companhia do snr Paulino Carlos natural de Murraça. Venho, snr. Director informar as tristezas que esta nossa irmã nos causou na casa.

Tendo ela mandado uma carta a dizer-nos que estava doente e o marido tendo ido embora para a sua terra deixando ela só sem nada que sustentar. E eu, no fim de ler aquela carta levantei-me logo e fui verificar na minha mala donde achei uma nota de 100$00 e corri logo para os correios enviá-la, tão satisfeieo com intenção de que a nossa irmã ao recebé-la terá pão para alguns dias. E fiquei sempre a espera das respostas da minha carta e que nem aqui tenho a resposta. E no passado dia 18 Sugunda-feira do corrente Mês ao largar do serviço encontrei sobre a mesa uma carta, tão satisfeito corri para lé-la a imaginar que era resposta da minha carta, mas era a minha

carta devolvida; Com isso renovamos outra vez com as nossas tristezas por não sabermos o paradeiro da nossa irmã!.. principalmente com a passada chuvada?! Por este meio peço votos aos snrs. Leitores se me dirão o paradeiro da nossa irmã. Nada mais a dizer snr. Director e agaradeço a V. Excia se digne mandar publicar.

Baciano Capate, natural e residente em Murrupula, cozinheiro.

O que me levou escrever esta, é o seguinte: É sobre o que muito vejo e na mesma despercebo. Portanto, sendo eu de poucos estudos estou na falta de saber muitas coisas que no mundo actual estão passando. Desta vez primeiramente é uma pergunta. Porque será que hoje em dia há muitos divórcios? Vejo muitas divórcios e não percebo como é que são motivados. Será que há falta de tratamento dos homens nos lares? Talvez que não. Eu percebo ou para bem dizer vejo que muitas mulheres, logo dois ou mais meses após o seu casamento, e bem percebendo de que este homem quer viver comigo continuamente, começam então fazerem muita coisa contra o marido, para este aborrecer-se e mandá-la embora. Acontece que muitas vezes apresenta queixas às autoridades de que o meu marido fas-me isto ou aquilo, o que é muito mais que uma mentira, e no que também a autoridade aprova serem falsas queixas. Quando, depois de notar de que não há meio de haver anulação perante a autoridade, então chegando a casa, pronto sai da casa, depois de ter tido muitas mentiras contra si, sinal de lhe arranjar vergonhas só.

Mas depois, pensando de que vai viver melhor, nada disso, só chega viver na vida que não lhe dá nenhuma satisfação a si nem aos filhos se caso ter. Eu mesmo que falo

estou hoje a onze anos de casado Matrimonialmente, e que julgava de que estou vivendo bem com a minha mulher e filhos. Mas hoje em dia acontece que a minha mulher está afastando de Dona de casa, parecendo uma louga, que até mesmo quer voar, mas não pode porque não tem asas. E, de boa maneira percebo de que quer fazer o mesmo que fazem outras. Mas a desgraça que me deixará é dos meus filhos pequeninos, que ainda não percebem o que é a vida. Portanto, caros leitores, aqui terminou a minha carta que penso de que talvez não ofenderá a ninguém, só estou a lamentar da vida das desgraças que nos encontram mas por meio das nossas companheiras que mal sabem viver. Querem viver bem, mas não sabem como é que se vive.

Manuel Rachite, estudante da escola primária da Missão de Nacaroa.

O caso que me levou escrever esta, e o seguinte:
O meu tem dois e uma filha. Os dois filhos são cristãos. Então o filho mais velho o Paulo, foipedir serviço de aprendiz do alfaiate na loja do senhor Pião João Baptista. Felizmente aquele oficio aprendeu. Dejois algum tempo, foi transferido para no Alua, e de lá arranjou duas mulheres. Quando cheguei de ouvir, arranjei o meu dinheiro 20$00, e fui até no Alua. Quando lá cheguei, encontrei esses duas patetinhas, a brincarem e o homem sentado na varanda. Perguntei como é que foi, um casado arranjar uma outra mulher?

E o homem respondeu-me que foi a disgraça. Bem! Eu falei-lhe de boas maneiras e outra patetinha conseguei sair de casa. Os meus professores são cursados, estudavam na escola normal do Marrue, e amam muito os seus alunos. Termino esta minha carta, mandando muitos respeitosos cumprimentos ao Senhor Director e peço também as desculpas por lhe ter roubado o tempo.

Alberto António Correia, casado, 26 anos, natural de Lacerdónia e residente em Mopeia.

O caso que me levou a escrever esta minha carta é o seguinte: Eu tenho meu irmão mais velho, mas é um gajo muito ordénario; desde em 1954 e até aqui não se quer pelo menos chegar em casal Assim é ser pessoa?
A nossa mãe morreu, e eu sozinho a sofrer com o cadável, enquanto tenho irmão mais velho! Meu irmão não julgue as riquezas da terra, ha-de morrer um dia; a morte é um ladrão ninguém sabe o dia nem a hora; Nem do dinheiro que vive o homem, mas de toda a palavra que sai a boca de Deus! Queridos leitores peço-vos quando encontrades com esse macaco é que diz irmão, façam favores de o mostrar a minha cara que está no jornal. Nada mais anarrar, até pelo outra vez que escrevo, e Obrigado.

Alberto Francisco Muchia, 24 anos, natural de Mutuáli e residente em Vila Cabral.

O que me obrigou é o seguinte:
Eu tinha casado com uma mulher que não estava bem instruida nem ela sabia tomar banho nem pelo menos lavar as suas próprias roupas. Mas como eu sou um homem de pouco memoria, ensinei-a como devia ser — e em 1964 sai para Vila Cabral aonde acabei 8 meses e recebi uma carta enviado por meu sobrinho a dizer que a tua mulher casou-se com outro homem e quando a li figuei muito aborrecido por causa das coisas que andei a estragar para ela nem me escreveu a carta a dizer que estou casada com outro homem e se não fosse o meu sobrinho eu não devia gastar mais coisas para ela? E venho aconselhar a todos meus amigos, se uma pessoa casou

não pode gastar tanto material, porque mulheres africanas não têm certeza. Por aqui termino fazendo o favor aos senhores leitores que não reparem nos meus erros porque sou um homem de pouco estudo

É pela segunda vez que eu tomo a caneta para dizer um assunto importante.

O assunto que me levou a escrever esta minha pequena missiva é o seguinte. Eu sou um pequeno rapaz de pouca idade, e fui baptizado na Missão de S. João Baptista de Moatize, servindo-me como padrinho o menino Atanásio Francisco do Rosário Ferreira Dias; foi no ano de 1966, no dia 29 de Maio, com o padre Domingos Ferrão.

O outro episódio mais importante é este: eu tenho o meu pai chamado Mario Gadaga e este homem trabalha como alfaiate por conta própria, em casa dele, apurando diàriamente o dinheiro só para beber: pombe, vinho e agua-ardente. É verdade mesmo nem sequer compra uma camisa para os que andam na escola: — É um senhor que pouco percebe a vida do mundo futuro, julgo eu. Além disso perdeu um filho a olhos vistos, que é o Fernando Mário Gadaga, também conhecido por Fernando Manuel Júnior, toda a gente vendo que este filho é do Mário Gadaga!

Até os irmãos do meu pai chegam a dizer que: então homem que é o nosso mano, não gosta de ter filhos? Porquê? A gente está a lementar por causa de filhos, mas ele não; até deram-lhe o nome de o «Dierato», isto é, o que ganha, come.

E assim pergunto ao sr. Director se esse homem é bom ou não? No Thibo existe uma quipa, e nessa equipa há um rapaz que é guarda-redes, mas ele pega muito bem, é o Fernando, Joaquim Mousinho; o também há um jogador e esse

é cakhomeiro: isto é, um rapaz que toca cakhoma, tambor e Armando Toalha.

Eu tenho um meu amigo, que amo mais, é o Tito Joaquim, ele mora no Thibo.

Cá no Thibo temos mais ainda um menino muito bonito de 14 ou 15 anos que toca flauta todos os dias de treino da equipa do Thibo; é o António Elídio Njanje e é um grande pastor, além disso tudo temos um rapaz chamado Mário Joaquim que é um gulosíssimo de mangas, papaias e maçanicas.

Por aqui termino mandando cumprimentos a todos os leitores com sinceros respeitos.

5

DE UMA SOCIEDADE COMUNITÁRIA PARA AS EMPRESAS DE FINALIDADE LUCRATIVA

D. C., 24 anos, natural de Demba e residente no posto administrativo do Canxixe.

O motivo porque obriguei-me a escrever esta carta é o seguinte: Eu sou agricultor de seis anos. Por mais que eu tenha seis anos enquanto estou cultivar o algodão, este ano de 1964 em 10 de Agosto chegou o nosso mercado. Eu tinha recebido 30 sacos tiveram e enchi-os de tal modo que uma mulher não consiga transportá-los senão um homem de bicicleta nova, o tão forte marca Cumber. Por fim o resultado dos meus 30 sacos tiveram com totais de 1.083 Kgs. E o resultado do dinheiro é o seguinte: 3.929$80. É verdade Senhor Director que eu merecia de receber o dinheiro deste?! Eles dizem que cada quilo custa 3$80 mas eu fiz as minhas contas não deram o resultado semelhante. Assim os pesadores não é praticar roubos? Se alguem tiver dificuldades fazer o seguinte 1.083 Kgs multiplicar por 3$80 que é de cada quilo. Está a ver? Portanto, se assim for para o ano, não terei vocação de cultivar o algodão senão de trabalhar qualquer serviço que não seja do algodão. Bem sei que eu sou bruto. Mas não sou tão bruto da primeira marca

como os outros são. Assim terminando os meus recados que nada mais a dizer [1].

De um leitor de Marromeu.

O intermêdio que me levou a escrever esta carta é o seguinte.

Senhor Director

Venho contar para o nosso jornal como somos alimentados nesta Companhia de S.S.E.L. [2] da nesta localidade, para nós que somos empregados especializados que tem direito a ração. Senhor Director recebendo somente os 7 litros de arroz por semana sem caril; isto diz com direito com alimentação? Isto é uma ruina para todos os empregados procedido este direito, porque ninguém que pode aguentar comer comida simples sem

[1] Um dos aspectos mais flagrantes da exploração em Moçambique processava-se na cultura do algodão. As companhias concessionárias dispunham de grandes áreas onde era obrigatória a cultura. As companhias distribuíam as sementes e todos os riscos corriam por conta do agricultor. Este, no final, levava a colheita aos mercados (também de exclusividade da mesma companhia) onde, frequentemente, o algodão era classificado em categoria inferior à que tinha, realmente. Roubava-se no peso e ainda no acto do pagamento, como refere a carta. Durante o período da cultura, os agricultores, forçados a fazer algodão para as grandes companhias, eram ainda sujeitos a castigos corporais por parte duma fiscalização que chegava a não permitir as culturas domésticas de subsistência. Nesta fiscalização tomavam parte, muitas vezes, as autoridades administrativas, cumulativamente com os funcionários das companhias.

[2] Sena Sugar Estates Limited.

caril. Estamos viver é porque ajudamos com o nosso dinheiro. Meus caros leitores houve uma Firma que fornece igual assim como está dar esta Companhia? Era melhor se a Companhia resolvesse alguma coisa sobre este problema. Não era mal se fornecesse com bacalhau como tem dado os trabalhadores. Rogo a V. Ex.cia para publicar esta carta que é do assunto de nosso sofrimento nesta confirmudade [1].

F. Azuara, solteiro, 18 anos, natural de Miguerene e residente no Posto de Mequivale.

O motivo que me leva a escrever esta carta é o seguinte. Estive a trabalhar no Radio Quelimane de Moçambique como soldador numa manhã eu tive 5$00 no meu bolço e tive fome para comer qualquer coisa, fui pedir o senhor Simas que é encarregado desta Companhia que vou comprar qualquer cisa na loja do senhor Martins para matabichar [2], e ele fes me negar e

[1] As Companhias e Plantações trabalhavam, até há poucos anos, quase sòmente com mão-de-obra recrutada compulsivamente e sem qualquer qualificação profissional. Como a produtividade tinha que ser fatalmente baixa supria-se a qualidade com o número. Uma outra carta refere haver, na Sena Sugar, 16 000 trabalhadores. Os salários mensais não ultrapassavam, em geral, os 200$00 e acrescia-se o alojamento em acampamentos promíscuos assim como a alimentação que constava invariàvelmente de farinha e raramente de arroz acompanhada do que vulgarmente se designava por «caril», constituído por carne ou peixe seco. Em pequena quantidade, fruta da época. O teor alimentar era tão pobre que acontecia, frequentemente, os trabalhadores perderem a visão. Então, havia um remédio: o óleo de fígado de bacalhau. As carências eram de tal ordem que as vítimas apeteciam sofregamente este reconstituinte. A qualidade da assistência médica, em geral, dependia do zelo e da competência do clínico que dirigia o serviço.

[2] **Matabichar** — tomar o **matabicho:** Tomar o pequeno almoço.

eu fiquei a trabalhar, passando alguns minutos vi um cozinheiro dele ir naquela loja E eu tirei 2$50 que eu tive e dei aquela cozinheiro uara comprar me qualquer coisa para comer, quando o senhor encarregado viu me a dar o dinheiro veio e arrancou na moeda e pos no bolço dele, e eu calei, E passando 2 minutos veio um dos meus amigo chamado Emilio Gabriel, eu pedi lhe muito favor para me comprar e ele asseitou coitadinho o meu amigo foi comprar 1 pão de 1$00 quando me trouxe, e eu estive a comer aquele pão e quando ele me viu comessou a enssultar me, e eu resolvi cobrar os meus 2$50 quando lhe cobrei, ele resolveu me despedir do serviço.
Amigos leitores assim é arazão de despedir um empregado? Fiz mal de ter cobrado os meus 2$50 que levava?

C. M., solteiro, 29 anos, natural do Búzi e residente em Macuse, Marrode.

Senhor Director

Ade-me desculpar por ter lhe roubado um bocadinho o seu rico tempo. Estive a bastante anos a trabalhar nas oficinas serralharia da companhia do Boror em Macuse mas gor saí pelos uns disgostos que o encarregado daquela oficina anda a praticar. Primeiramente entrei ao serviço com um chefe que se chamava Polaná depois de alguns anos foi transferido para uma outra estação e depois fiquei com o outro chamado António Rouchi e depois este dispedeu-se do serviço e ficando com o outro chamado Jorge rebelo e este foi também transferido e ficou o outro chamado Branchi e este depois do seu tempo pediu uma licença para ir gozar na sua terra Natal cujo estes 4 patrões foram boas pessoas mas pessoas bem educados iducados pelos pais e pelas suas mães.

E agora está este encarregado chamado J. V. e não se sabe donde a companhia o apanhou este homem que não tem absolutamente nenhuma iducação e não se sabe se este homem tinhã pai e mai iducados.
Se digo assim é porque não há direito que este homem venha a fazer umas coisas aos seus inferiores Se é certo segundo como ele diz de que o preto não valé? Peço para que a V. Excia ser Director nos esplique.

Senhor Director

Digama-lá porque que este homem hade cuspir na cara dos trabalhadores e por cima chamar nomes e nomes aos seus trabalhadores e além disso andar a queimar com cigarros acezos e as vezes chegar a ponto de atirar cigarros acezos nos calços ou as vezes nos bolços e chegar de arder o calção e êle pondo se a rir é por isso que êle diz que o preto não vale? Mas quando é preto não cente dor? peço para que o senhor Director nos esplique essa.
E mais uma outra este homem dispede ao operarios sem motivo justificado coisa que os proprios comandantes desta Companhia do Boror não sabem e até o proprio senhor Inspector geral desta c. não sabe.
Este homem na casa dêle quando lhe falta 2 ou 3 cabritos pensa em dispedir ou então quando lhe falta 5 ou 7 galinhas então pior manda embora 3 ou 4 operarios e assim como em tôda parte se sabe de que um homem sem Serviço não vale, aqueles dispedidos pensam em aranjar 150$00 cada pessoa em compra de 2 ou trêz cabritos para levar ao este homem então é que admite outra vez ao serviço assim faz-se? Não há direito. E até tem tirado 4 ou 5 trabalhadores para irem a Barra trazerem amecha quando não trazem ele dispede é assim? E êle sabe muito bem de que há muita gente que não sabe nadar mas êle manda assim mesmo e meia volta vem dizer de que se um dêles morer a companhia paga mas é assim; a companhia está para pagar pessoas que morem dessa maneira? Todos estão combinados para falar ao senhor Inspector geral desta C. se é êle que dá essa ordem.

J. S. Fino, casado, 37 anos, natural da circunscrição de Murrupula, residente em Nampula.

Estou me com muito admirado por o caso que eu entrei Serviço no dia 3 de Novembro de 1964, com o vencimento ha 200$00.

Deste que entrei sempre estou me canhar en todos meses mais para tratar a minha vida deseconsegue, nem tenho sapato nem bicicleta.

Há muitos empregados, os ropeus que entra Serviço mais aminha a traz só ele trabalha durante ha 6 meses e compra o que ele queres carro rádios maquina de custurar casaco camisas de categoras, honras Mais para mim mesmo assim desconsegue Saber purque-me trabalha.

Eu admiro purque eu não tenho nada aminha casa? Tando eu a minha vida não é levado como branco.

Perimita de aceitar os meus homenagem do meu proprio respeitosamente e obrigado desculpe os meus erros, com que estraquei o Jornal tenho apenas ha 3.ª classe.

O caso que me levou a escrever esta minha carta e o seguinte Sou o Lucas Bento Mirandes de 24 anos de idade casado natural de lapala, baptisado na religião Porteusdante em 7 de Setembro de 1966. as 15 horas.

Encontro-me na plantação de Senhor Eduardo Vieira da Silva em Nachiué como ajudante do Escritório.

Uma coisa tenho a dizer aos meus queridos leitores é, os meus pais mandar-me na escola em 1950, com mal sorte minha mãe faleceu em 1952 antes de me passar exame final.

E em 1955 fiz me exame final da 4.ª classe e o mesmo ano faleceu meu pai, e fiquei-me em orfão dos pais, e fiquei a

resolver para aranjar emprego para sustentar minha vida e a vida dos meus irmaozinhos.

a 1.ª viagem fui-me na plantação do Senhor Martins, e o Senhor Martins diz vai voltar na Quinta-feira. Quando chegou o dia combinado ele diz, não te preciso vai te embora.

2.ª Fui-me em Ribáué na loja do Senhor Santos e o Senhor Santos diz vae voltar amanhã. Quando chegou o dia combinado, diz vai te embora não te preciso

3.ª Foi-me na loja do Senhor Normamade, em lapala para pedir aprendiz alfaiate, e um alfaiate que lá trabalhava chamado Saulino, ele diz-me o meu patrão é muito mão não precisa de aprendiz, se vosse não tens medo vai ter com ele. mas vosse vai apanhar burrados, como-me era pequeno teimei da resposta que me deu Saulino.

4.ª Continuei outra vêz para Ribáué trabalhar como criado na casa do meu cunhado Zacarias, a onde fui-me dado calção e camisa

5.ª Fui-me em terra de Aria na casa da minha tia mais velha

6.ª Fui-me na plantação do Senhor Eduardo Vieira da Silva, onde fui-me aranjar emprego como ajudante do Escritório, e fui-me recebido em 7 de Fevereiro de 1957. até agora encontro-me na mesma plantação.
E tenho muitas lembranças por não ter os pais.

Meus queridos leitores a vida de orfão dos pais é a vida muito mal.

Eu até hoje estou no emprego e compro-me casacos calças vestitos bem merecidos os meus pais. apenas não vejo quem posso dar, posso comprar e dar outra gente que não sofreram por mim não fico bem disposto.

Queridos leitores quem tem os pais tenque tratá-los bem; a vida de orfão não é vida boa, a vida muito melhor é de ter os pais

José Bernardo, 22 anos, casado, natural de Muiane e residente em Nampula.

O motivo que me levou escrever esta minha pequena carta, é o seguinte.
Em 1960, consegui fazer uma viagem para Pebane Com o meu tio, chamado Afonso Naire, afim de irmos procurar o vágo. Quando lá chegamos requeremos ao Senhor Gerente da Firma do Monteiro & Giro, L.da, E o meu requerimento foi impossível, e do meu Tio possível, o que resolveu o Sr gente? — Disse me que coisa rapaz! Por aqui nesta logal não há vago que estás procurar, é melhor que segues para Mocubela, que eu te arranjo um transporte. E dali como era parte que eu nunco tenho passado alguma vez, fiquei muito Aflito! E já era mais tarde, o que me atendi
Como um homem nunca está completamente admirado falei com aqueles ajudantes do carro, que me arranjasse o lugar, pelo menos durante naquele noite ,com os carinhos daquela gente, receberam me para vossa casa, no dia seguinte, graças a Deus, consegui empregar-se naquela Firma, com caridade daquela gente, Sem inveja nenhuma começaram-me ensinar ferramentos 8/9 10/11 etc. durante uma semana já sabi apertar um parafuso e desapertar, e hoje o dia venho Agradecer os meus amigos de Mocubela.
Que hoje o dia continuo com os vossos ensinos
E envio os meus sinceros cumprimeitos oficinas de Mocubela

André Renicela, natural e residente em Munguambe — Morrumbene.

precisamente, o que me leva a escrever nesta vez, é quase minha má situação da vida, conforme ouvis enquanto narrando

na missiva anterior do mês findo. Naturalmente, posso dizer que o corpo é fraco, mas a alma sempre é disposta, visto que tenho já um ano inteiro a descansar, a procurar empregar-me nas Repartições. Senhores leitores, vedes-me se eu sou mais corajoso para obter a minha vida infortunável? — eu neste ano dia 9 de Fevereiro, inda expermenti tentar a minha sorte, por fazer pedido para nos C.F.M de Inhambane, o pedido foi por intermédio do primo Armando Nhaningue e seu Padrinho que trabalham na mesma Repartição, o primo como contínuo-auxiliar. De maneira que o mesmo primo Armando arrependo-o porque ele aparece bom pessoal mas é sangue-suga isto é, faz coisas inversas; e até nesta data jamais voltou o resultado. Vi impossívelmente, em dia 9 de Março fiz o requermento para prestar fazer concurso de interprete e Dactilogra fo de recensiamento do quadro permen ente, fui entregar no Conselho de Massinga, onde em seguida dia 11 do mesmo mês e ano comparecemos com colegas para fazer tais concursos; e éramos seis: três de Morrumbene, um de Massinga, esse, é empregado na mesma área do Concelho, os outros dois eram de Vilanculos.

Coitados dos Candidatos, além de seis sòmente notabilizaram-se dois; um de Morrumbene o Sr. Anastâncio e um de Vilanculos, realmente na classificação foram admitidos 3 e os 3 excluidos, eu que escrevo caríssimos irmãos e senhores leitores fiquei mal sucesso.

Mesmo assim não canso, inda tenciono furar uma das vaga do mesmo concelho de Massinga, por intermédio do meu tio Afonso Nhassengo; e um de Maxixe também por intermédio do meu primo Arnaldo Nife na Repartição da E.T.M. Caros irmãos, o que me aparece fosse como corajoso, é por seguinte inscrição que se diz (Só com coragem é que podemos dominar todas as nossas dificuldades). Meus senhores, quase tenho muita coisa a explicar-vos sobre o povo de Coche onde ensino. Por agora, sòmente peço-vos muitas desculpas pelo tempo que vos roubei a ler esta minha carta cheia de erros escrita à máquina. são os meus cumprimentos votos e sinceros saudades.

Em dia 12 de Março findo, na mesmo Missão (de Nossa Sra. da Conceição de Morrumbene), tivemos homenegiadas festas da despedida de Reverendíssimo Padre Superior Moura que vai na Paróquia tomar o encargo de secretária da Diocese de Inhambane. E hoje dia 20 de Abril recebemos o novo vindo da Missão dos Muchopes melhor Missão do Sul do Save, façai favor de me desculpar sou pessoa sém mertos de baixas condições.

R. M., 31 anos, natural de Gilé, residente em Alto Ligonha, casado.

Senhor director já é a minha primeira vez de escrever uma carta por não ter de falar. Por intermédio que me levou de mandar esta carta é o seguinte. Cá no posto administrativo de Gilé aconteceu uma grande coisa de algodão um europeu de nome Albuquerque que é capataz do algodão roubou muito dinheiro: quando uma pessão fícar com 9 sacos ganhava se 650$00 uma vergonha. Mas o senhor Madeus que é um capataz de outro sitio desta localidade do Gilé com 9 sacos era 1.-300$00 porque ele sabe que cultivar é muito difícil. Porque se se fosse facíl cultívar ele teria grande machamba de algodão. Essa porcaria de não venderem bem o algodão começou este o ano porque Antigo que eles passavam nos mercados com o senhor Chefe do Posto não acontecia nada. Vedes amigos leitores os agricultores do Macula-Mana que resolviam para perguntar o senhor chefe do posto, ganharam muitos dinheiros so as mulheres que tinham começadas é que não ganharam nada.

Chico Sebastião Charles, 15 anos, natural de Mopeia e residente em Inhacatundo.

O Liberdade que me levou a escrever é o Seguinde Vou contar uma História que eu recebi na minha terra na parte de régulo Inhacatundo. Que eu tenho uma namorada que esta na minha Terra. Mas isto faz aborrecer da minha pessoal, que eu trabalho cá na Beira como ajudante de Alfaiate. Mas ganham pouca mas isto é o pouco vergonha de fazer despessam para ela.
Enquanto ganha pouco. Por fim é obrigado pagar imposto mas acha que é justo? ou é mal vida do mudo, com 15 ano de idade é obrigado ja pagar imposto ou ainda é seudo? Isto faz me aborrecer Por Alem disso o pai faleceu e fiquei com aminha mãe e minha irmã e eu todos somos três quem haviam de fazer despessas para essas e por fim ganho menos e tenho também uma noiva isto dam me um pouco vergonha, para me e eles podem adizer que eu sou bandido mas não sou bandido só apena o dinheiro é que da falta da minha vida. Cá termino com os meus melhores e sinceros cumprimeitos para todos os meus colegas de Moçambiques que este é mal vida que eu encontro cá no mundo...

C. B., casado, 35 anos, natural de Inhambane e residente em Marromeu.

O que me levou a escrever esta carta, a respeito da firma chamada Zona Verde. É uma companhia de Sr. Louro. Nesse caso gente de lá estam na miséria coitado! Eles trabalham Domingo e sabado e todos dias. Noite e dia, sem horas com-

petentes. O horário deles diz que trabalhassem só seis dias da semana. Mas eles lá pela obrigação dos patrões, trabalhão noite e dia. é nos Domingos também. E sem tempo de discansar. Como é que uma pessoa vive de boa saúde, com esta maneira. Há lá, alguns que são cristão, e que não tem ido a missa por causa de trabalhar nos Domingos. E assim mesmo a lei do estado que manda? Da maneira que eles trabalham fora da hora não recebem horas extras. E no mês quando acabar não recebem cedo. Esperam mais dois ou três meses para recebem. Até sofrem que comer. Os vales nas lojas estão cheios. Conque vão pagar se primeira coisa não recebem cedo. tem muito trabalho e que nem tempo de poder cozinhar tem. E dos impostos estão sem pagos. Se receberem um mês os outros dois ficam no escritório. E com aquilo levam para as lojas pagar s dividas da comida, porque senão, não são deixados levantar os vales. E ficam sem dinheiro nos bolsos. E nos serviços é sempre mal tratado. E tratado com nomes e nomes. Como Burro muanambua[1] filho da puta. E assim as obrigações que tem a fazer os patrões, sem obediencia alguma aos seus empregados? E uma vergonha! Da maneira essa gente são tratados nem que não fazendo mal o chama muito mesmo assim. Muanambua, como segundo esta a cima mensionado. E como é os impregados vão ter boa vivência? trabalha sem horas — noite e dia. Enquanto o horário esta a dizer que entrasse das 6,30 de manhã até às 11,30 de tarde de 11 horas e 30 m. E que eles deixam essas horas. E isso. peço desculpa ser. Director de não deixar publicar esta carta. E para terminar mando muitos cumprimentos aos concentuosos amigos e irmas leitores. Peço favor de me publicar isso que e muito necessário. Obrigado.

[1] Muanâmbua: Cão. Palavra muito usada pelos europeus para insultar os africanos.

Um desconhecido de Namovale, Macuse.

Estou bastante satisfeito com o nosso jornal por ver todos irmãos africanos pedem também escrever, exprimindo as suas ideias relacionando do nosso querido Moçambique.

Senhor Director

Estou a um ano desempregado e a minhã vida corre muito mal; e como um homem desmpregado, e mesma coisa um arvore dentro da floresta, e assim pensei precurar de andar dum lado a outro a fim de ver se aranjava um lugar vago para me poder colocar e poder inquilibrar com a minhã vida. Andei dentro da cidade de Quelimane, foi deficil; e um certo dia pensei em ir para Macuse, afim de ver se pelo menos aranjava um furo na Companhia do Boror; e cheguei numa manhã.

E ao descer do gasolino que faz a carreira de Macuse a Supinho, encontrei com uns rapazes e preguntei a um deles a fim de me explicar onde era nas oficinas desta Companhia: e o rapaz preguntou-me dizendo de que oficina que o senhor pretende e eu lhe falei de que era nas oficinas serralharia: e êle então indicoume disse-me que foce naquela casa comprida, que é o escritorio da Companhia e a esquerda, onde o meu amigo ouvires barulho dos motores é aí mesmo.

E assim agradeci ao rapaz, e peguei de mim e fui andando. justamente cheguei e fiquei na porta depois de um quarto de hora, dentro daquela oficina estavão 3 europeus e mais de 20 trabalhadores africanos. E aproximei a um deste africano, e preguntei a fim de-me dizer qual era o encarregado desta oficina; e a resposta do rapaz foi esta meu caro amigo dentro desta oficina, o encarregado, não gosta de que seja chamado por esse nome de encarregado e quer que tôda gente lhe chamão por Senhor Enginheiro. Mas o homem é aquele gordo e baixinho de fato macaco de caquim.. e assim depois do rapaz ter me mostrado então entro para dentro das oficinas. Dai a poucos minutos o homem de fato macaco já lhe tinha visto a falar comigo. logo que entrou para dentro o tal Enginheiro a chamada dêle para aquele rapaz, foi coisa muito estranhoso e foi uma palavra de pouca vergonha parecia que aquele homem não

tinha nome disse êle para o trabalhador Ó seu filha da P. preto de merda macaco cão o que que estais a falar com aquele cão amigo como voce seu bicho. E o rapaz olhou para êle e limitou se por calar e mesmo assim o homem do fato macaco que é o Enginheiro que se diz não ficou satisfeito foi directamente ao trabalhador por cima de insultos, cuspiu-lhe na cara mas isto faz-se?

E com aquilo eu me afastei não cheguei a falar com êle pensei de que então daquele modo que êle está a fazer a um trabalhador dele e acustumado e se eu for serei pior. E fiquei pensativo de que um portugues chega a fazer aquilo a um portugues amigo?

Senhor Director

Isto é de mais deve poblicar isto que é para tôda gente saber do que se passa nas oficinas serralharia da Companhia do Boror no Macuse isto é pouca vergonha. E assim fiquei a espera da saida do serviço e nisto chegava a hora era 12 horas sairão todos e eu dirigi-me para um dêles e preguntei Ó amigo, mas que maneira é aquela que aquêle homem anda a fazer com os trabalhadores e a resposta do outro trabalhador disse que aquilo não era nada só o que tem feito só visto. E o mesmo homem perguntou-me de que o qué queo meu amigo quer.. e eu lhe informei o que eu queria falei de que estou a precura do serviço. e êle disse o meu amigo estais a precura do serviço? já arranjastes 2 cabritos ou 2 porcos ou então 8 galinhas? e eu disse que não. E disse ele que não valia pena se queres trabalhar vais primeiro aranjar isso é por que este homem sem lhe trazer isso não aranjas serviço é porque a vida dêle e a riqueza dêle que tem em sua casa é a custa dos operarios da Companhia talvez é uma coisa que a Companhia sabe. O meuamigo vai ver: com os trabalhadores da Companhia êle faz como quizer. Se um dia lhe apetece comer caranguejo tira 2 ou 3 homens vão matar ou então se está para receber umas vizitas manda 2 homens no Maquival da almadia acabão 2 ou 3 dias depois na volta dêles manda em casa 4 ou 5 dias a ganhar dinheiro da Companhia então até aí não é coisa que os membros

da Companhia deve saber? E mais uma coisa para voce ver quando manda um homem na casa dêle a fim de trazer refresco primeiramente ele buchacha e cuspi na cara do homem que foi trazer ou então está a fumar o seu cigarro o biato dêle no lugar de deitar para fora, atira para a cara dum qualquer trabalhador mais isto faz-se?

Isto é de mais o pior dizem que escravidade acabou mas como senhor Director; se ainda esiste nas oficinas da Companhia do Boror. Este homem estava em Mucubela no Monteiro giro como empregado mas quando o senhor Monteiro viu isto correu com êle que é para amanhã não ficar mal com os autoridades. Vejão lá estas coisas só êle é que faz se êle soubesse não devia fazer; é por que o governo dono disto não faz... neste caso êle é mais do que os proprios autoridades? Não se pode acabar é por que se for a contar o que êle faz não teremos papeis para por. O resto fica para outra sesta feira.

F. M., solteiro, 19 anos, natural de Kambeúe e residente no Moatize.

O que-me aborreceu é o seguinte.

Eu estou a trabalhar na firma do Sr. António Pires em Tete como continuo do escritório, e ganho por mês 250$00. E tenho dois anos do imposto para pagar mas se eu recebesse tudo uma vez em cada mês o imposto já podia ter pago ao tempo. Demaneira que eu recebo só uma moeda de 20$00 e o patrão diz que o meu pagamento só para semana que vem; e chega nesta semana talvez recebo uma nota de 50$00. Meus Srs. um individuo antes de ter admitido na vaga faz-se o requerimento mas para receber o dinheiro é preciso fazer o requerimento outra vez? Mas como em que eu posso pagar o imposto assim desta maneira, nem mesmo eu não uso os fatos como deve ser é por

falta do dinheiro parece que não estou trabalhar os meus colegas pouco ligam de mim por ver eu andar todo sujo.

Graça a Deus sei que vou preso por causa do imposto porque não tenho outra maneira à não ser trabalhar. Realmente eu sou de mal sorte no ano passado estive arrasco com o emprego, mas fui na padaria do Sr. Chico a trabalhar como padeiro acabei um mês não recebi nada nem $50 sequer.

A minha mãe é já velha para-me ajudar acho que ela não deve conseguir.

Ainda ela deseja que eu sustento outra vez não tenho pai que pode-me ajudar sobre isso.

Agradecia-se alguém precisar do empregado escreve-me na Cxa. Postal n.º 115 Tete ou Cxa P. 75

T. S. P., casado, 26 anos, natural do Luabo e residente em Marromeu.

Tenho o meu irmão que me escreveu-me cá em Marromeu pedindo os concelhos para ir trabalhar em Luabo como auxiliar do enfermeiro, eu já muitas vezes concelhar o meu irmão que na Secção do Hospital do Luabo não é bom para trabalhar ganhar o seu pão com Sr. Doutor que está lá em Luabo. É porque vejo os auxiliares que estão lá a trabalhares estão como escravos.

Ele o meu irmão andam sempre escrever-me para ver se pode-lhe autolizar, um dia desse quando-me fui para ser consultado com este Médico do Luabo era numa segunda feira, eu então não sabia que era os enfermeiros dos acampamentos, mal quando entram dentro ondem êles assinam os seus Mapas ouvi logo ser descomprado sem mais e nem menos, senti eu sendo de força, não podia ser assim, é por isso estou a concelhar o meu irmão que não é bom ir trabalhar em Luabo com aquele Doutor é muito vingão.

F. D. S., solteiro, 23 anos, natural do Marromeu e residente na Beira.

O fim desta é pedir-lhe um socorro.
O motivo que me levou a escrever é o seguinte, eu quando sai na minha terra para cá na Beira nunca fazer despedida a ninguém porque tive muito raivado sai no dia 30-9-64 aqui apresentei no dia 1-10-64 desde da minha chegada até data sempre estou a sentir doi no meu corpo estive ainda trabalhar mas sai por motivo de doente de lom brigas passei à 5 dias até estár melhor quando fui apresentar ao serviço tinha encontrado o rapaz a trabalhar no meu lugar ainda eu pedi licença ao patrão até fiz o contrato com ele mas não pensa nada disso só pensa mandar emboras. Então eu posso fingir que estou doente enquanto não sinto nada?

É verdade todos os europeus não confiaram-nos que os Africano também sentem qualquer coisa de doi, nada estão pensar de nós parecido como animais sobre de nosso côr negro é por isso que não temos valor com os europeus porque eles têm côr branco. Quando uma pessoa pedir o patrão a licença que eu estou doente, ele aceitou-se a autorizar de licença quando estar bem de saúde voltar no seu serviço já encontra no lugar alguém a trabalhar nesse lugar este patrão não é confiado só gosta o empregado estar de saúde todos os dias quando suceder qualquer coisa do corpo pronto para mandar embora.

6

EM PÁTRIA OCUPADA

A. T., 22 anos, natural de Machanga e residente na Beira.

A decisão que me levou a escrever esta messiva, foi seguinte:

Certo dia na área da Chipangara[1] ao pântano ou Chipangara Matope, um homem da côr negra que trouxera da sua terra 5 litros com sura[2] que não era para venda mas sim para ele beber de quando em quando que precisasse. Assim que chegou o homem, tirou um litro para o irmão que mora pouca distante da sua. Quando pelo o caminho dirigia-se para casa, encontrou com a polícia, que lhe perguntou donde tinha comprado a bebida. O pobre homem preto disse-lhe que tinha dado por irmão que trouxera da minha terra 5 litros

[1] Bairro periférico e miserável da Beira, habitado quase exclusivamente por africanos.

[2] **Sura:** Bebida fermentada, obtida da palmeira. O fabrico doméstico, mesmo para uso familiar, desta como doutras bebidas africanas é bàrbaramente reprimido pela autoridade policial que, sistemàticamente, invade os domicílios com essa finalidade. A maravilhosa e apaixonante singeleza ática da descrição acima deixa retratado, com perfeição, um detalhe trágico duma situação generalizada à vida e ao quotidiano das populações negras nas grandes cidades de Moçambique.

para bebermos no tempo de almoço ou de jantar. E a policia ordenou ao homem voltar para traz mostrar a casa onde foi dado. Quando chegaram, a polícia entrou logo para dentro da casa a observar se havia mais além daqueles 5 litros com sura que tinha visto na sala quando logo entrou. Infelizmente não houve além daquela quantidade.

Depois mandou aquele homem que trouxe aqueles 5 litros, pôr fora o garrafão juntamente com o litro que já tinha dado ao irmão. Por fim mandou levar uma tabua que estava encostada a casa para partir aqueles garrafões.

O homem, além de sofrimentos de pesos que por onde trouxe lhe fartou, levou a tabua conforme a ordem e partiu. A polícia no fim de tudo começou bater pela caceta os dois irmãos até que sangraram.

Amigos leitores tiram a conclusão deste facto e respondam-me se isto está certo.

Será possível que o estado da Beira leve o regime de D. Pedro o (Justiceiro)?

J. C., 12 anos, natural de Chemba e residente na Tambara.

O que me levo a escrever esta carta é o seguinte;
Esta região de Tambara há muito fome. Ora, no dia 17 de janeiro de 1965 aqui na nossa casa, vieram muita mulher a fim de pedir a farinha, era a hora de meio-dia. Nesse dia até a cunhada não comeu nada por causa delas. Muitas gente este ano não trabalharam nada por causa de fome.

Se for a loja para comprar a farinha os logistas vendem-lhes muita cara cada quilo 5$00 as vezes 6$00, um saco vende 255$00 assim é bom Senhor Director?

O pior comerciante é o Latifo Raça Mouros a familia de Mussavari.

Ele tendo muitos sacos de farinha seis ou sete nem quer vender-a muito.

uma pessoa se tendo 100$00 escudos ou 200$00 escudos indo a sua loja, ele disse-lhe que não posso-lhe vender a farinha de 200$00 ou 50$00. Se quiser compra de 10$00 ou de 20$00 escudos. Mas este ano há muito comida mas, aquele que trabalhou. Como esta região de Tambara acho que sempre a fome continuará para o ano, porque muitas gente não fizeram nada os campos. Nós tinhamos os nossos machambas[1] de maçaroca mas o macaco que aqui outra gente diz ncuzi na lera esta nas dar cabo da nossa maçaroca.

Marta Filipe, 37 anos, natural de Morrumbene e residente na Maganja da Costa.

Apoio bastante as ideias do senr Carlos Macuacua regulo Macanhavane. É muito justo que os magaizas[2] devem de receber nas suas administrações porque se esta ideia tivesse nascido a muito tempo estou certo que os minhas terras já estariam melhor. Senr Director na minha terra os dias dos magaizas e nas sextas feiras há homens e mulheres que durante a semana toda ficam a dormir a espera da sexta feira para explorar os magaizas, outros são entrujados e levados para o mato e dão-lhes bebida para eles enbebedarem eles ou elas aproveitam

[1] **Machamba:** Campo.

[2] **Magaiza:** o moçambicano do Sul do Save que regressa da África do Sul, onde esteve a trabalhar. À chegada é aguardado por toda a sorte de comerciantes que procuram extorquir-lhe o pouco dinheiro que traz. Por isso, se discutia muito em Moçambique se os vencimentos não lhes deveriam ser entregues nas terras, depois do regresso, pelos administrativos.

roubarem-lhe todo o dinheiro que eles trazem do transval nao há direito peço que os nossas autoridades administrativas do Sul do Save devem defacto tomar a providencia os homens devem receber nas administrações que lhes pertence e devem ir acompanhados pelas mulheres deles porque a mulher sacrifica-se com os serviços da casa e toma conta da palhota para não ser abrangido pelo muché[1] a espera que o marido venha para comprar pano afinal ainda a mulher tem que lhe dar o dinheiro para pagar o emposto não há direito

J. L., 33 anos, casado, natural de Namacurra e residente em Nicoadala.

O que-me leva escrever esta carta ê o seguinte

sobre os regedores da minha terra são — Brutos. brutos por seguinte êles não sabem o que ê a lei eu admirei uma vêz quando eu recebi o recado em telefone quando a minha-mulher disse-me que os regedores levaram a êla sobre do meu imposto eu fiquei bastante chateado por eles terem levado minha mulher[2] — sabendo que eu estou no serviço não custava nada

[1] **Muchém:** A formiga que destrói as habitações.

[2] Em Moçambique os africanos designam pela maneira genérica de **imposto** o imposto domiciliário, vulgarmente conhecido por **imposto de palhota.** A cobrança deste imposto cria, muitas vezes, entre as populações, grande mal estar pois que, além da quantia que muitas vezes ultrapassa os réditos totais de um mês, numa economia doméstica extremamente débil, os processos usados para os que não cumprem atingem a barbaridade. Além de factos como os descritos na carta, acontece terem as populações de fazer longas deslocações e longas esperas que lhes ocupam dias, quando os ausentes não enviam a importância, a prisão de familiares, etc., etc.

avisar minha mulher para vir onde eu estou no meu serviço a fim de levar o meu tributo não quiseram so levara começaram andar com ela até de manhã que burtaldade daqueles regedores que não tem pessamento deixão os próprios irmaos deles que tem 2 ou 3 imposto sem pagar e não tem patroês aasim ê justo? Eu acho que ê por a falta de não saberem escrever e ler obrigado senhores regedores sejão bom como gente

O caso que me levou a escrever é o seguinte

Desde a minha idade de uso da ração recebemos muitos Administradores no nosso Posto do Gilé mais, nunca vi um Administrador como este que enves de fazer o bem da Nação, traz a miséria de fome no povo do Gilé por seguinte em Setembro de 1965, até a data de hoje de 1966 os homens terminar do serviço e estar ao menos 2 ou 3 meses a fazer a machamba para os seus sustentos. Obriga que homem tenque estar todo o tempo a trabalhar no gurné sem terminar os seus 6 meses para fazer a sua machamba do seu sustento a mulher e os filhos ficam em casa a sofrer porque não têm a quem lhes sustentar.

O homem que devia fazer grande machamba de sustentos depois de ser terminado obriga voltar para gurné sem tratar nada da machamba nem da polhota.

Estou haver que ha-de suceder como sucedeu nos anos passados porque o homem Africano geralmente da minha terra não habituámos viver por meio de compras mas sim da própria machamba.

A lém disso temos uma mina de Morrua os homens que lá trabalham-se por dificuldade ausentar 1 ou 2 dias serviço quando ele lá chegar são queixados e dá palmatórias e purradas e obriga trabalhar 3 semanas de graça e ele é que ganha aquele dinheiro. Manda polícias agarrar as galinhas, na povoação sem comprar e os donos ficam a chorar e o povo encheu de tristeza

sobre muitos outras injustiças que ele faz e está cheios das promeças e festas que haverão quando ele for transferido esse Administrador é mau assim e bom? Senhor Director[1]

J. B., mecânico auxiliar de 3.ª classe, natural do Alto Ligonha, 22 anos, residente em Nampula.

O que me levou a escrever é o seguinte.
Os homens, e mulheres da minha terra, em Mocôa, e grupo de Povoação Muilua, teem mania. Eles não querem um rapaz estudioso, casar com as vossas filhas, só gostam com os rapazes brutos, sem nunhuma prática, para só trabalhar Em Grué nas companhias de chá, quando é um rapaz estudioso dizem que aquele é um vadio, casando com a nossa filha afastará a nossa filha, o que eles querem é ir no Grué trabalhar 6 meses voltar ficar em casa procurar apelhas no mato, aproveitar mel, nós que somos estudiosos, somos mais descostados, porque somos civilizados, não gostamos estarmos sempre sentado, estamos trabalhar para manter a nossa família, tenho muitos amigos, que desconseguiram trabalhar aqui na cidade de Nampula, mas sem vontade deles, por intermédio das vossas famílias mulheres. A jatear bastante, que se tu não queres abandonar o serviço, para vires aqui em casa, eu casarei com os outros.

[1] Esta carta descreve uma situação que foi comum em Moçambique até há bem pouco tempo: a do trabalho forçado. Os africanos eram obrigados a seguir para as fábricas e plantações, com interferência directa da autoridade administrativa. Não poderiam fazer um segundo período de trabalho após 12 meses sem um intervalo de 6 meses teòricamente destinados às culturas domésticas e assistência à família. Frequentemente, este prazo não era cumprido, sob os mais variados pretextos, mas tendo como motivo principal a falta de mão-de-obra e a remuneração por cabeça com que se locupletavam as autoridades locais, em recompensa dos fornecimentos feitos.

E assim os meus amigos contránios, perderam Serviços assim mesmo, por isso comunico os meus queridos amigos que não usou mania da quela terra, qualquer dia. Que valexprimentar casar, ir sabendo que esta terra é aquela. Que as mulheres não deixa os homens empregar numa estância de uns 100 Km para diante.

Eu que sou um gacho assim que gosto muito trabalhar longe, quando não-me achar nada do serviço tentro da minha terra, estou sempre afastados. As gachas, e os gachos não me gostam que eu caso com as vossas filhas digam que eu sou um vadio por que não gosto estar mais tempos desempregados. Os cabos da terra andar sempre me jatear, para ir limpar estradas[1] estou ver os meus amigos de 4.ª classe sentado em casa, com enxada nas costas, afrente dos cabos da terra irem limpar estradas, eu cruzando com eles eu é que sinto vergonhas. Assim é justo? Meus queridos amigos leitores?

F. S. Dias, 25 anos, motorista, natural de Tete e residente na Beira.

Snr. Director

Muito agradecido a V.Exa o favor de publicar as reclamações que vou fazer contra maioria de cafés indígenas patrocionados em geral por chineses. Ora estes em vez de Servirem os seus clien-

[1] O imposto braçal era motivo de grande descontentamento em Moçambique pois, além do mais, se prestava a abusos de variada espécie, tais como o emprego de velhos e velhas (os novos ausentes por força do «contrato», ou seja, o trabalho obrigatório em companhias e plantações), o não fornecimento de alimentação, o prolongamento da obrigação por prazos incompatíveis (acontecia ficarem semanas quando a prestação legal já era de cinco dias), etc.

tes como os cafés europeus fazem, Servem-lhes de cafés ou, chá preparados por mistura de tabaco e saco queimados, o que muitas vezes por descuido dos preparadores (cozinheiros) tem aparecido nas chávenas daqueles vitimados clientes tabaco e sacos meio queimados. Aconteceu-me um dia quando precisei de utilizar aqueles cafés, causou-se a mim grande estranho por ver aquilo na chavena utilizado como alimento. Pois eu achando aquilo injusto, pôs-me a abandonar o chá, dirigindo inérgicamente protesto contra o proprietário, o qual mostrou-se receoso por se reconhecer o vício de crime de queé sujeito só para o lucro do seu negócio. Devido ao crime em acção, nós clientes, desejamos grande esforço da delegação de Saúde, para se combater contra esses crimes. O chá não possui nenhum gosto do seu próprio nome. O mais pior que há, é de o conservar já açucarado para o dia pasterior quando o mesmo não poder ser vendido até ao fim, sucedendo o mesmo com a comida que eles nos servem. Pois assim e o que mais nos pode acarretar doenças mais contagiosas tais só podendo ser defenidas a sua especialidade por mêdicos.

Finalmente, peço grande favor ao Snr. Director do conceituado jornal que a publicação destas palavras se repita a alguns dias, a fim de chegar à audição de autoridades geralmente aos clientes que só conhecem o sabor de açúcar e não de chá indispensável à sua saúde. Pois não tem a notação do seu mais desagradável sabor.

De um estudante da Escola Comercial e Industrial de Quelimane, 16 anos, natural do Luabo.

Serve à presente para responder a carta de um Zambeziano, actualmente residente em Malema, Distrito de Moçambique, publicada na página 7, número 50, de 11/5/63.

Concordo com a sua opinião, muitos ocupam o espaço; «escrevem os leitores», com assuntos banais, desagradando assim aos leitores. Uns porque o fulano é seu conterrânio e foram condiscíplos da escola, como actualmente se encontra muito bem empregado, não o quer falar, ou porque este adquiriu a cidadania, e já se julga superior perante o outro, e se o fala, talvez volte para o lugar primitivo, enfim... Uma série de coisas absurdas!!! Quando se deveria discutir assuntos de grande interesse, que se relacione para o bem do público, em geral.

E quanto ao ódio que o sr. se refere que o preto é que odeia ao misto, por ser filho de branco, pois é ao contrário, o misto é que odeia ao preto, repare bem; por isto: Nos grandes Países do Mundo, o preto sobressai mais que o misto, é uma côr pura, genuína, por isso há grande perferência nela. Sabe-se de fonte limpa, que o preto é feito por outro preto igual e uma preta, digamos: Casal preto, ao passo o misto, não, ou o pai é branco, a mãe preta, ou o pai é preto e a mãe é branca ou mista. O misto não reconhecido pelo pai, nunca é amigo dos brancos, odeia a mãe por ser preta, e odeia ao pai, por ter-se metido com uma preta, de contrário, teria a côr do pai. A maioria parte dos mistos são abandonados pelos pais, e mais tarde, depois de crescidos, registam-se com pais ingógnitos, não querendo ser só de pai incógnito e de mãe fulana, envergonham-se de ter uma mãe preta, para bem dizer, o misto é extraído do preto, vejamos bem, mas com olhos de ver; o branco e uma branca nunca podem nascer um misto, mas sim um branco, o misto devia orgulhar-se por ser também filho duma preta ou preto. O misto por mais instruído que seja, não muda de côr, assim será eternamente.

Porquê que não adptamos o sistema brasileiro, havendo pretos brancos e mistos, todos são iguais!!!

Queridos leitores, queiram-me desculpar pela expressão que acabei de narrar, não quero e nem pretendo ofender, mas as verdades se dizem.

C. A. dos Reis

PROBLEMA DA DISPUTA OFENSIVA QUANTO A COR

MILANGE — Segundo esclareceu a Lina Magaia, afirma-se — Quanto o africano. —

Africano é um indivíduo nascido na África, assim como um europeu, é um indivíduo nascido na Europa. Da mesma forma é um Asiático aquele indivíduo que nasceu no «Continente» que os homens chamaram Ásia.

Sim! Africano é um homem nascido na África, qualquer dele do corpo humano, não importa a côr. Ora neste Mundo de Deus e dos homens, há simplismente quatro raças principais. Deus lá sabe porque fez isso; mas deu a cada uma das raças um Vasto Território, que é chamado pelos homens, de «Continente». —

Africano deu a África, europeu deu a Europa, Asiático deu a Ásia e Americano deu a América. Mas toda especie de homem no Mundo, pode viver em qualquer destes «Continentes». —

Temos agora um próblema, de (preto e branco). —

Raça africana é o que tem a pele escura, cabelos em carapinhados, etc. e europeu é o que tem a pele clara, cabelos coridos e cumpridos, etc. —

Sentimos ser ofensa, dessas duas frases, de (preto e branco); porque mesmo o nativo africano, não é tão preto como muitos europeus exageram; assim como um europeu, não é tão branco como se julga. Supunhamos: preto é carvão, uma coisa sem vida; branco é a cal, uma coisa também sem vida! Chamamos africanos aqueles que Deus os deu o «Continente» cognominados por África, europeus aqueles também que Deus os deu a Europa, Asiáticos os da Ásia e americanos os da América. Quanto as Nacionalidades, cada qual não deixa de ser aquilo que é. É português todo aquele que pertence a Nação Portuguesa; é americano todo aquele que pertence a Nação Americana, sem importar dos casos de outro nascer na África e outro na Europa, isto já é secundário ou voluntário.

Porque cada raça tem o seu ponto, que é tal «Continente», que Deus dera, segundo vimos atrás. —

Embora que ele nasce na Europa, o dito africano, ou noutro Continente, não deixa de ser escuro, assim como um europeu natural também de África, não deixa de tomar a sua respectiva claridade segundo a origem de cada. Por isso se fosse possível, para evitar dessabor sentimentais de muitos, e haver agrado a todos, na família Portuguesa, era conveniente esquecermos estas duas purnúncias, de (preto e branco). —

Acho que ficava muitíssimo bem, chamar só africano e europeu, conforme a divisão como Deus tinha determinado. Sendo assim a conclusão, não haveria quem se pudesse ofender. —

É raras vezes chamar um africano europeu, embora que ele seja natural da Europa, também não agrada a nenhum europeu, em chamar lhe africano, embora que seja cá natural. —

Agradeço que o Governo tome certas medidas, daquilo que achar perfeito, a este próblema, que acabo de citar.

B. Cabembe, Macuse.

A copra está por dia abaixando o preço nos comercios de Macuse; este Posto Administrativo, tem 4 povoações comerciais, sendo 1.ª povoação Voabil 2.ª Garrafa, 3.ª Vila Cândida e 4.ª Forquilha sendo cada povoação com o seu preço de copra.

As duas 1.ªs pagam um preço muito baixo devido a criação de Grémios dos comerciantes. chefiado por os Exmos.Senhores Costas Santos e Francisco Léal combinando com os restantes dos comerciantes a um preço muito baixo desde 1960, o indigena esta sofrendo com baixo pagamento das copras. Nas outras povoações pagam bem à 2$20 oquilo copra verde desdé Carungo Maquival tem esse preço até à Vila Candida.

Os senhores do Grémio de Macuse não pagam mais do que 1$20 o Kg. porquê?..

As despesas não são às mesmas?..

Eles vendem a copra à companhia do Boror Macuse, o transporte sai-lhes cara?

Além disso compram a lenha aos índigenas por muito barata, sem licença um Camião cheio de lenha por 120$00 ou 60 Kg. de farinha de mandioca, com aluguer do camião não lhes fica barata a lenha?

Tem nos quitais milhares e milhares de metros de lenha. A Razão de pagar a copra 1$20 o quilo, só para fazer atrazar o imposto Domiciliario.

Há muitos que não trabalham vivem dos seus produtos de copra pagam imposto D. e querem sustentar-se.

Não vejo a conveniência disto.

Peço as autoridades à averiguarem os preços da copra e acabara com Grémio que é ladrão do Povo de Macuse caso contrário o imposto atrasará esse ano que e ano do cris da fome desde o ano de 1964 e 1965 este temos a chuva mais cedo doque normal, não temos à certeza do arroz e o resto do produto.

A Bem da Nação

J. S. Cilima, solteiro, monitor agrícola, natural de Nabúri e residente em Milange.

O pedido é o seguinte: eu, Sr. Director estou bastante admirado! no meu aprendizado, os meus professores diziam perante aos meus colegas vós aprendizados agrícolas abrem os ouvidos e prestem atenção as lições. Porque o que nós estamos ensinar, nesta escola, de agrícultura, é para o vosso bom futuro. E serão, considerados como funcionários. E ividentemente puchamos as nossas cabeças, até consiguimos de tirar o nosso curso de «Monitor Agrícola», e pela força do Sr. engenheiro Agrónimo Fernando de Oliveira e Castro que é o pai de todos alunos daquela escola, assim como todos monitores agrícolas cursado naquela escola, e a ordem do Excelêntissimo Senhor Governador desde Distrito, colocaram-nos cada um no seu lugar, desempenhando as suas funções e cumprindo os seus deveres. Calhando-nos bem, fomos colocado nas Administrações e Postos Administrativos. Onde nos devia ser considerado como funcionários, e termos a terça parte dos direitos de um funcionalismo. Sr. Director peço por muito de me ajudar a resolver esse problema.

Amim ignorava que funcionário tem direito de uma casa boa, com as suas 4 cadeiras, uma mesa e uma cama, tudo oferecido pelo estado. E qual é esse funcionalismo que temos? Se na sua entrada se não tráz estera consigo, dormia no chão até que acaba o mês da sua entrada. Se pelo menos o estado nos facilitasse nas passagens a quem tiver licença para sua terra, ao menos um tipo ficava aconselhado. E agora com 600$00 mensal tirar 200$00 para comprar a sua farinha de milho que é a comida dum tipo que não tem poder segundo como sobeis irmãos que comer bem provém do dinheiro; sem dinheiro nunca se pode fazer nada. E os 100$00 para comprar bacalhau e o metade que fica tenque lembrar as prasitas que resteja ao seu poder. Sipunhamos como eu a minha mãe goza-se do viúva e o meu irmão que tinha poder de trabalhar encontra-se alejado e todos esses olham de mim ainda com 600$00 e tenho mais 5 irmãos em meu poder o que adianta um homezito como eu crer gozar como gozam senhores de grande poder? Caros senhores leitores vejam uma coisa; cá em Miuange estou fazer 20 meses mas nunca fui gozar às férias na terra natal, por motivo de transporte. Porque só ida são: 240$00 e volta já faz 480$00 o que ha-de restar para oferecer família com 600$00 que ganho se só com passagem resta-me 120$00 com 120$00 pode oferecer a família até a consolar-se com tanto anos de ausente, e por fim vem sem nada assim a família fica satisfeito?

De todo quanto lamentei, Sr. Director o mais importante, é da organização do transporte de ser pago por o nosso bolso enquanto trabalhamos na mão do governo apesar de que o nosso serviço ainda não foi apurado, ao menos só o governo podia facilitar só na passagem assim: como eu que sou 399 Km de cá para minha terra.

A. L. Chuma, casado, 25 anos, natural de Chibabava e residente na Beira.

O que me levou a escrever é o seguinte.
É por causa das vendas das caitanas e Machado aqui na cidade da Beira, é proibido vender caitanas[1] e Machados mas na minha pequena aldeia Terra faz-me muita falta das caitanas e Machados. E ainda não se pode comprar caitana e machados! então sr. Director, como se podemos cultivares as nossas machambas porque uma pessoa têm de ficar com machado e caitana e enxada por que assim quando uma pessoa vai na sua machamba cultivar léva enxada e machado e caitana para na machamba se chegar na machamba cultiva-se, se tiver uma árvor corta-se com machado quando cair no chão corta-se com caitana. Quando já é grande corta-se com machado e ainda outra parte que só trabalha das caitana chama-se Kutema e Kuxakatsa quando na mofussi não trabalha enxada só Machado e caitana e tudo são trez coisas que trabalha na Mofussi. quer dizer que trabalha no manto.

[1] **Caitanas** por **Catanas:** Instrumento de corte. Estas ferramentas domésticas, catanas e machados, passaram, após os acontecimentos de Angola, a terem um comércio condicionado. Só podem adquirir-se com licença do administrador local.

O Sr. Director eu queria que isso seja autorizados, vender caitana e machado eu ir lá logo comprar faz-me muita falta na minha casa nem tenho de ranchar lenha.

J. Lobo, 33 anos, casado, natural da Namacurra e residente em Nicoadala.

Senhor director o que-me leva escrever esta carta ê seguinte sobre da minha terra donde eu nasci tenho pena da quela gente todos regulos não sabem ler e os crever até eu posso contar os que sabem ler escrerver são esses 1.ª regulo Muibo 2.ª Viavia esses que eu conheço e também são Educados sabem respeitar os outros falo assim por que são os regulos falam bem lingua português eu sou enimigo de regulo M'Boi Mané e Lopo são brutos brutos completamente por que levaram minha mulher por sobre do meu imposto começaram andar com êla até de manhã com isso eu estou muito chateado e nunca eu fui vadio desde a minha vida pago imposto os todos anos êles deixão proprios irmãos deles que são gatunos vadios vagabundos patifes mas eu sei que ê por falta de eles serem brutos porque um bruto e mesma coisa um cego Senhor derector assim ê bom?

Moniz, residente em Iapala.

São poucas palavras que-me levaram a escrever para o Nosso Jornal Vóz Aficana. É o seguinte cá em Iapala É uma terra de muita gente. Temos o nosso Administrador novo é

muito bom. E até diz todos vamos andar calsados. E quase todos mesmo menina e menina encontra-se calsado. E assimtodos quando vamos acistir o comboio de 2.ª feira e 4.ª e 6.ª feira sabado ficamos muito merecidos. Mas o que nos faz altravar é um cepaio[1] que nós temos chamado Boaventura. Este cepaio na sua qualidade não esta bom. Ele quando vai para fora em serviço. quando encontra os nossos pais acasa deles ele diz o sr. Administrador mandou-me galinhas E sem os dons darem a resposta logo manda o policia dele preceguir as galinhas sem conhecimento do nosso bom Administrador. isto Sr. Director aja que esta Justo? E o seu amigo e um chamado Madeira. Este Madeira não podia fazer essas coisas. E ate quando são mandados a fazer outro serviço na povoação fazem o que querem. Eu vi um dia o Madeira foi mandado para procurar quem não tinha sapato turande o comboio. E quando chegou lá não apanhou nenhum e ele foi aprender os que vinham no comboio e que ia na carreira no dia seguinte E fiquei muito adimirado ele aprendem porque não tinham guia de lapala. Enguando o Madeira não tinha nada de aprender gente que possa sem fazer mal nenhum. E ainda estes estavão calsados todos. E até todos ficaram admirados por que é que aquela gente iam presos. sem motivo.

J. L., 34 anos, natural de Namacurra e residente em Nicoadala.

Senhor Director o que-me leva escrever esta carta é o seguinte Sobre a vida dos africanos estamos com muita massada eu quero saber que me resolva este probulema era porque que

[1] Cepaio: Por cipaio ou cipai, polícia africano.

os africanos vão para escola? Não é para aprender? falar português? eu sou um alfaiate do Senhor Bento trabalhei 2 anos com êle sem maldade mas agora adimiro por uma coisa tirou-me no serviço por uma coisa de Nada ouve um dia que passava um home com um caixote cheio de peixe Pendés a minha patroa chamou o rapaz para êla escolher qual é que gostava. eu também fui com meu dinheiro para comprar comecei escolher ela disse-me porque tu mexes no caxote eu disse quero comprar ela disse sais da qui eu disse Senhora eu não tenho boca para comer? ela zangou logo foi dizer o marido dela disse o Lobo esta abusar o marido zangou disse vais embora no dia 31-12-64

meus Senhores eu falei mal? por isso não temos valores assim como é que um gaju pode ficar esperto?

J. J., 25 anos, natural e residente em Namacurra.

Senhores leitores, conto-lhes o seguinte: no dia 4 de Novembro passado, passavam pela estrada os pastores com os bois, estes deixaram os atraveçar na minha machamba de mandioca onde comeram muitas folhas de mandioqueira. Fiquei chatiado com isso e fui perguntar os pastores como é que deixaram os bois. Eles arrumaram purada. Assim e eles correspondemo-nos. Mas foram avisar o patrão este coso e eu fiquei preso. Um primo meu de nome Gissá de Maquivale, quando ouviu o que aconteceu, veiu visitar-me. Na sua visita trazia peixes pequenos a fim de serem vindidos. Ora: os peixes não foram todos comprados. O primo Gissá quando soube que sobravam, deixou para mim. Passando algum tempo os peixes dum rapaz que se chama Elias de Furquilha que tem licença de chá. Foram roubados. Como eram da mesma espécie, veiu me acusar falsamente. Como não pratiquei a acção do roubo,

fiquei furio até no meu virtice cónico do coração e fui dar queixaão Regedor desta circunscrição de nome M,boi Este por sua vez mandou chamar o sujeito que é Eliaz. Sabeis o que respondeu?; Eu não posso ir resolver milando em casa dum Regedor, só se for no Tribunal. Eu e regedor enchemo-nos de furias. Chega o dia determinado para se resolver o milando, o nosso acusador foge. Eu pergunto, o que indica isso? E se fosse no Tribunal onde o ele queria, fugia também? A resposta é simples 1.º porque não me viu a roubar, adivinhou. 2.º tem medo por ter refilado o regedor.

Meus coros leitores, eu vou perdoar o individou porque ele não sabes o que faz. Acho que os miolos deles estão para do lugar.

C. Satempo, 20 anos, natural de Mutarara e residente na Beira.

Venho contar acerca do Senhor régulo Mpane, porque ele tem o mau costume a fazer mal das mulheres que vão a queixar. Quem deu autorização este régulo, quando as mulheres ir queixar e depois ficam lá a trabalhar durante alguns dias, acima disto aproveitam a fazer as suas mulheres, e estrovar todas quem mandou?

Não é para estragar as mulheres dos outros, enquanto os seus maridos sofrem a trabalhar por acaso delas. Senhor Director assim é justo?

O que necessário o bom régulo, é saber a julgação das pessoas. Quando o régulo não consegue é melhor mandar para no Posto Administrativo. Além disso tem o costume muito feio, a fazer maldade com os rapazes que saem da Beira-Mutasasa. Quando tem muitos vestuários fica logo a inveja com ele, mesmo que encontrando no bar fica logo apreendido. Senhor Director assim é justo? Se uma vez paga o imposto tudo completo, e nem o pai dele que fazia isto.

A. Nhamingue, contínuo auxiliar dos Portos Caminhos de Ferro e Transportes, 39 anos, natural e residente em Maxixe.

Senhores leitores, o assunto que me lava escrever esta carta é o seguinte: no dia 14 de Março do corrente ano cá em Inhambane o tempo estava chovoso, e, por essa razão eu como sou da Maxixe-Chicuque. E como agora temos a zona para Maxixe a 2$50. Assim como muita gente vai da zona. E então eu entrei também na zona das 5,30 horas para Maxixe fui na gasolina das 6 horas para Inhambane mas eu nesse dia vinha descalço para economizar 1$50 para poder comprar pão assim como sai muito cedo. E como dentro de gasolina Ana Paula há duas divisões que explica outra parte é para os peões e outra para os que vão (des) calçado, e nisto eu fui no mais barato de modo que ia descalço supondo que havia de pagar menos como é de costume. Mas depois dos 12 metros o Senhor Machadinho começa cobrar o dinheiro onde veio obrigar-me pagar 2$50 quando muito bem eu ia descalçado e estive na segunda classe como julgam eles. Por isso fiquei comprometido duma maneira que não sei como explicar a minha sorte foi de um conhecido Henrique Paulo Gomes esse é que ajudou-me com os 1$00 que me faltava. Mas agora queria saber Snrs. Leitores se isto é justo ou não visto que na mesma cadeira ou que seja na mesma lancha ia também uma mulher descalçada a qual estava sentada na ultima cadeira e a tal mulher pagou o preço habitual de 1$50 que fez me admirar a razão ou a diferença entre uma descalçada e um descalçado?... Depois de ter conhecimento não fiquei calado fui perguntar ao Machadinho, a final como é essa coisa de bilhetes e tudo ele respondeu-me que isso é comigo desde há muito tempo e por outro lado pagamos só o dinheiro de passagem mas não fomos dados bilhetes há razão para isso?. Se ele tem despesa de pagar os selos na Fazenda não é como eu que a quele 1$00 que me levou podia comprar o pão. E aqui onde estou sou

pai de 9 filhos já adultos tenho o meu tio velho e o meu pai assim como a minha mãe todos eles estão velhos e são por me sustentados. Pois não tenho onde que ir queixar: e espero que um dia qualquer irei na capitania participar o caso se há razão para os supracitados.

F. Muroi Muchanga, 19 anos, natural do Buzi e residente na Beira.

O caso que me levou a escrever é o seguinte:
Eu estou a trabalhar na Beira a ganhar 400$00. Mas tenho familia, quero pagar imposto, e quero arranjar despesas, além disso comida é minha, casa é minha, chega esses dinheiro Senhor Doutor?

Eu digo que é por isso os outros não pagam imposto porque recebem pouco, além de recebermos pouco dinheiro os impostos já foram aumentados já são 290$00 a 400$00 quanto é que fica?

Renda de casa são 120$00 comida gasto 200$00 por mês e quero também vestuários chega esse dinheiro? É por isso os outros ficam nos caminhos a bater um a outro e outros roubam sobre disso pode passar dia inteiro a sofrer de fome logo pensar ir roubar.

E os portugueses estão a nos obrigar a ser civilizados como podemos ser civilizados, não temos meio de fazer civilizados

Senhor Doutor peço-lhe o grande obséquio de mandar publicar esta minha carta e muito desculpe dos erros que tenho

M. Raja Selimane, residente em António Enes.

O caso que me leva a escrever esta modesta e prezada carta é o seguinte:
Pois há muitos anos que eu tenho executado os serviços nos Bares. E quando estive empregado no Bar do Sr. António Alves Junior de Moma, pedi num certo dia uma dispensa, a qual tive que ir a minha Terra que é António Enes, a fim de ir tratar o assunto do meu interesse. Quando saímos de Moma fomos até em Larde, e o chouffer do machibombo foi almoçar, e eu fui ao Bar, e quando cheguei ao Bar pedi que me arranjassem uma bifana c/ovo à cavalo, e não havia carne, pedi em substituição da bifana uma lata de sardinha com piri-piri c/3 rodelas de cebolas também não havia. Tive que ir nas lojas comprar sardinhas e cebolas, e voltei novamente ao Bar, e pedi emprestado um prato uma faca um garfo e vinagre também não tinham nada do que eu pedisse, e então pedi ao empregado do Bar que fosse pedir aquilo que sobrasse na mesa onde ceava o chouffer do machibombo, e deram-lhe, mas esteve cheio de lixo como estive a comer um cão. Pois eu senti muita vergonha aquele Bar tão pobre, que nem havia ao menos garfo, faca, sardinha e nem prato. É nesse caso que aproveito a oportunidade de o fazer saber, os meus caros leitores que nunca tenho visto um Bar tão pobre como este; caros leitores, alguma vez viram um Bar deste? Construiram este Bar para verem se possam arranjar dinheiro, mas deste estado em que está este Bar pôde-se arranjar algum dinheirinho? Isto parece mentira, mas é verdade.

M. J. B., 28 anos, natural de Nacaroa e residente em António Enes.

O que me levou a escrever é o seguinte:
Eu trabalho na firma José Rodriguês Pestana há cinco anos. Nunca fiz motivo nenhum até hoje. É que no dia 17/11/66 numa

quarta-feira, saiu meu chefe de serviço, para o escritório da firma ir delefonar para irmão dele que fica em Chalaua. É que quando ele chegou no escritório, pediu ao senhor Rui que é guarda livros, pora vir ficor na loja alguns minutos. É que quando senhor Rui chegou na loja, veio um rapaz precisando de comprar uma faca; Depois de eu ter trazido a fica, o rapaz levou uma, faca pora ver qual é que era melhor para pora ele. E senhor Rui levou uma faca sem eu saber que ia me espetar. Logo a tirou a faca para no meu umbro direito; lá ficou a faca. Quando eu perguntei porque o senhor Rui espeitou-me? Respondeu-me assim! que era brincadeira; e a zor. Fui-me até ao policia dâr conhecimento que fui espeitado com senhor guarda livros do meu serviço, responderam-me a mesma palavra. Fui até ao cabinete do senhor administrador do concelho respondeu-me a mesma coisa. E eu perguntei o senhor administrador, dezendo assim: Senhor administrador se fosse eu que sou preto que tinha feito uma coisa dessa há um branco; como é que havia de ficar? E senhor administrador diz me que não ia nenhuma parte. Mas eu sei que naquele dia não dormia dentro da minha cabana. Mas assim mesmo fico colado com meu nome do preto. Por fim dizem que vão me mandar embora.

Assim é bom senhor derector?

O que eu estou a lamentar é o seguinte os bebados de Nampula precisam de ser defendidos, um dia fui eu beber no bar do Senhor Pinto Soares e outro meu amigo que estava sentado ao meu lado levou bofetadas ponta pés socos e mais muitas coisas que são utilizados para alejar uma pessoa ou para castigar uma pessoa que merece castigo.

Eu como bebado apelo para autoridades competentes para ver este caso de nós os bebados (NAKHAJUS) para sermos

protegidos, porque o Senhor Pinto Soares Precisa do dinheiro e o bebado precisa do vinho, Pinto Soares é uma pessoa educada e o bebado não é.

Eu sei muito bem que nós alcoolicos quando estamos grosso falamos mal e sem respeito, mas mesmo assim podia haver protecção nos bares de Nampula porque eu vi muitos brancos nos bares proprios da cidade bebem e ficam grossos e até outros recusam de pagarem, mas não são mal tratados.

E porque nós no Bar do senhor Pinto Soares somos mal Tratados, se eu não vou beber no hotel portugal é porque tenho receio lá também vai o meu patrão tomar café agora eu não posso sentar junto com o meu patrão, porque amanhã se eu pedir aumento patrão vai dizer que o dinheiro não te chega mas tens para gastar no vinho é por essa razão que eu gosto bebern o Senhor Pinto Soares e no senhor Martins, porque lá tenho os meus amigos da minha classe eu podia ir no hotel Portugal onde podia ser respeitado mas as razões que me empedem são esse que eu escrevi em cima desta carta, porque sei que em terras Portuguesas não há distinção só o senhor Pinto Soares é que quer semear odio entre o Portugues e negro agradeço muito e peço as autoridades para defender os bebados negros de Nampula que estão desprotegidos, além de gastarem o seu miserável salário por cima leva muro de Mucunha [1]. Pinto Soares, estamos no século vinte o senhor Pinto Soares tenha Paciência porque diz uma História dos nossos ante passados que, quer chuva tem que aguentar lama, senhor Soares quer dinheiro então que ature os bebados se estou mentir que um dos leitores de Nampula desminta o que eu escrevi.

Sou eu um dos bebados, I. K., padeiro nesta cidade de Nampula.

[1] **Mucunha:** Branco, europeu.

J. Machete Sítoe, 36 anos, natural e residente em Chibabava.

O caso que hoje me obriga a escrever é o seguinte:

Nesta região de Chibabava tem um quartel militar que muitas vezes ocasiona acidentes esquisitos provocados pelos militares desta região.

Eles fazem, muitas vezes, o que querem e o que lhes apetece. O acidente que ocorreu comigo foi quando saia da minha povoação junto com a minha mulher, para irmos fazer compras nas lojas no Posto, que dista 3 Km. Na minha vinda encontrei-me com 4 soldados um dos quais interrogou-me: Donde vens em companhia desta mulher? Eu respondi que vinha da loja fazer compras. Tornaram a fazer-me muitas perguntas, ás que eu os respondi. No fim de meia hora de tempo a discutirmos, eles agrediram-me. Apesar de tanto esforço que empreguei não consegui vencer quatro homens. Por fim fui-me obrigado abandonar o campo da luta, deixando a minha pobre mulher. Pela sorte vieram alguns homens em socorro dela. Eles fugiram e houve muitos prejuízos nas minhas compras. Eu então fui queixar-me ao Senhor Capitão. Ele perguntou se eu os conhecia. E como eu não os conhecia o caso passou-se sem ser resolvido. Tenho a certeza que não se passou só comigo; tem havido muitos casos iguais um dos quais chegaram de agredir o professor do Posto, deixando o quase meio morto. O caso passou como o meu. As nossas mulheres não podem ir sózinhas ao rio carretar água, as nossas filhas não podem ir a escola por causa deles. Desde que foi feito o quartel nunca podemos deixar as nossas filhas a andarem sòzinhas. Senhor Director agradecia que o problema fosse resolvido pelas autoridades competentes com maior urgência possível para o bem de todos os africanos desta região de Chibabava.

Estando pelo menos alguns polícias militares talvez exitassem esses abusos.

A. A. Fábula, 17 anos.

O motivo que me levou a escrever é o seguinte: Os filhos das autoridades desta minha aldeia gostam de provocar os outros, na intensão de lhe gozar. Numa bela tarde, puz o meu hóculos e comecei a passear. Quando cheguei em casa do regedor encontrei os seus três filhos; mal eles viram-me começaram a rir-se de mim e diziam que o hóculos não me servia e, que parecia um pobre ceqguinho. Isso é bom snr. director? É claro que eles faltam de educação. E agora pergunto a esses provocadores: meninos, que livros vocês leram e encontraram uma oração a referir da pesque não é quadrada o seu vestuário? Mais uma coisa snr. director. Em Domela, no dia da inauguração de clube Benfica houve grandioso baile onde se dançava contente, toda a malta. Quando chegou neste baile o snr. Osvaldo Cipriano Filipe neto do régulo, começou a fazer pouco ao meu amigo Mateu Fazenda e disse que o Mateu dança o modelo do seu pai. Isso também snr. é educação?

C. Dando Ramugy, solteiro, 23 anos, natural de Moçambique e C. Seragi Simpa, solteiro, 24 anos, natural de Memba.

Saimos numa Terça-Feira no 22 de Julho de 1963 para Nampula. Com as nossas Cangaras[1] das Galinhas. Cada uma Cangara tinha 30 galinhas fomos no Rio Monapo, dormimos ate no dia seguinte 23 de Julho. As 4 horas de matrucada ate na Estação. E o senhor Camilo Dando Ramugy resolveu de ir preguntar o despachante quanto que paga cada uma cangara das galinhas. O Senhor despachante logo começou a preguntar a licença ambulante ou viterinária. Mais como era Negócio Cumum,

[1] **Cangarra:** Gaiola de verga para transporte de aves.

dizeram que não temos licença nenhuma. Então o despachante disse que não pode ser despachado as cangaras se ter nenhuma Licença. Depois o mesmo Senhor Camilo D. Ramugy chamou ao seu amigo Correia S. Simpa para preguntar como deviam fazer. E o senhor Correia respondeu queé melhor vendermos a qui em Monopo antes de sermos a panhado com os Policias. Porque se formos a panhados com os policias, é uma misérias, para nós. Na mesma altura encontrou-nos um Sargento militar de Namialo, disse que vamos fazer negócio. Eu compro essas galinhas todas por 1.200$00. O Senhor Correia preguntou ao seu amigo Camilo D. Ramugy que podemos receber este quantia ou não? O Senhor Camilo D. Ramugy respondeu que não podemos. Porque as galinhas são muitas e o dinheiro e pouco. E o Senhor Sargento disse-nos para ficarmos a pensar ate que passou outra vez: passou 15 menutos ele passou outra vez. E nós respondemos que ainda não pensamos nada. Ele seguiu para Namialo. Na quele momento começamos vender cada uma galinha 20.00 e 15.00 e 25.00. E ningue queria comprar nestes preços. Só a pena apanhamos cada um 300$00 Quanto vendiamos cada Galinha? Depois o Senhor Camilo D. R. resolveu comprar 5 casacos por 300$00 que ele tinha apanhado. Cada casaco comprava 45.00. Mais que casacos era?

Queira V.Exa dignar-se publicar este insignificante artigo que pouco ou nada diz mas que traz coisa importante para o bém geral, se não para todos, para africanos meus irmãos.

Pela fama que tenho ouvido narrar de Mocuba tencionei percorrer uns 190 Km, pouco mais ou menos, para visitá-lo embora não tivesse qualidades de visitante e observei o seguinte:

No Bar Zambézia fazem-se coisas que muito contrariam aqueles que sabem sentir. E eu fui um desses tipos.

Ao negro, por exemplo, é lhe dado comprar para o jantar o resto da comida que serviu para o almoço. Ao branco é a comida recentemente preparada.

Experimentei pedir água a quando da refeição. Foi com grande surpresa minha ao ver que o rapaz a trazia num copo da cozinha. Esse copo servia para três pessoas minhas amigas que estavam na mesma mesa do que eu. A água estava morna devido a efeitos do calor, pois era verão. Bebi aquela água com grande sacrifício; e o pior é que em vez de matar a sede secava a garganta.

Aconteceu que um branco pediu também um copo de água. Trouxelham-lhe gelada numa garrafa e um copo de vidro bem lavado e bonito: Acaso o dinheiro de um negro não valha tanto como o de um branco? Se não, eu preciscava de argumentos para comprovar a negação; se sim, por que é que há variedade na comida para cada cor? oTdos somos Portugueses, e se somos, temos os mesmos direitos e deveres tanto para uma como para outra cor. O proceder do Bar de que vos falei vejo que se admite o racismo.

Peço aos caros leitores da «Voz Africana» que respondam a esta carta emendando o mal e aprovando o bem.

J. G. Meio-Dia, 30 anos, casado, residente no Maquinino, Beira.

O que me levou a escrever esta carta é o seguinte Aqui na Maganja da Costa temos um regedor de nome: Micia, que deixa fazer o seu serviço de autoridade só para andar a rebatar mulheres dos outros. Quantos prejuizos causou aos outros por causa das mulheres e muitas cristãs abandonadas por causa dele. Até chegou de roubar-me a minha mulher casada católicamente comigo, deixando-mena miséria com minhas duas filhas.

Snr. Director assim é bom um regedor de Categoria praticar tais acções? Quantos pensamentos. Não durmo noites e dias qando penso da minha triste vida causado por este regedor. Ele começou a perseguir-me muito tempo no mês de março de 1964, quando estive empregado no serviço da junta do algodão como capataz, trabalhava na sua regedoria. Com os seus ciumes ele sempre dava queixa no meu patrão e o meu patrão dizia me sempre que o Regedor Micia, está dizer que você não sabe trabalhar, falta sempre ao serviço e o meu patrão dispediu-me. Mais outro caso antes de levar a mulher o regedor foi ter com os meus sogros para eles mandar-me embora visto que é proibido um homem do outro Regedor não poder ficar na Regedoria do outro. Foi lá a insistir uma, duas, três vezes, aos meus sogros para que eles me despachassem com a filha. Na quarta vez o próprio Regedor zangou comigo para ir-me embora. Toda esta questão era para que eu deixasse lá a mulher e ele aproveitar da minha ausencia. Como os meus sogros não tinham provas suficientes para me mandarem embora acusaram-me um roubo na palhota deles que faltava um garrafão de aguardente e que era eu o ladrão. Coisa triste, que perferia morrer do que ser ladrão. Meus sogros chamaram os seus filhos e começaram-me com puradas para salvar a minha pele resolvi fugir. Fui participar tudo isso ao Regedor da minha povoação. E ele disse-me a verdade de que qualquer dia sua mulher estrá na mão do Regedor. Portanto vais dizer o Snr. Padre. Fui dizer tudo ao R.do Snr. Padre Superior da Missão e ele chamou toda família da m/mulher deu-lhes conselhos e não se convenceram. E eu então comecei a viver solteiro no mês de Março de 1964. No mês de Abril de 1964 encotrei-me com minha cunhada disse-me que a minha mulher estava com regedor Micia. Outro dia ouvi de um sujeito que mora perto dos meus sogros disse-me as mesmas palavras que minha mulher andava com Micia. E pedi informações a muita gente e diziam as mesmas palavras. Fui outra vez dizer ao R.do P. Superior, onde deu-me os seguintes conselhos: Que não fosse participar depressa ao Administrador porque ele e capaz de dizer que você está caluniar o regedor. Toma paciência e procura boa testemunha. Depois de 8 meses aparece a mulher no estado de gravida do regedor. Fui participar o Snr. Administrador, e ele disse-me essas duras palavras. «Vai rapaz, porque se casou com uma mulher puta» Snr. Director, eu acho que o meu milando não está bem resolvido.

E a esperteza do Regedor e essa: quando ele viu de que a mulher estava no estado levou-a para hospital afim de estar inutilizada a gravida. Mas os medicos recusaram. Mas isso é sinal de que? Pelo menos podiam ser chamados lá na Administração para serem interrogados. Nas minhas mãos a mulher não foi puta como o snr. Administrador imagina. Se ela fosse a tal referida eu não me casaria com ela.

Mas meus caros leitores um snr. de tal categoria e que já passou na classe dos autoctones e cristão ao mesmo tempo é possível praticar tal acção? Meus agredecimentos a todos os leitores que lerem a triste noticia.

M. Q., 27 anos, residente em Marromeu.

O que me levou a escrever esta minha carta é seguinte, no dia 29-6-65 apanhei no meu rádio de sonhos as falas do Senr. José Maria Soares de Castro, falando com seu amigo M. S. Ramos. Sobre o respeito da áfrica.
Dizia as seguintes palavras, que agora consegui arranjar um emprego da S. S. Marromeu, que ganho uma média de 6.500$00 por mês, não pago água nem luz nem renda da casa, e a casa é toda mobilada, só com isto poupo alguma coisa, comer tenho me um preto que me faça comida e lava a roupa, e assim vou andando, o pior é de trabalhar de noite; e aque noite é muito frio por causa de nevoeiro.

No local aondo estou, é no meio do mato não a distracções nenhumas a cidade mais perto fica a 400 Kilomtros de distáncia, como vé aque vivemos como bichos. Agora aque a Fábrica

começou a trabalhar temos 16.000 pretos a trab; só amim calhou 63 como vé se eles quiserem cá vai o rapaz fazer tijolo no jardim dos tabaletas; A companhia deu nos uma Pistola mas que adianta uma pistola contra todos negros, eles comigo têem pouca sorte mal eles começam a refelarem já é apanhar um murro nos queixos que nem sabem aonde vão parar e assim é que eles nos temem, caso contrário era pior, só de pancadas é que eles andam direitos, e aqueles que mais batemos são os melhores, nos dias seguintes trazem umas capoeiras de galinhas nos nossos quintais, e é isso que nós queremos.

M. J. M., 23 anos, natural de Vila Fontes e residente na Beira.

O assunto que hoje me obriga a escrever é o de seguinte teor: Na Minha terra que é V. Fontes, há grande confusões por causa dos impostos. Os régulos da região procedem muito mal. Em vez de fazer cobrança de boa maneira vêm em perigo. Vêm, com as cordas amarrar-nos assim é justo Snr. Ditor? Uma coisa também, esse régulos têm seus filhos, irmãos, tios etc. esses às vezes chegam, de não pagar o referido imposto e não são capazes de os amarrarem por estes Serem conhecidos, mas assim que é a lei? Se quizer amarrar é que amarrem todos não é assim? É o Governo que manda escolher? Penso que este modo da escolha que acabe.

E agora, os irmãos deles, vêm cá na Beira a fim de arranjarem empregos e não são capazes, de encontrar, devido de não terem recibos do imposto. O Governo fez muito bem de públicar à todas firmas de que para alguém começar trabalhar é preciso que tenha selos do referido. Não lichou, nós lichou aqueles que não pagam o imposto em especial os irmãos e filhos dos régulos.

Pergunto eu, pegando aqui na Beira o seu imposto não pode valer nas outras circunstâncias, sendo do mesmo distrito? Os régulos nada querem enteder. Dizem que o recibo da Beira não pode valer em V. Fontes, mas que diferência há? Para terminar peço aos Autoridades que mandem acabar esta cobrança de amarrar e que também os régulos quebram os seus familiariddes.

J. J. Nguirande, 17 anos, residente na Beira.

O que me levou a escrever esta carta é o seguinte. Eu venho contar uma coisa da minha terra Manica e Sofala. Muitissimo desculpa Senhor Director. Há na minha terra onde eu vivo com a minha família um senhor que já chegou apouco tempo do nome — Victor Antunes logo construiu a sua casa de alvanaria logo começou a nos gingar dizendo que saiam nesta aldeia precisam irem procurarem outro sitio de istarem porque já comprou este sitio. Além disto não quero ficar com os pretos. Até uns já sairam no tereno que está nos dezer saiam até deixaram as suas plantas, coqueiros, papaeiras, mangueiras, laranjeiras, bananeiras, etc. Eu com a minha familia defacto estamos negar de sair no nosso tereno porque temos muitos coqueiros e mangueiras não podemos deixar. Ele algum dia matou um galo do meu mano do nome — Augusto Mundoringuira; por conseguinte ele zangou pegou o galo foi à Administração mostrar Senhor Administrador, quando lá chegou disse que muitíssimo desculpa senhor Administrador de resolver o meu visinho porque ele matou o meu galo, veja lá senhor administrador como pode ser issol?... —
Administrador de manica e sofola disse que as aves dele, cabras dele, e alguma coisa dele se chegar na tua casa mata também; porque ele está começar.

Por bem dizer senhor adíministrador resolveu bem e muitssimo bem! Muitissimo desculpa Senhor Director não estou ofender ninguém, estou ofender este senhor já não sabemos se nós começarmos matar as suas aves parece vai zangar ou não. E muito desculpa senhor Director não repare dos meus erros apena de que tenho uma pequena instrução na escola.

Ultimei por aqui o que gostava no meu coração Sou eu sempre do nome — Joaquim Junior de Nguirande tá, tá, tá, tá amigos Leitores. Eu estou ofender este senhor porque está nos fazer muito mal mesmo não é brincadeira sabia muito o sitio tem os pretos perquê veio a construir!?

R. T. e A. G., casados, naturais e residentes em Chiure.

A ideia que nos autorizou pôr a caneta em função foi esta: Somos professores da sede da Missão de Chiure, e vivemos perto um do outro. Este ano, aconteceu que foi roubado o milho da Escola Normal da mesma Missão, onde nós tiramos o curso professores. o senhor Padre director foi participar o caso a administração local.

O senhor administrador mandou policias para andarem a procurar do milho nas povoações. Quando os policias chegaram nós os dois estávamos presentes. Eu disse para o meu colega: Ó colega, aqueles Policias pela maneira que procedem são capazes de fazerem pouco das nossas mulheres se por acaso encontrarem pelos caminhos como de costume. O meu colega em resposta disse: — Não farão nada porque eles são acompanhados pelos alunos que conhecem as nossas mulheres. Quando nós estivemos a falar a quilo, estava ali presentes um senhor tractorista da dita Missão senhor Artur Alves. Este quando nos ouviu a falar a quilo, foi ter com um

daqueles que tinha feito o roubo de que os profesosres dizém que seria melhor se mandassimos um rapaz para ir dizer as nossas mulheres para esconderem o milho. Senhores leitores a cham que isto é justo? Se esta acusação fosse feita um dos senhores leitores o que lhe pareceria Mas o caso não ficou por a qui. Os policias entraram na povoação e apanharam em primeiro lugar aquele que tinha sido transmitido as palavras a címa citados. E ele disse: — O senhor tractorista disse hoje que os professores me também roubaram o milho. os policias logo correram para as nossas casas e apanharam as nossas mulheres. Como nós estivemos nas aulas os policias juntamente com as nossas mulheres encontraram-nos lá dizendo que o senhor tractorista acusou-vos de terem roubado o milho. Portanto vamos todos para o Posto juntamente com as vossas mulheres. Nós perguntamos aos policias se tinham ido falar com os Padres de que apanhamos os porfessores. Eles disseram: fomos falar com o senhor Padre o dono do milho e disse que levassem porque o que me importa é saír a pessoa que roubou o milho — Nos a creditamos e fomos atrás deles.

Senhores leitores. Quantos sofrimentos não nos fizeeram os polícias e quantos vergonhas não apanhamos!!!! Naquele dia dormimos numa casa que eles tinham escolhido. As nossas mulheres ali ameaçadas, as bofetadas, voltavam na cara. Então no dia seguinte fomos apresentados na Administração e o senhor Administrador disse-nos que fossemos passar a Páscoa e que nos chamaria qualquer dia para resolver o caso. Senhores leitores olhai como muita gente trata os professores. O pior é quando encontra-mos-nos com o senhor que nos acusou. Estamos muito envergonhados e nas povoações dizim que os professores faram acusados falsamente. Senhores leitores quem danificou o proximo no seu bom nome acusando-o falsamente e falando mal dele que é obrigado? Hoje acusou-nos, de termos roubado o milho, amanhã pode ser que nos acuse ainda pior que esta vez. Porque até aqu, ainda não chegamos a compreender o ódio que ele tem para connosco.!!!

R. V. Meireles.

Sentindo-me em grande forma neste dia, decidi expôr aõ público Murracense um, dos seus costumes que demonstra falta de senso.

Não quero falar contra ninguém.

Cá nas festas de casamento há o costume de se dar comidada diferente aos convivas sentados a mesa. Quer dizer: comida bem preparada para brancos e outra, inferior, para pretos, sendo a mesma festa.

Pouco importa a mim que isto vos pareça justo. Da minha parte digo assim:

— Se a família dos noivos tem respeito só aos brancos, que convide então só aos brancos, que é para lhes preparar bom manjar, mas se também estima aos pretos, então peço-lhes que forneçam um manjar igual para todos, caso contrário, nenhum preto instruido e educado pisará o casa de alguns noivos.

C. Oliveira Bento, 24 anos, natural de Nicoadala e residente em Quelimane.

Estou bastamente admirado com um amigo chamado Ermindo Lisboa Coelho; Eu assisto o dia de registo dele, a mudar o nome e ficou com :Ermindo Lobos Coelho; segnifica que ele não gosta do pai. Mas é na verdade: o pai está muito doente e até que consegui de vender um terreno que ele tinha por 1.000.00. Ele viu que, os meus filhos não me ligam, é por isso que ele vendeu o terreno é para arranjar o dinheiro de comprar os remédios.

Eu encoitrei com o pai um dia desse; ainda sem nada de vestir e trazia um calção muitíssimo roto. parecia-lhe que não tem filhos. E eu logo admirei muito. Ele disse-me o que eu posso fazer, este é o prémio dos seus amigos que você trabalha com eles lá em Quelimane. E dai não falei mais. Quando eu cheguei em Quelimane, encontrei-lhes em cima das cadeiras sentado junto a mulher dele sem pensar de nada do pai. Logo ele me perguntou, afirmando. Olá! Snr Celestino, donde vens? Eu disse que venho em Nicoadala. E comecei-lhe informar tudo como tem passado o pai. Ele deu-me resposta: que aquele meu pai não tem juíz: Como ele é civilizado, não conhece quem é o pai nem a mãe. É isso Snr. Director. Um negro, quando é civilizado e tendo uma vida que lhe chega, começa logo estranhar os pais e os amigos, já agora é grande gente. Ainda este rapaz ganha bem, trabalha nos C.F.Q.[1] tem por mês mil tais escudos. Outra coisa Snr. Director:

Já passa mais de cinco meses, que encontrei com um misto que me deu uma boa pergunta, que eu agora vou responder-lhe. Eu imaginava que, aqui no mundo, foram criadas duas raças: branco e preto. Uma branca e um branco nasce um branco; e uma preta com um preto também nasce um filho preto. Agora quero saber uma coisa; Como que, o misto vai estranhar a um preto? Enquanto ele não conhece quem é o pai dele. Mas será verdade o pai ser branco e a mãe preta? Eu verifico que, um branco com uma braca não se pode nascer um filho misto e também o preto com a preta mesma coisa também, não se pode nascer um filho misto. Eu vi um Snr de Nicoadala preto com nome de: Conceição casou uma branca, mas, nasceram os filhos mistos e tem também uma filha preta que ele nasceu com uma preta. mas não é mista, tomou a cor do pai e da mãi. Como os mistos estranham de um preto? Também quero saber, quais são os pais e as mães deles?

[1] C. F. Q.: Caminhos de Ferro de Quelimane.

S. Taímo Matsinhe, de 25 anos, natural de Massinga.

Tomando a vez de todos os que por caminho de Vilanculos á Beira tomam o Transporte de GASOLINA, pensei interpretar nesta altura para todo o tempo as espinhosas dificuldades que todos lamentam. Antes de falar sabemos muito bem que para modificar e organizar uma coisa para o público, muito custa e tanto tempo leva. Mas como os dessabores continuam, os choros também continuam cada vez mais. E, para o caminho ser difamado como é, Não o mar nem sequer os gasolinas não.

São os próprios Marinheiros que o fazem. Vimos que há tantas vezes o gasolina mais de três dias a chegar cá ou lá. eles as vezes o variam em bom estado, porque se o Gasolina chegar depressa, menos tempos terão os Senhores marinheiros para gozar com as mulheres dos desgraçados donos, que com elas casaram e muito para elas trabalham.

Como se estas não tivessem pagas os bilhetes como deve ser. E ainda sem sem vergonha e sem procurar de estas ou umas dessas talvez trazem pessoas de respeito ao seu lado, dizem que para qualquer mulher ser bem tratada vão nos bons lugares, referindo nos seus dormitórios, de mais a mais como algumas delas nunca por mar andaram ao ver o assustante batalhar das ondas cumprem tudo quanto eles dizem. Achamos que assim fazem por bom respeito às mulheres que eles nos tais lugares nem dexam outras pessoa lá ir seja amigo ou criança. Com tudo isso como é que um casado pode ficar satisfeito a chamar a sua mulher para cá, com essas dificuldades e disconfios.

Sabeindo que quem é casado para viver com a sua única e primeira mulher, se sabe que está ou é para estar muito tempo aqui, é bem preciso que passando tempo a chame para onde está, que se assim não fizer ao andar do tempo tomará fraqueza e tentará recasar, o que já muito feio é para o nosso dever religioso e Cívico.

Por esta questão leva-nos a pedir uma organização e abertura dum transporte por terra, de Vilanculos para Beira.

Caso ver ser preciso satisfazer, quando mais tempo leva a fazer, agradecemos que por enquanto coloquem na Gasolina um fiscal Europeu para velar pela conservação de todo o passageiro. Assim poderá haver que evite os desgosto para toda a população que têm viagens por este caminho.

C. Zambo, casado, 22 anos, natural do Posto de Bajone.

Carissimo Senhor eu estóu muito apresentimente aflito com esta posto[1] de Bajone, com as suas intrigas, e mais invejas. e mais invejas. Que ainda punham a piorar a baixar a terra. O intrigador chama-se Nure Alvés Bernardo, Interprete do Bajone, ele a fazer uma vingança com a população. A combinar com seu chefe do posto, a fazer chamada do gente para vender[2] com a Companhia Boror Mocuba — Sizal, sem vontade daquele gentes, sempre aqui em Bajone a chamada esta sempre a correr. A fazer um obrigação dos homens para ir Mocuba-Sizal. E nós daqui perguntamos o Senhor Director, aquilo é justo? Aquilo que estão fazer o Senhor chefe junto o teu Interprete é justo? Eu quero saber se um acimilado fica com 10 mulheres! Formada na sua bilhete. No entanto queremos saber-mos se no povo faltam de gente instruidos? E sempre ele é um Interprete que

[1] Posto: Posto Administrativo. Moçambique está dividido, administrativamente, em Distritos, subdivididos estes em Concelhos ou Administrações. As administrações, quando muito extensas, têm postos espalhados no mato, com um Chefe. Junto das administrações e postos funcionam intérpretes que se tornam temidos das populações indígenas, uma vez que, frequentemente, abusam da sua função fazendo interpretações de harmonia com as suas amizades, etc.

[2] Os trabalhadores para as grandes companhias eram procurados junto dos administradores que recebiam gratificações (de 500$00 a 1.000$00) por cabeça entregue. Daí, a naturalidade e a verdade com que, em Moçambique, se fala de vender gente.

quer ficar com tudo dos seus roubos. Visto que nós da população não temos nenhum falta dos seus Imposto. E sempre com seu malfeitos pensava que ninguém via. Muito agente que fugiram para outro lado, a fugir do seu Interprete. A fazer chamada, e com grande intrigas, a crer queimar a população, do Bajone, com seus rapaz, que nenhum seria igual a ele. Nós estamos muito cansado com essas politicas que esta fazer Interprete. Visto que eu acabei 8 anos a trabalhar em Quelimane, e o Interprete que está-lá não sabe mal tratar povos. Porque ele sabe que nós somos irmãos. E agora esta que nós temos aqui em Bajone, sabe só queimar o povo, e casar muitas mulheres, enquanto ele é um acimilado. Ele sabe vender as mulheres, para aproveitar dinheiro comprando o seu motórizada, 1.ª 7.500$00 e 2.ª 8.000$00 e 3.ª 11.500$00 de 4 volecidades, ele uma vez vendeu uma mulher chamada Mariamo Liaze, com 1.500$00 com um alfaiate chamado Sumali. E segunda vez continuou a vender com a mesma mulher, com 1.100$00 com um alfaiate que trabalha em Mocuba. E lutou com um alfaiate chamado Saide Maneia do Idugo na Ilha, sobre a sua mulher. O milando [1] chegou no posto para se rsolver. Depois o senhor chefe não quis resolver, o milando por ser do seu Interprete. Por-isso que a população esta chorar de mais. É sobre do nosso Interprete, cenas que ele faz não é brincadeiras. Aqui em Bajone visto que tem muitos agente estudioso, outros alfoiates carpinteiros, Pedreiros, mainatos [2], muleques, cozinheiros, pescadores, serradores, negociantes ambulantes, mas gente da canetas. Mas tudos esse agente são obrigados para irem Mocuba-Sizal, sem vontade daqueles gente. Por causa do nosso chefe bunto o seu Interprete. A crer defender a população do Bajone. Se a população sairem daqui Bajone [3] tem que saber

[1] **Milando:** Questão.

[2] **Mainato:** Lavador doméstico de roupa.

[3] A única defesa das populações contra as injustiças e arbitrariedades da autoridade colonial era abandonarem as suas terras. Havia grandes movimentos migratórios, de tribus inteiras, de lado para lado, de e para além-fronteiras, motivados por isso mesmo.

que é por causa daqueles politicas. Por-isso que a população escreveram para jornal Voz africana é para as palavras forém publicadas. Depois nós perguntamos se nas outras terras se é assim, como se foz aqui em Bajone. Atui deixo ficar meu parecer que é de certeza pensar de todo desta terras e que, precisa de viajar. Para que problema seja considerado é que resolvido por aqueles pessoas aquem compete.

M. Maguragane, residente em Vila Machado.

As murmurações dos habitantes de V. Machado sobre de bebidas indigenas. Este ano é de grande fome, cada qual na sua casa luta para atingir o meio de sustentar na sua casa, mas não è andar a roubar ou ser assacino, matar os outros e rumbar as casas dos outros para puder escapar a fome deste ano, isto não. As pessoas que tem essa ideia merecem castigo porque é um prejuizo ao povo, mas quem soa por si e chega de sustentar a sua familia e pagar tudo o que governo quer, esse era melhor deixar fazer o que ele necessita. Agora começar proibir coisas que ajudava milhares das pessoas, isto jà è venenar o povo. Nòs os de Vila Machado admiramos bastantes por o nosso chefe de Posto começar ameansar as pessoas por motivo da sura, pombe e cabanga, sabendo que sura è uma coisa que ajuda muita gente de V. Machado. E porque proibe, bebidas indigenas? A partir de pombe, sura, nipa e cabanga, se estas bebidas estavam jà desde os nossos antiguissimos e è sò para nós indigenas, desejamos saber qual è a razão. Sura ajuda-nos muitas coisas fome,i despesas da casa, impostos e etc, ajuda muitos homens e mulheres, solteiros e solteiras, casados e viuvos porque não é todos teem patrões quem tem palmeiras aguenta sustentar a sua familia, outros ganham mais do que quem está

a trabalhar no patrão porque consegue tirar 20 ou 25 litros por manhã e cada litro tem o valor de 1$00. Isso é uma vantagem para nòs. Não acha? Os solteiros ou mesmo casados compram, por preço indicado acima se fôr onde é cortadas palmeiras e levam a sura e vão vender por 2$50 a litro a uns, que não teem meios de chegar onde é cortadas palmeiras e depois com o dinheiro compra-se comida e dispesa da casa, assim vivemos nos cà da nossa terra V. Machado nos anos em que calham grande fome. Agora começar proibir sura praticamente é assacinar o povo, bem quando o nosso chefe tem a ideia de dar comida essa gente toda de V.M.º agradeciamos bastante neste ajudamento quando não, aborrece o seu povo.

A sura é uma bebida que podia vender publicamente; e podia mesmo autorizar a licença de vender sura. Nós vendemos sura secretamente por vingança que hà, mas nòs desejavamos que agradecia mandar tirar o artigo que manda proibir fabricar e vender a sura e que não deixa tirar a licença de sura. S e é assim proibir beber, vender e fabricar sura, era melhor proibir vender vinho aos todos indigenas de Moçambique e só mandar vir suficiente que chega para os brancos que foram autorizados fabricar e vender tudo quanto quer.

Narro a vida dos cantineiros desta área de Mugeba que estão isolados ao mato na pequena povoação de Mutoe. Ao centro desta povoação há cinco lojas onde se vende o vinho. Em todas as lojas o vinho é misturado com a água como no ano anterior e além disso não têm medidas certas usam daquelas de 3/4 do litro. Nós desgostamos bastante porque quando bébemos provoca-nos dar da cabeça pois que é muito veneno. Não é para ofender alguém é que têm prejudicado os nossos bolços

em vão. Os habitantes da Regedoria do Minhote, Mua, etc; choram tanto pensando rios de dinheiro que tem gasto. Amigos cantineiros as bebidas alcoólicas invenenada ruina-nos a saúde por conseguinte não as devemos utilizar. Se nós quiséssemos de comprar a água cada qual procuraria o lado onde se acha um caudal abundante de água doce. Numa certa altura ouve-se grande alarido no loja do Sr. Gomes com um freguês que queria saber a razão porque se põe a água. O cantineiro fez-lhe as mais disparadas interrogações a qual dizia tu és chefe tu és polícia administrador de lamentar-se quando vinho está misturado com água? Por fim trouxe-lhe uma vergonha resposta disse o preto não pode lamentar-se quando o vinho está misturado com qualquer líquído porque merece-lhe. Mas como eu não percebo bem o preto não é carvão ou tinta com que escrevemo-nos nas folhas? Na minha intenção julgo de que somos africanos aqui em Mugeba há Senhores europeus que sempre purnunciam este nome como já se disse aviso de não continuarem. Então por termos a pele preta é pecado? Não temos almas mortal como vossa? Mas eu sou um rapaz que não gosto tolerar no meu coração porque os cantineiros desta área absolutamente não tem respeito por isso desejamos para que seja abolida essa cólera. Ainda há outro obstáculo além do vinho todos objectos são vendidos muito caro não se encontra de pouco preço.
Segue sempre a razão e uns agrades e outros não.

Leitor de V. A., natural do Mutuáli e residente em Nampula.

Venho expor a V.Ex.ª o seguinte:

Temos no Mutuáli, duas cervejarias; uma delas, um fraguêz compra o seu vinho. Com a intenção de tomar ali na cervejaria tão sossegadinho numa mesa e sentado numa cadeira, é obri-

gado a sentar-se em qualquer ponto que queira e não nas cadeiras das cervejarias como têm feito as outras nos diversos locais da Província. As cervejarias do Mutuáli, em vez de se darem um copo limpo a um fragues de vinho para lhe servir, eles dão uma lata de leite vazia e o fraguez coitado, num cantinho com a garrafa de vinho e uma lata vazia de leite como copo, toca a servir o seu vinho.

Mais informo V.Ex.ª a título de curiosidade que, frequentes vezes tenho notado que as cervejarias do Mutuáli, um fraguêz de vinho basta estar com a cabeça tonta, originado, portanto no vinho, eles próprios vendedores de vinho, em vez de lhe mostrarem um caminho da sua casa ou seja: em vez de lhe dar uma pousada mesmo sofrível, começam por esbofetearem aos fragueses de vinho, o que no presente momento é vício bastante grave.

Por isso, é nosso desejo: se as cervejarias do Mutuáli, tivessem cadeiras e mesas para autóctones. Se as cervejarias do Mutuáli, tivessem copos próprios para vinho, pois com essas latas servidas de leite e que nos dão para servir de copo para vinho, é um vício a combater.

Exmo. Snr Director da voz Africana peço grande favor por amor de Deus nosso snr que morreu cricificado para o bem dos homens que somos ingrato para ele.

Estou pedir para responder o menino da escola de Mexenine. Meu querido menino neste mundo não há dinheiro para nós os pretos só para brancos e mulatos.

Eu estou trabalhar numa casa sou casado com 4 filhos e tenho mais de 4.ª classe na mesma casa trabalha um Saloio sem classe e ganha o dobro do meu vencimento com direito casa eu tenho casa alugada, prêto no mundo portugues não tem valor o que tu dizes sôbre a cidadania que hoje esta para toda

gente até as galinhas isto é uma tampa para o prêto se és assimilado não ganhas como assimilado mas o Saloio vem lá donde vem ganha o triplicado dum estudante prêto e se falares vai prezo pela PidE tudo pela nação nada contra nação nêste mundo não há nada para o prêto se estamos na tropa prêto come doutra forma branco doutra e estamos para defender a mesma bandeira se vou trabalhar na polícia eu que fui cabo noquartel vou rondar sem pistola com perigo da minha vida pelos bandidos e ganho 600$00 e fico há 7 Kilometros da cidade o saloio que nem cabo foi mal fala a lingua portuguesa nem casado é, ganha 5.000$00 e vai na rua arumado só para vir ver eu se estou alerta ou não.

Meu menino neste mundo só há propaganda e ameaças e mortes nos calabouços há prisões neste mundo nem deixam entrar os padres para poder falar com cristãos dizem que no nosso governo não há distinção racial isto é pura mentira não há no beber e nas nossas filhas mas no trabalho no Salario ha grande diferença.

Todo o preto tem que chorar para pai do Ceu que ele não tem escolha assim como os padres não tem distinção de raças a Santa Igreja não tem racismo como Deus não tem racismo o rico morre pobre morre a justiça é mesma paraizo ou inferno portanto nós os pretos temos que chorar ao nosso pai do Ceu que é Deus nosso Senhor que veio neste mundo para nos Salvar não como brancos que veio nos Salvar para nos aproveitar São parasitas. Deus não quer nada com nosco so quere o nosso amor com ele e com toda a gente. Em nome dos pobres pretos Peço que publique esta carta no vosso jornal pelo amor de Cristo Amem.

Um Macaebuse (de Nacala).

Senhor Director, triquilamento interrogar a V.Ecias das coisas que passa, no clube do Ferroviário de Nacala-Porto; conhecido o clube por nome de Buaró. No referido clube não deixam entrar qualquer Áfricano, mesmo que seja cidadão. O empregado do Bar, costuma falar de que quando se trata do preto, é preto até morrer; não tem direito de entrar no referido Clube. Um belo dia, chegou os meus patrícios com destino a Lourenço Marques comprir serviço Militar; como no hotel estava cheio dos clientes. Foram no Clube Ferroviário disseram que não podia entregar preto uma cerveja enquanto não é sócio do Clube. Nas tantas apareceu um branco, que não faz parte do sócio foi logo serviço. Agora interrogo a V.Ecias que onde vamos arranjar o nosso Restaurante a não ser próprio que é nossa também? V.Ecias Agradecia a conjugação da referida convertação; e pôr nos do melhor que o povo Nacalense passam estar satisfeito

P. A. Cumbe, natural de Inhambane e residente na Beira.

Era uma vez, no dia 12 do corrente mês, quando saía eu do serviço, ao meio-dia, fiquei assustado por me ver tocado de algumas gotas de água quente às costas, no corredor da «Cadeia Civil», frente à Central Telefónica; e quando ergui a cabeça olhar para cima para ver onde vinha a água quente, (neste sítio tão plano), mais uma vez fui deitado água quente. Afinal vinha ela do 1.º andar daquela «CADEIA CIVIL». E, quando procurei saber a razão porquê, soltam-me fortes posturas, (até difíceis de descriminar), insultos, palavras ofensivas da natureza humana, (entre o filho e a pessoa de quem nasceu este), acompanhados com a palavra «PRETO», posturas essas transmitidas por um Snr. que se encontra detido naquela cadeia. Mas que culpa teria eu?! — Nenhuma... Mais ferem as más palavras do que as espadas afiadas.

Nisto então, pedimos que essas acções não voltem a ocntecer por mais uma vez, porque quem é culpado, o é por suas causas.

Mesmo que não seja acusado duas vezes segundo se diz, mas não pode vingar-se daquele que por causa dele não é acusado, mas por acções do seu coração. Às autoridades daquele estabelecimento do Estado, pedimos com respeito o favor de chamar a máxima atenção àqueles homens (brancos e negros) que não façam assim; — acrescento — resumindo, — quem me deitou água sobre as costas, não é um africano, mas sim um europeu; e deu-me posturas em língua africana (machangana) que não sei onde teria aprendido o (machangana) só para dar posturas.

Quem está de mal não deve querer mal aos que estão de bem por inveja.

Creio que para diante não voltará a ser assim. E por fim termino por dizer. (A ferrugem tem menos acção sobre o ferro do que o vício sobre o coração).

7

A VIDA NA TRAGÉDIA DO DIA A DIA

Foi apanhado um Soldado no passado mês de Fevereiro do corrente ano, um soldado misto que se perdeu durante 8 dias no mato sem comida e apenas trazia fardas militares e botas.

Uma mulher viuva, da povoação do chefe Nipuamua, que se encontreva na varanda da sua palhota, a tratar hortaliças para o jantar dos seus filhos.

Então, és que lhe apareceu tão fraco e tão famido, com seu bordão na mão e curvado como se fosse um velho. Mal chegou na palhota, encontrou umas aboboras cruas e logo pôs entre os dentes a mulher correu para casa vizinha a chamar o marido da companheira para saber o caso. O homem veio com pulos de metros e meio; logo começou com as seguintes perguntas: de onde és tu? de onde vens? já não aguentava a falar, que estava completamente famido. E deram lhe aboboras cozidas e «MUSSUNGE» a farinha cheia de água abriram-lhe a boca meteram-lhe tudo e engoliu as. Já começou a balbuciar.

O caso foi apresentado aos Cipais especiais que se encontram nesta área, e logo foram a conhecer quem era.

O infeliz soldado que tem por nome José Augusto Helena, confessou-se de ser natural da Zambézia em Maganja da Costa; a quartelado em Marrupa rio Macequesse.

Os Cipais entregaram aos militares a quartelado em Muapula e estes o levaram para Maúa.

F. C. Cudunguza, casado, 28 anos, natural de Sena, residente na Beira.

Sr. Director, eu desejo que na Munhava[1] estejam uma retreta publica porque os habitantes de Munhava houvem muito dificulidade por falta de retreta, se pusesse duas retreta não era mal.

Principalmente as mulheres sofrem muito. Sabe V.Excia as mulheres da Munhava quando quiserem satisfazer uma necessidade?

Elas levam papeis e vão no quarto deles e depois elas põem papeis no chão para satisfazer uma necessidade sobre os papeis, e logo a noite elas vão deitar fora, mas assim é justo? Não sabe que porcaria é que faz doenças?

Um dia encontrei um homem a cagar no quintal mas este homem estava embriagado, e depois eu perguntei-lhe, assim: é pá é aqui que se caga? Ele disse-me assim:

Vai-te embora, vai chatiar a sua mãe. É por isso estou interceder V.Excia para publicar no Voz africana para nos podermos ter a retreta.

Agradeço pôr as letras maiuscula primeiras palavras.

J. X. J. Ecunhorucunua, professor, casado, 24 anos de idade provável, natural de Miala, morador na área de Mana.

...Pois ao indígena africano possibilitou-se relatar e expôr as suas dificuldades e sentimentos internos e externos.

[1] Bairro de lata, na periferia da cidade da Beira, exclusivamente habitado por africanos.

Ora bem, o caso que me obriga a escrever esta carta, é o seguinte: Ao ler e reler a carta do Senhor Domingos Miguel Estácio, para bem dizer a resposta, publicada na página 7 «Escrevem os Leitores» em 31/8/63, fiquei-me cabisbaixo e pensativo alguns tempos mas por fim achei a consolação muito óptima, por saber que há africanos que não devem, e há também que devem muito aos professores.

O senhor Domingos é bastante agradecido pela sua resposta, até aos que não são professores.

E eu por minha vez, quis mostrar o senhor Domingos com um especial agradecimento respondendo a sua carta, e ao mesmo tempo pedindo muita desculpa que para o Snr. Cantifla baste com o que relatou.

Estive pronto para responder eu também, mas até aqui muita pena dele; e acho que agora deve abrir os olhos em juizo.

E quando aos senhores Professores, humildemente venho aos vossos pés, tocando as almas especiais pedindo o perdão para o ofensor. Lembrando nas palavras do S. Evangelho, (quem perdoa será perdoado).

E assim, a todos os senhores Leitores deste jornal, juntos connosco vamos numa só voz... Perdão (amen).

Assim como Jesus perdoou aos seus pregadores sem ser preciso, assim também devemos nós ao Senhor Cantifla.

Não esqueçamos aquelas poucas palavras que dissemos no Pai Nosso; (perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido.

E assim como a tradição indígena diz: (omuakula Piliça eri enenerio yokuela omutchara); isto quer dizer: responder um polícia é sinal de querer seguí-lo.

E como alguns responderam o Senhor Cantifla, eles fizeram muito bem; e as suas respostas até para todos nós, chegam, e não vale a pena responder-nos mais.

Porque vejo que se respondermos sempre a ele nada aproveitamos, e ao contrário perdemos o tempo. Calculai irmãos leitores: eu sou a migalha dos snrs. Professores, e fico numa escola com um companheiro João o qual, é catequista da mesma, e para à missão há 7 Km.

E o meu horário é assim:

Das 8 horas par 13 e 20 horas, cumpro os meus próprios deveres de professor; e das 14 para 17 horas dou aulas nocturnas aos meus 26 alunos adultos.

Para tal, não topo nem $10. E o caso é sabido pelos meus superiores.

A mesma obra de misericórdia se fosse feita por todos os senhores professores que têm o suficiente tempo para tal fim, daqui a pouco seria menos a brutalidade. Os ingnorantes de boa vontade, tornar-se-iam homens. E peço desculpas que não seja o que diz, uma asneira.

E. Pilali, 18 anos, natural de Nacala e residente em Fernão Veloso.

O que sonhei de noite para escrever hoje no dia 13 de Fevereiro em 65 é o seguinte. Aqui na minha terra em Nacala Porto quando vejam alguém indo para escola todo o povo vai rindo-no, e estranhando-se nele. E dizem assim: Amigos, olhai aquele doido tão grande vai para escola, o que quer afinal: E aì não dizendo tão grande sendo um de 12 a 13 anos. Mas esses têm razão de dizerem assim porque esses já acustumaram que um rapaz basta só ter 10, 12 e 13 anos de idade obrigam-no para preparar do casamento. Por isso que estes aqui não gostam de mandar os nossos filhos para escola. Mas uma coisa Senhor Director: O que vale um garoto de 12 e 13 anos para preparar-se do casamento?? Mas eu já sei porque é: É por falta de moral. Nisto admiro cá na minha terra. E esses rapazes que preparem de casamento não vão para vossa custa. São emprestados o dinheiro 500$00 pelos pais. E depois de um

mês já não têm nada de dar a mulher. E enquando vão ter 20 ou 19 anos, é que eles vão pedir o serviço aì no Senhor Abilio Magalhães e aì aproveitam receber por mês 150$00, e vão juntando aquele dinheiro até chegar 500$00 e vaì pagar aos pais, daquele dinheiro que tinha sido emprestado para casamento. E aì enquando mulher já fugiu. Porque a mulher ali, a vida era sofrimento só, uma vez que não comia nada. Mas o que é que a mulher devia comer se o marido nequele momento vivia para a custa dos outros? No entanto nessa terra, o que nos mada é a inculteza, que não queremos saber a instrução. Porque se soubessemos o que é a instrução não teriamos de fazer essas coisas tão, enevrgonhadas. Não é verdade meus amigos leitores isso que estou vos dizer? Meus queridos leitores, vocês hão-de rir neste jornal até que vos chega. Nesta terra eles o que querem é ensinar aos filhos, o serviço de bebídas, e fumando tabaco, numa coisa assim parecida com um cachimbo, que eles chamam pukili, o principal nome dessa coisa é o Enhuqua. E assim fazem com recabunantes ao lado com os filhos atrás a mulher afrente indo nos lugares onde há lucidas, ou danças, as bebidas desses é alcoól, muanzo, nivinho yokunazi ni-vinho-yokazu E nos batuques desses, é no renqueia, no mukuelo Onthahurani, otholokini, omuatekeni, onssiripuitini nu-walaika-ne, nesses batuques são mais amigos deles. E outra coisa eles quando vejam um rapaz mais estudioso, não gostam dele, preferem arranjar qualquer maneira de matar-o. Se não matarem vão falar aos chefes das povoações para ir aprender nele levar para qualquer parte ir ser um trabalhador qualquer dizem que não pode gingar na vosssa terra. E uma coisa que esses não gostam de mandar os filhos para escola, dizem-que não pode ir baptizar, e por fim nunca viram nenhum dessa terra sendo intrepete. Para esta vez não acabo contar porque não estou muito contente, faleceu-me a minha sobrinha, de nome Kuhuyara Rakibo, foi no dia 29 de Janeiro pelas 20,30 horas E enterram no seguinte dia 30, domingo as 12,30 horas.

Xaxier dos Santos Meneses, Hospital da Missão Santo Condestável, Alto Molócué.

Senhor Director; hoje faço cumplicidade da linguagem Africanos. Rogo V.Excia de anunciar a minha notícia acontecido no dia 2/1/1960 que é o seguinte; Esteve hospital José Martinho Sancho com o filho doente, de noite apareceu Leopardo foi no galinheiro, que contava 48 galinhas, o animal matou 44 galinhas e ficaram 4 o homem ouviu gritos das galinhas, veio-me agordar era ás 3 horas madrugada eu fui, abri a capoeira encontrei 4 galinhas fiquei muito admirado por ter encontrado só 4 galinhas.

Fui avisar Irmã enfermeira me disse vai chamar o guarda da Missão ver se encontra quem foi que roubou as galinhas. Chamei não respondeu nada fui aprocura do caso nunca encontrava toda a parte da missão nada só encontrava tripas espalhada. Ao nascer do sol por ai 6 horas veio José M. Sancho e dois rapazes um tinha uma regua na mão de meio metro comprimento pedi o rapaz me deu. Procurei num muro do muchem lá encontrei Leopardo fugia e eu ia sempre atrás dele. num momento escondeu-se eu não sabia onde tinha escondido, quando viu me o animal levantou morteu-me a mão direita até por outro lado eu com a mão esquerda dei uma reguada na cabeça e queria levantar não conseguia, os amigos tinhão fugidos como eram fracos. Fui a missão avisar os missionários quando eu falava matei Leopardo ninguém acreditava dissiam mentira só quando mandaram os homens a buscar do animal. E eu fui me tratado da mão furada. Desculpe os senhores e senhoras leitores o tempo pertido que vos roubei.

Assim termino. isso é uma verdade certinho

A. R Tenho, 34 anos, natural do Alto Ligonha, residente no Gilé.

Por caso que me levou para pintar esta carta é o seguinte. Não estou perter a respeito da minha Professora mas sim estou como quis publicar senão dela

Eu sou um homem de 34 anos de idade provavel mas nunca ofendei os mestres. por hoje é pela primeira vez que venho pedir alguns conselhos

Nos cá do Gilé temos uma Professora europeu que ensina os meninos desta localidade do Posto Gilé. Depois o que venho perguntar é que a Professora convidou os homens para ensinar agora cada mês ensina 3 dias e manda descansar sem a vontade dos estudantes agora assim é justo? Todas as escolas nocturna onde aumentam os homens os seus estudos é assim? Apena somos 24 homens e mandou os nossos nomes para o senhor Director para dizer que cá tenho mais 24 homens para escolar a noite agora não nos ensina só enganou o director das escolas e ganha de graça não ensina de noite os homens grande

Meninos Paulo Eugénio Guereia, Zacarias dos Santos, André Selimane, da Escola Primária Oficial de Entre-os-Rios, Malema, naturais da aldeia de Nataleia e residentes em Malema.

Temos na Escola o nosso amigo cujo nome é Bernardo da Silva Sevene natural de Murralelo, que veio a Vila de Malema em 1965 com desejo de ficar na casa do seu tio Vasco Sabuquene e estudar. O seu tio lhe recebeu bem e deu-lhe um quarto para dormir. No dia seguinte o senhor Vasco foi ter com a senhora professora que lhe disse o seu sobrinho havia de estudar. Mas passados alguns meses a senhora professora deu-nas as férias de Natal do ano de 1965. Quando viemos

todos começar as aulas, o amigo Bernardo ficou poucos dias, e começou a dizer que o seu tio tratava mal, e construiu a sua casa onde vivia sòzinho. Mas dali o amigo roubava as galinhas do seu tio e seu tio quando recressava do trabalho, o rapaz ia contar-lhe que tinha aparecido um milhafre e matou uma galinha e foi-se embora com ela, o tio sem saber de nada dizia que tinha má sorte. Ele era muito desconfiado pelo seu tio, porque o tio sabia que não era nenhum animal que apanhava as galinhas por isso desconfiava sempre do Bernardo. Mas nós que estamos contar não sabiamos se roubava, e a verdade sabemos no dia 19/3/67 o rapaz tinha furtado um galo e a mulher do Senr. Vasco descobriu-lhe e foi contar ao marido, que este à noite foi ter com o menino Bernardo e pediu-lhe o caril e ele disse que não tinha e perguntou-lhe se não tinha roùbado o galo e rapaz ficou com vergonha e não respondeu nada. O tio recomendou-lhe que levasse as suas coisas e dirigisse na sua casa onde veio, neste momento o Bernardo encontra-se fora da sua casa onde vivia. E foi dito que voltasse antes de aulas para arranjar outro local. Isto aconteceu nestas férias de Páscoa. Não é só o Bernardo também há um menino chamado Pedro Joaquim Nicoute o aluno muito mal educado encontra-se nesta Vila de Malema. É um rapaz que gosta muito de lutar com os outros, é mentiroso e é ladrão. As suas famílias não lhe dão roupas mas ele sempre aparece na Escola muito limpo, e com materiais completas. Nós não estamos fazer pouco dele o que estamos contar na carta é verdade. Olha amigos leitores umn certo dia ele roubou a caneta do menino Mahomed Hanif e o menino foi queixar-se ao senhora professora que esta disse que o Nicoute se não entregar a caneta mandava-o ao chefe de Polícia. O rapaz ao ouvir isto no dia seguinte de manhã foi entregar a caneta ao dono. O Nicoute é um menino que não tem vergonha de roubar as coisas dos outros. Senhores leitores assim é bom roubar as coisas dos outros como fazem esses meninos que passam a vida de roubar? São rapazes que não mereciam roubar. assim eles estão pôr nota os seus nomes a quem vêm a eles dizem que aqueles rapazes são ladrões.

Benjamim Bonongue Vicente natural e residente em Vila Fontes.

No ano de 1947, ano em que estava como Administrador deste Conselho o falecido Senhor, José Estêvão Correia, eu e os meus pais morávamos na Ilha, situada a margem do Zambeze.

Por motivos de aquela Ilha se inundar todos os anos com as cheias do Zambeze, resolvemos mudar para o sitio alto, isto é, cá no Chandimba onde actualmente residimos, mas o meu pai resolve agora voltar para a mesma Ilha.

Não sei como resolver o problema pois cá onde estamos também há muitos porcos selvagens e macacos que dão cabo das machambas.

E na Ilha quando é na altura das cheias do Zambeze, como agora o rio está a encher, está a Ilha inundada, ficando apenas uns sitios altos, mas quanto as machambas já se considera algumas perdidas.

Não sou sábio nem bruto sou, mas a verdade é que em minha casa gosto e exijo o maior respeito.

Há dias a minha mulher quis armar-se mas eu não tive meias medidas, dei-lhe sovas que ela ficou furiosa que nem uma barata, mas o castigo mereceu porque ela quis fazer-se de esperta ou sábia mas eu sei ver as coisas e compriendo.

Cá em Vila Fontes está sempre a chuver e o rio Zambeze a encher,

Senhor Director, Há cá uns Senhores que andam na rua de pijamas não acha o Senhor Director e os meus caros leitores que isso é feito? Isso não é civilização.

A. Mutemba Machava, 34 anos, natural do Búzi e residente em Macua.

No dia 11 de Março, de 1967, foi realizado o casamento da minha sobrinha, Amélia Jacob com o Sr Armando Zindava.

O qui sentiu é issos, a minha mulher foi premeiro que chegou no casamento, eu fiquei alguns minutos na minha casa, depois quando.. a cabei de fichar as minhas portas da minha casa,

Peguei atorizada foi a traz da minha mulher, Quando cheguei no casamento Sentiu o convuzão da minha mulher com uma mulher que ela a minha amiga que eu deu prenha, até fez motivo até eu consigiu pagar 1500$00 o pai dessa mulher.

Quando eu sentiu esse barulhos, eu disse aminha mulher; Olha eu não quer que tu fassem barulhos a qui porque esse casamento em da minha sobrinha também é a tual E depois eu peguei na mota foi numa loja que-se chama chicorenama quando eu cheguei na loja demorei 2 horas do tempos estive com meu tio Abel Salomão e depois voltei para o casamento, antes de chegar ouviu o barulhos; eu preguntei o que estava no casamento.

Eles disseram é a quela puta que comessara bater a tua mulher ela disse que cuspiu ao pé de mim, por isso que bateu ela. Nesse momento o pai da puta e a tia dela e a irmã dela vinha todos contra da minha mulher, aminha mulher não sabia nada que esses gajos vêm-me bater ela estava com a criança de 5 mesês no colos até o miúdos sutem estive em 3 dia doentes.

Venho-me preguntar o Sr Director que esto está em Justo uma amiga pode mater aminha mulher? Sendo eu paguei ao pai dela 1.500$00! Se fosse aminha mulher que comessaran bater esto tinha rasão não é a puta veu bater aminha mulher nostá em Zusto.

Quando eu zanguei para bater ao pai da puta seu não fosse o meu ermão Zacarias ela para bater todo. Termino.

Esses gajos que fizeram barulhos eles que nos somos não bebe por quando os gajos bebe muito.

Raimundo António Lopes Solemane, 27 anos, natural de Marrupa e residente em Maúa, Professor.

O pensamento que me levou a escrever esta carta é seguinte:

Venho contar uma história que me aconteceu desde a minha nascenssa, em 1950, é o ano que comecei a estudar a escola de Nossa Senhora de Fátima em Marrupa. E no ano 1952 o meu pai comprou uma enxada para oferecer avó chamada Biti-Asani, esta avó em vez de agradecer foi falar com amigo do seu marido de que a companhasse no monte Nacherenje de ir louvar para minha neta morresse pelo Leão, o homem como é mau disse vamos e assim quando lá chegaram louvaram. Como eles queriam; ficamos 3 dias e veio um leão atacou a minha mãe e ficamos durante uma semana a mãe faleceu, fez assim porque minha mãe estava proibir a tia dela casar-se com um homem chamado Macoroncua, é por isso que arranjaram maneira de matar a mãe.

E ficamos um ano e começaram a falar deque aquela mulher fomos nós a matar.

E no ano 1959 meu pai também faleceu, Assim é bom o Senhor Director, matar uma pessoa que te faz o bem?

A. V. Tamela, casado, 32 anos, natural de Alua e residente em Nacala.

O motivo que me leva escrever esta carta é o seguinte:

Em 1965 fui admitido como professor duma escola, à 15 Km da Missão de S. Mateus de Mirrote, e naquela Missão encontra-se um professor da Sede de nome Cipriano Baltazar, esse tinha muita vingança comigo e outros caros professores daquela Missão.

Ela pedia muitac vezes ao Senhor Padre Superior para que me tirasse do lugar ou fora do Serviço devez, e como não houve razão, Senhor Padre deixava-me lá.

Um dia zanguei com minha esposa, por uma falta que ela tinha cometida e ele chegou de ouvir e foi queixar ao superior a dizer-lhe que eu queria matar minha mulher, enquanto não era assim

Senhor Padre superior quis procurar saber primeiro, e encontro mendiras.

Cada vez que ia a Missão apresentar sr. Padre superior dava-me compostura. Fiquei bastante admirado, sendo eu um rapaz que nunca perdi respeito com os meus anos nem colegasl nesse caso fiquei 2 dias e 2 noites a pensar como e que aquel homem sempre caça de mim. Antes de desgraçar a minha vida, resolvi deixar Serviço e deslocar da área, que hoje encontro-me empregado como C/M auxiliar da secção do Cais Porto dos C.F.M. onde trabalho alegremente.

Agradecendo desde já o favor, Senhor Director e meus bons leitores deste jornal dizer o Cipriano Baltazar o que está fazer não é bom; e perguntar quanto deixei o Serviço o meu ordenado ficou para ele?

Binha Chicuatule Calimaunbondo, 22 anos, natural e residente em Chimoio.

O motivo que fez-me garatujar este bilhetinho é o seguinte: Sr. Director ? cá no chimoio há duas lojas um do Sr. Fonseca e outro do menino Rallgeni: Este sr. Fonseca tém o mau educação de andar a bater os fragueses uma pessoa quando vai na loja dele comprar vinho quando engrossar ele leva régua grande que não se diz até rachar a cabeça duma pessoa, Sr. Director ? isto está justo ? uma vez ele é que vende vinho

para os fragueses e depois começa os estragar, eu escrevo esta carta é para ver se o sr. Director resolve um problema deste sr. Fonseca sair daqui é capaz de matar muitas pessoas que lá vão fazer as compras até este sr. tem o costume de andar nos povoações a intrujar as pessoas para levar os cabritos deles, en casa dele tem 180 cabritos de entrujar isto está justo Sr. Director ? um Europeu pode fazer isto. Sr. Director ? resolva um problema de Sr. Rallgeni de não sair daqui no chimoio porque ele é um bondoso quando lá vai na loja dele vende melhor todas coisas o preço da Vila Pery, ele é um bondosissimo, eu estou aqui no chimoio a 2 anos nunca lhe vi a dar porada uma pessoa, Até o Sr. Fonseca no dia 7 de 3 deu porada um homem chamado Joaquim que trabalha na firma do Sr. Autues foi rachada a cabeça, o homem como ele é bruto ne se foi queixar até, por ter mêdo do Sr. Administrador 4 mêses na cama. Não é ele só muitos que são estragados por ele como são burhos nem dão a queixa até na loja dele não tem coisas de 5$00 só encontra de 7$50 para cima um pão está a 5$50 na Vila é 3.00 cada pão, sr. Director

D. A. Jahar, 29 anos, natural e residente em Quelimane.

É uma grande tristeza sobre a minha vida. Vivo com uma mulher na casa chamada Rosa Ossifo, e estou sem mãe, o meu já muito velho que precisa de alguém para lhe sustentar, e coitadinho do filho encontra-se desempregado há 5 anos. Meti dois recrementos nos Caminhos de Ferro em Quelimane, mas não deram respostas satisfátórias Os quais recrementos eram preciso dinheiro que havia de servir a minha despesa por fim vir dar respostas insignificantes, é um grande choro para mim.

Sr. Director: o pior, fui pedir ao nosso Engenheiro da Câmara sobre dois lugares que lá haviam como ajudantes de

jardineiro, mas logo mandou-se meter papeladas que me custaram 24$00, e fui metê-las. Ùltimamente onde ele me disse que união podia entrar. Veja lá isso sr. Director; o dinheiro pedi — emprestado, porque esperava qualquer coisa, e dono agora anda-me a colocar já não tenho meio. É um tesouro para a minha vida. Assim: pedi pelo menos para que me admitisse como servente com 3.ª classe, mas não foi capaz.

Passados 12 dias depois, encontro o lugar ocupado com um outro que veio entrar depois de mim. Com isso fiquei muito chatiado com a minha vida.

Encontram-se na cidade Quelimane centenas de rapazes desempregados com 4.ª classe, 1.º 2.º 3.º 4.º ano. E os outros saberem ler e escrever a ganharem bem. É um tesouro.

Entre os europeus ajudam-se, empregam sem saber nada. Isso mesmo fico sem saber porquê.

Desculpe sr. Director é porque custa-me arranjar uma caneta de 10$00, não é escrever-lhe com esferográfica. O papel tirei do meu caderno, o envelope pedi ao meu amigo, bombeiro da C. da Zambézia, e o dinheiro dos correio era para despesa, mas sacrifiquei perdi almoço um dia.

Se eu também pensar de ir aos estrangeiros fico mal com as autoridades não tenho maneira Sr. Director.

No dia 8 de Maio deste corrente, chegou o nosso Amigo e assinante deste Jornal «Voz Africana» de nome Mário Garcia dos Santos de 34 anos de idade, Casado, natural de Posto Macuse-Quelimane, vindo de Nacala-Porto onde esteve a trabalhar, chegou no Sábado de Combóio nesta Cidade de Nampula, no domingo foi convidado a almoço na Casa do seu íntimo amigo de nome Avelino da Rocha Ribeiro Cabo da Companhia Militar e Sua Esposa D. Adelaide Aguacheiro da Rocha Ribeiro, Locutora da «Voz de Moçambique» Rádio Clube de Nampula, e chegou o seu amigo também de nome Paulo A. Cardoso Funcionário da Força Aérea desta Cidade, Todos em três pessoas em

almoçar, logo apareceu um miúdo de nome Francisco, natural de Mogincual, criado do Alfredo Muazula, natural de NACAROA e residente em Nampula, vizinho do Sr. Avelino, o rapaz roubou-lhe a pasta da mão do Sr. Mário Garcia dos Santos, que continha 7 notas de 50$00, que são 350$00 e mais outro dinheiro em moedas, junto os seus documentos da cidadania, um par de Óculos, uma esferográfica e dois lápis de cor, foi entregar o seu patrão Alfredo Muazula.

Depois do almoço o Sr. M.G.S. procurou a sua pasta, disseram-lhe que quem roubou é o criado do Alfredo M. o homem que tem a cantina que vende vinho bebidas naturais que é Cabanga.

O Sr. M.G.S. foi logo imediatamente perguntar o criado do referido; ele respondeu que sim, a pasta está com o meu Patrão é que guardou el não está cá só amanhã.

No dia seguinte numa segunda-feira o Sr. M.G.S. foi naquela cantina encontrou o referido Patrão tirou?a pasta, o dono verificou-a não encontrou o dinheiro, documentos, esferográfica, só encontrou um par de óculos e 2 lápis.

O dopo pediu muitasc vezes que dessem os restos das coisas, e o referido patrão não deu até hoje. O Sr. M.G.S. resolveu de ir à Polícia de Segurança Pública desta cidade, o recebeu um recibo da queixa N.º 279/14/5/64. O referido quando soube que O Sr. M.G.S. ia queixar, ele ficou a dar o exemplo o seu criado de fugir para a sua terra em Mogincual. A Polícia de S.P. mandou chamarem esse criado e o seu patrão, só apareceu o patrão, a dizer que o seu criado não está cá já fugiu para terra. A Polícia de S.P. tomou o conhecimento na terra do referido criado, para mandar uma nota de captura o o tal Gatuno, e tem muitas queixas na P.S.P. desta cidade por sobre da gatunagem.

Caros amigos ouvintes e Leitores isso acham-se ser rico é roubar de um da sua cor ? Justificam nem legítimo os meios pelos quais de executa a razão. Consideremos por exemplo, simplesmente as circunstâncias que a rodeiam tornam mais flagrante a contradição, as problemas dos negros ,isso é um negócio muito sujo.

É pena que dizem que somos civilizados sem saber pelo menos A E I O U... Vamos termos medo com os civilizados incorrigíveis; se eles soubessem alguma coisa, teriam vergonha de roubarem-lhes um das sua cor.

Agradeço-vos me responder esta carta, eu estou pronto dedicar o que me doi.

Desculpem-me todos os ouvintes e Leitores este meu traço que vos roubei o tempo.

Lino António S. Sacuzi, casado, 21 anos, natural de Vila Fontes e residente na Beira.

Senhor Derector eu hoje conto a miséria dá minha vida, no dias vinte e cinco de outobro recebi a carta dos meus pais a dizer que a suas esposa há cinco dias que está para dár a luz, mais não conssegue. senhor Derector, quando a minha irmá Maria ouviu que a suas cunhada há cinco dias para dár a luz, ficou cheio-o de pena com-a cunhada. Resolveu de ir chamar o marido para em fim-de ajudar os pais a levar a minha esposa ão Hospital. Embora Hospital há çérca de 6 milha da nossa povoação, a minha irmá Maria e meu cunhado Miguel e os meus pais fizeram a de maca de sacos e entres dois páus para poder pegar. Embora levaram com todo o cuidado-a rapariga prezemplo sairao em á cérca das 21 hora chegaram a Hospital a meia noite. Além-disso os meus pais resolveu de ir a cordar um dos emfermeiro para-se contar-o qué tinha acontecido, mais o emfermeiro disse-que a manha de manha a sua nórra está em sálvo, e assim os meus ficarão com todos a burecemento ce não que o emfermeiro fala de verdade. quando amanheçeu o a os emfermeira viéram.

Principalmente quando a emfermeira viu a rapariga que está encarvada, logo-a seguir a mandou-o chamar para o quarto e disse a minha mãe sai daque para fora. quando a minha mãe

saiu para fora atrás estáva a criança a chorar éra o nosso, filho. Quando a snra. emfermeira chamou-o a minha mãe, e a mãe quando iá entror e viu a norra sentada em cima de cama com a criança a mãe saiu foi ter com o meu pai e chegou-a dizer que a nossa nórra encontra-sí em sálvo o meus pai ficaram muito satisfeitos com a nórra.

senhor Derector, no dia 4 de janeiro fui de ferias a terra quando eu lá cheguei encotrei o meu filho em salvo, embora em fim desse 7 dias tomei a voltar a Beira, no dia 11 de feverenro recebi a carta a dizer que dá minha esposa a dizer que a criança encontra-se gravemente doente eu tive de pedir as patrões para deixásse ir outra véz a terra. Mais os patrões reçuzaram as minhas palavras e no seguinte mês recebi a outra carta a dizer que o teus filho faleçeu. senhor Derector hoje encontro-me desgraçado lagrima caem-me por este rosto de baixo choro, e pençando no filhinho que Deus.-me tinha dado.

E que distino não quiz, senhor Derector na minha terra tantas crianças que morre por menos dois três meses e mais ó que será. Embora naquela regiao morre tantas crianças, mais não-é falta do alimentos, senhor Derector, com todas a maçada que a minha esposa teve e a criaça caiu no caminho do do enferno, daqui para adiante hei-de a bandonar aquela região.

senhor Derector, peço o favor de me pubricar esta minha carta e por aqui termino as minhas palavras.

Bernardo Coimbra Alfândega, professor, natural de Tete e residente em Vila Gouveia.

Antes de predizer a notícia muito importante a mim e ao povo de Nhampassa, rogo a V.E.cia um grande benefício de me deferir o meu pedido e peço muitos subterfúgios pelo incómodo que passo..

Sr. Director:

Estou cá no Nhampassa desde 1956 até a data, vejo que a gente está morrer muito por causa das doenças e outra está se alejando com feridas, que às vezes transformam um Úrseras. Não podem caminhar a pé para Hospital por estar muito distante a 30 Kms. O Sr. Sequeira tem ajudado muito ao povo levando os doentes para o Hospital de Vila Gouveia. Muitas vezes tem saído para longas distâncias de 3, 4, 5, 10 Kms de noite ou de dia, para levar os doentes, que ele nem ganha um centavo e nem sequer uma galinha pela grande obra de caridade que faz a toda gente. O Senhor Pereira também tem nos ajudado com o seu camião, quando passa para Vila Gouveia.

Assim rogo a Deus que ajude muito a estes Senhores e os recompense a sua obra de caridade no fim da vida deles.

Cá morre muita gente e aleja-se, devido à falta do Hospital.

Por isso, rogo a V.E.cia em meu nome e de todo o povo que o Estado pusesse pelo menos uma Ambulância que será salva-vida de Nhampassa e de outros povos próximos daqui.

Tudo para bem da Nação Portuguesa.

Carvalho Chauma Dosse, 16 anos, natural de Nhamatumba e residente em Moatize.

O caso que me levou a escrever esta carta é o seguinte:

Eu aque ando na 3.ª classe.

Eu por aqui estou muito costipado.

A minha mãe esta sofrir por causa de que nãosabe escrever, e ela gosta de me mandar ir a escala disse para ser Jornalista.

E eu pedi o meu professor para me dar 50 menutos para escrever uma carta para o nosso Director. Eu tenho pouco estudo.

Eu, aque no Moatize tenho 8 meus irmãos primeiro Vitoria, é professora António Eduardo Joaquina etc.

São os meus irmãos, o meu tio disse quando tirar 4.ª classe: o seu serviço sera mecánico e os meus pais disse o meu finho quando tirar 4.ª classe vai trabalhar no serviço de carpinteiro, mas como isso tudo não quero quer ser o meu trabalho de chofer:

O meu pai tem 35 anos na companhia mas recebe 300$00. Si eu ser um homem grande de 21 anos trabalhar a serviço e dizia o meu pai para sair serviço, daria eu tudo despesa para o meu pai.

Mas se como eu sou aluno da escola não posso fazer nada deixo o meu pai sofrir sempre

Nhamataca Bvula, 58 anos, casado de usos e costumes, natural e residente em Moatize.

O caso que me levou a escrever é o seguinte:

Cá Moatiza temos 2. lojas que se encontra no mau estado; uma dessas que é do monhé Gande, é que, se uma pessoa quiser comprar alguma coisita de nada que não se ocupa nem 15 centimetros do papel para embrulho, mas nada aceita para embrulhar, principalmente há um filho do monhé que tem 13 ou 14 anos de idade, se um fraguês comprar uma coisita que necessita de embrulho nunca acredita costuma se dizer que não há papéis para embrulho enquanto estão escondidos atrás do balcão para tirar depois se aparecer um fraguês europeio. Então senhor Director nõs todos não somos pessoas? Somos animais selvagens ? Porque é que essa loja nos procede assim? E nesta loja quem vão lá fazer as compras só são Angoneses, isto é, a gente da Angonia que se encontra a trabalhar na Companhia Carbonifera M. ao passe os civilizados já não vão

aí tem ido às lojas onde são considerados. No futuro, nesta loja há-le falhar com os seus negócios. Assim como outra que é do monhé Belamia este vendeu a tempo no mato mas a sua vida nada se adiantou, neste caso então resolveu mudar as coisas para outra loja de Matundo ao pé da cidade de Tete a ver se adiantasse com o seu negócio, mas sempre é de maneira simples, nada percorreu bem a sua vida e nesta loja que está no Matundo ele pagava como rende, apesar de pagar só a renda da casa tinha que pagar também a voltagem de eltctricidade, com isso então fazia muita saida e nada mais entrada. Por conseguinte, pôs-se através no pensamento de que continuasse com a sua loja antiga onde actual se encontra. Snr. Director e snr. Leitores, sabem porque é? É por ser as coisas que se encontram nesta loja, são podres, isto é, tem as peças de muito tempo, o tipo pode comprar hoje durante uma semana já está arrasca em ferrapado, alémde vender essas coisas podres em barata ele vende-as por muito cara e ninguém lá vai a comprá-las. Mais uma coisa, os sicristas de cá Moatize não andam nada com papéis nos caixotes de pães só c/pães, mas assim se encontrarem com uma pessoas que tiver mãos em sujidade como fazem? Snr. Director Cá Moatize temos uma grande vila com certeza só apenas não temos a parte onde que nós poderíamos vender as nossas coisas isto é, poderia haver uma casa tão grande para servir com bazar do Governo, qualquer pessoa que tiver o seu negócio ia para lá a vendê-las.

Contando que haveria a paz no Moatize. E nesta casa a gente poderia vender: hortaliças, tomates, laranjas, papaias, pepinos, melancias, bolos, doces, peixes, galinhas, cocos, bananas, tranjalinas abóboras, ovos etc... Com isso toda gente de Moatize ficava muito alegre.

Favor de me responder também se isso é bom ou mal!

Adelino A. Franco, residente na Beira.

NÃO ESTÁ BEM!

Num dos primeiros dias deste corrente mês, dirigi-me à Manga em passeio, vi numa loja de um chinês, que fica frente ao bar Silva da Manga, uma camisa de mangas compridas, que estava exposta sobre o balcão. Logo que a vi, fiquei-me interessado dela; entrei-me dentro da referida loja e perguntei um chinês que estava vender, (julgo ser ele o dono da loja) quando custava aquela camisa, que tanto eu apreciava. Ele respondeu-me que custava 165$00; aproximei-me da camisa, vi o preço de 165$00 marcado na camisa por próprio o dono da loja. Quando regressei à cidade, entrei-me numa loja de um comerciante no Maquinino e perguntei-lhe o custo da camisa igual a que eu tinha visto na Manga, disse-me que valia só por 110$00.

Como eu trazia no bolso a dita quantia, puxei-a a dei-lhe e ele deu-me a camisa. Que desgraça teria eu, se comprasse a camisa na Manga! Os 55$00 de diferência iam-se embora em vão. Já passa a conta do lucro. Não é só esse chinês que vende com o preço exagerado, e ilegal, assim como maloria dos comerciantes da cidade e da periferia. Assim não está bem. Julgo que o caso dispensa o comentário. Só pede-se quem é direito que fiscalize os preços das coisas que se vendem na nossa cidade e na periferia desta, para que os pobres não sejam muito furtados nos seusmisérios salários. O caso fica aqui exposto.

Vitorino Pereira dos Santos, natural de Inhassoro, 14 anos, residente na Beira.

O que me levo a escrever esta carta é o seguinte.
Quando eu presente à Beira no mês de Setembro de 1962 ouve

uma a azáfama na minha casa contra a minha mãe e a outra sujeita de Sofala.
Esta mulher andava sempre a criticar na obra da minha mãe. A mãezinha ficou tão aborrecida e foi perguntá-la. A mulher com tanto receio que tinha não respondeu quase nada. A mãezinha foi atacá-la e a mulher também se levantou, começaram a sua luta e foi vencida a mulher de Machane. Esta foi queixar-se à polícia, O senhor chefe mandou um auxiliar para que isse levar a minha mãe. A mãezinha foi ter com o senhor chefe. O senhor chefe disse para contar a como se passou. A Machangane começou a contar: Eu admiro senhor chefe por ver esta mulher a chegar em minha casa me fazer a vingança. Desejo que lha pergunte por qual razão que me fez a vingança? O senhor chefe assim perguntou. A minha mãe disse: eu fui fazer barulho em casa dela por ter me falado gineiras.
Exclamou então o senhorchefe: agora precebo. Por já tens pouco razão. Se fosse que ela viesse na sua habitação e lha perguntavas tinha o razão todo. Vão vos embora e esta mulher se te continuar venhas outra vez cá.

Luís Agostinho, solteiro, 16 anos, natural de Mopeia e residente na Beira.

Uma noite depois de ter saido do trabalho encontrei uma menina. A menina desceu do machibombo e dirigiu-se para casa dela. Eu vinha em direcção oposta da da menina. De repente apareceram três rapazes que se meteram com ela. A menina tinha muito medo daqueles rapazes. Os três rapazes já mencionados pretendiam apoderar-se da menina. Então eu aproximei-me e perguntei se todos eles pretendiam a mesma menina. Ora isto não está certo pois como deve ser é; uma rapariga e um rapaz, e não uma rapariga e três rapazes. É triste que ainda se vejam ainda estas cenas na nossa pacifica cidade. E por hoje é tudo. Obrigado Senhor Director.

António João Martinho, residente na Beira.

Hoje o assunto não é ilegal nem escandaloso, mas sim um assunto importante.

Nessa nossa cidade da Beira, há uma grande falta: falta essa que de facto toda gente muito bem conhece «à de casas-do-banho».

Ora para uma pessoa puder urinar ou deixar feses é um caso sério. Tem de andar correr toda cidade a procura dum lugar esconderijo para se esconder. E aonde, vai, é ir correr até ao Chiveve [1], esse que é o único lugar para...

E com todas urinas e feses que toda gente lá vai deixar, é que nos ataca doenças encuráveis e não sabamos donde vieram. Principalmente a doença vem nas moscas que vão poisar feses no chiveve e logo correm para bazares onde vendem e muita gente compram o que é necessário para alimentação. E essa alimentação já tem ali ovos das moscas. Assim senhor Director não ataca doença. Rogo a quem de directo resolver este problema, com o mais cedo possível, devido que essa falta de casas-de-banho causa um crime. Posto isto, termino pedindo desculpas aos caros leitores não sei, se estou em erro.

Causou-me maior consternação o falecimento do meu irmão Maurício Gomes Mueyela que contava 24 anos de idade, casado com a senhora Caritela Ossufo, mãe de dois filhos: Lucia Gomes Mueyela e Maria Gomes Mueyela.

Trata-se dum homem muito conhecido no Marromeu e Luabo, onde esteve prestando serviço de guarda na Companhia

[1] Braço de Mar que entra pelo centro da Beira e a única latrina pública de que podem dispor os indígenas.

Sena Sugar há dois anos. Agora esteve de férias de três anos na terra da sua naturalidade.

A cena que deu lugar a sua morte é muito imperceptível.

No ano de 1966 o irmão tinha mudado a sua residência situada na casa dos pais, então na Regedoria Nabula, para a Regedoria Bormuda, todo do posto administrativo de Naburi.

Antes do acontecimento que o vitimou em terra estranha tinha chegado na casa dos pais trazendo consigo uma perna de porco-espinho no dia 19 de Março de 1967, então muito forte e são.

Só a mulher conta que no dia 20 do mesmo mês de Março acima citado, em volta de 3 horas compareceu um vizinho amigo chamado Mucuancueia que levou o irmão para uma bebida em sua casa. Conta ainda que durante a bebida proveio uma discussão a qual foi substituida por umas pancadas. Os detractores e malfericos tinham por fim vingar-se do forasteiro que casou na terra deles. Os mesmos detractores gravaram no bolbo raquidiano do atentado uma pancada de pau que obrigou a cair sem sentido e meio morto. Os agressores levaram ainda a vítima para a residência dele. A mulher que presenciara a cena diz ter comparecido transportado sem fato nu completamente.

A pessoa que levou a vítima no dia seguinte, isto é, no dia 21 do referido mês de Março, da casa dele para casa dos pais na Regedoria Nabula, quando chegou não quis contar o que se passou, fingiu ter encontrado o homem doente. A vítima vinha sem articular palavras.

Depois de muito tentar salvar a vítima, certo é que no dia 28 do mesmo mês, desta vez no Hospital de Pebane, a pessoa agredida deixou de pertencer ao mundo dos vivos. O caso já foi apresentado às autoridades administrativas e delas esperamos.

Termino desejando que Deus conceda a paz a todos esses malfeitores.

■ **AFRONTAMENTO**

APARTADO 532 — PORTO

VOLUMES PUBLICADOS:

COLECÇÃO DE ANTOLOGIAS

1. *Ao Encontro da Pessoa*, Emmanuel Mounier e Jean Lacroix (fora do mercado)
2. *O Homem Invisível*, Pablo Neruda (esgotado)
3. *Do Integrismo ao Nacional Catolicismo — Os Católicos e as Direitas*, Louis Davallon, P. A. Liegè, M. Carrigou Lagrange, Louis Guinchard, Yves Congar
4. *O Plano Langevin-Vallon para a Reforma do ensino* (esgotado)
5. *Iniciação à Teoria Económica*, Ernest Mandel (2.ª edição)

OUTRAS PUBLICAÇÕES

1. *Em defesa de Joaquim Pinto de Andrade*, Mário Brochado Coelho — Julho de 1971
2. *Moçambique pelo seu povo* — selecção, prefácio e notas de José Capela — Agosto de 1971

TEXTOS

1. *Mas Socialismo porquê?*, Albert Einstein (esgotado)
2. *Vietnam*
   A oposição à guerra nos E. U. A.
   Programa da Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul (esgotado)
3. *Socialismo Crítico de Hoje — Teses de «Il Manifesto»*

COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA NUNES
R. D. JOÃO IV, 590
PORTO